

RAQUEL MEISTER KO. FREITAG

**GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO DE
ACHO (QUE) E PARECE (QUE)
NA FALA DE FLORIANÓPOLIS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Görski

FLORIANÓPOLIS, 2003

RAQUEL MEISTER KO. FREITAG

GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO DE *ACHO (QUE)* E *PARECE (QUE)* NA FALA DE FLORIANÓPOLIS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Görski

FLORIANÓPOLIS, 2003



RAQUEL MEISTER KO. FREITAG

GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO DE *ACHO (QUE)* E *PARECE (QUE)* NA FALA DE FLORIANÓPOLIS

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 25 de fevereiro de 2003.

Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro da Banca: Profa. Dra. Maria Luiza Braga
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Membro da Banca: Prof. Dr. Marco Antônio Rocha
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro Suplente: Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Estudos recentes, como o de Galvão (2002) e Dall’Aglia-Hattner *et alii* (2001), apontam para a possibilidade de surgimento de um sistema marcas evidenciais no português brasileiro, via gramaticalização, um processo especial de mudança lingüística pelo qual itens e construções um certo contexto lingüístico desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções cada vez mais gramaticais (cf. Bybee *et alii*, 1994; Hopper & Traugott, 1993; Heine *et alii*, 1991). A gramaticalização e variação de *acho (que)* e *parece (que)*, de verbos + complemento oracional > *marcadores de opinião* e *percepção* > *marcadores de dúvida* e *incerteza* é um recorte da possível trajetória de surgimento de um sistema evidencial no português. O objetivo deste trabalho é caracterizar, dentro de uma comunidade lingüística estratificada socialmente, os usos das construções *acho (que)* e *parece (que)* retratando o momento em que as duas formas desempenham a mesma função semântico-discursiva na fala de Florianópolis. A análise do uso de *acho (que)* e *parece (que)* na fala de Florianópolis está dividida em dois momentos: o da sua gramaticalização, de verbos + complemento oracional a *marcadores de opinião* e *percepção* e a *marcadores de dúvida*, e o do seu uso variável no desempenho da função de *marcador de dúvida*. A variação entre as duas formas é um estágio transitório da mudança pela qual elas passam, de verbos + complemento oracional a *marcadores de origem da informação* (evidenciais). Os pressupostos do Paradigma Funcional da Gramaticalização e da Teoria da Variação dão suporte para a análise do processo de variação e mudança pelos quais passam as formas *acho (que)* e *parece (que)*. Apesar da possibilidade de intercâmbio das formas, *acho (que)* e *parece (que)* tendem a ser utilizados em contextos específicos, condicionados por traços semântico-discursivos. Os resultados probabilísticos apontam especificidades contextuais para o uso de *acho* e *parece*, indicando o rumo da *especialização*, o que vai ao encontro à hipótese geral de que as formas estão se gramaticalizando como *marcadores de origem da informação* e entrando em um paradigma de evidencialidade.

Palavras-chave: mudança lingüística, variação, gramaticalização

SUMÁRIO

LISTAS.....	7
APRESENTAÇÃO	9
1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES.....	14
2 A LÍNGUA MUDA.....	16
2.1 MUDANÇA SOB A ÓTICA FUNCIONALISTA.....	16
2.1.1 Gramaticalização: uma visão pancrônica.....	22
2.2 MUDANÇA SOB A ÓTICA VARIACIONISTA.....	23
2.3 ABORDAGENS PRÉVIAS DE ACHO(QUE) E PARECE(QUE).....	26
2.3.1 A gramaticalização de acho (que) e parece (que).....	26
2.3.1.1 Um percurso histórico.....	32
2.3.1.2 O papel da frequência de uso no processo de gramaticalização.....	35
2.3.1.3 O papel dos fatores sociais no processo de gramaticalização.....	38
2.3.1.4 Considerações sobre os estudos já feitos sobre a gramaticalização de acho (que) e parece (que).....	38
2.3.2 Abordagens discursivas.....	38
2.3.2.1 Operadores argumentativos.....	39
2.3.2.2 Marcadores de atenuação.....	41
2.3.2.3 Marcadores discursivos.....	42
2.3.3 Proposta de abordagem.....	44
2.3.3.1 Verbo pleno.....	45
2.3.3.2 Verbo principal + complemento oracional: opinião.....	46
2.3.3.3 Verbo principal + complemento oracional: percepção.....	47
2.3.3.4 Verbo principal + complementizador integrados: dúvida.....	47
2.3.3.5 Verbo + predicativo.....	50
2.3.3.6 Recorte das variantes.....	50
3 COMO RETRATAR A MUDANÇA?.....	51
3.1 DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL.....	51
3.1.1 Tipo da escolha.....	52
3.1.2 Previsão da escolha.....	52
3.1.3 Recorrência da escolha.....	54
3.1.3.1 O Banco de Dados Varsul.....	55
3.1.3.2 Análise estatística.....	56

4	FOTOGRAFIA DE UMA MUDANÇA.....	58
4.1	A GRAMATICALIZAÇÃO.....	58
4.1.1	<i>Com ou sem complementizador?</i>	63
4.1.2	<i>Uma questão de ordem?</i>	66
4.1.3	<i>O entorno</i>	71
4.1.4	<i>Onde são usados?</i>	74
4.1.5	<i>O contexto social</i>	84
4.1.6	<i>Considerações sobre a gramaticalização de acho e parece</i>	86
4.2	A VARIAÇÃO.....	91
4.2.1	<i>Envolvimento</i>	91
4.2.2	<i>Aspecto</i>	93
4.2.3	<i>Complementizador</i>	94
4.2.4	<i>Seqüência discursiva</i>	95
4.2.5	<i>Complexidade do assunto</i>	97
4.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO.....	98
4.4	GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO.....	99
5	E A MUDANÇA SEGUE.....	104
5.1	GRAMATICALIZAÇÃO E EXPANSÃO DO CONTEXTO DE USO.....	105
5.2	ANÁLISE DIACRÔNICA.....	107
5.3	FREQÜÊNCIA DE USO: ASPECTOS MORFOFONÊMICOS.....	107
5.4	INFLUÊNCIA DE FATORES EXTERNOS.....	108
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	109

LISTAS

1. Quadros

QUADRO 1: PARÂMETROS E PROCESSOS ATUANTES NA GRAMATICALIZAÇÃO DE ACORDO COM LEHMANN (1982)	21
QUADRO 2: CARACTERIZAÇÃO DE <i>ACHAR</i> SEGUNDO GALVÃO (1999).....	27
QUADRO 3: CARACTERIZAÇÃO DE <i>ACHAR</i> E <i>PARECER</i> SEGUNDO CASSEB-GALVÃO E GONÇALVES (2001).....	30
QUADRO 4: QUEBRA DE CONTINUIDADE DAS PROPRIEDADES DO CONTÍNUO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>ACHAR</i> PROPOSTO POR GALVÃO (1999)	32
QUADRO 5: SUBDIVISÃO DAS FUNÇÕES DE <i>ACHO</i> (<i>QUE</i>) E <i>PARECE</i> (<i>QUE</i>).....	45
QUADRO 6: POSSIBILIDADES DE OCORRÊNCIA DE <i>ACHO</i> (<i>QUE</i>) E <i>PARECE</i> (<i>QUE</i>)	45
QUADRO 7: RECORTE DAS VARIANTES.....	50
QUADRO 8: SUBDIVISÃO DAS FUNÇÕES SEMÂNTICO-DISCURSIVAS DESEMPENHADAS POR <i>ACHO</i> (<i>QUE</i>) E <i>PARECE</i> (<i>QUE</i>).....	52
QUADRO 9: CONTÍNUO PROPOSTO PARA A GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i>	86
QUADRO 10: PARÂMETROS E PROCESSOS ATUANTES NA GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> DE ACORDO COM LEHMANN (1982)	90
QUADRO 11: TENDÊNCIAS DE USO DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> NA FUNÇÃO <i>MARCADOR DE DÚVIDA</i>	99
QUADRO 12: REVISÃO DO CONTÍNUO PROPOSTO PARA A GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i>	103
QUADRO 13: QUEBRA DE CONTINUIDADE DAS PROPRIEDADES DO CONTÍNUO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>ACHAR</i> PROPOSTO POR GALVÃO (1999)	106

2. Tabelas

TABELA 1: RESULTADOS QUANTITATIVOS OBTIDOS POR GALVÃO (1999, P. 110)	37
TABELA 2: DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS SELECIONADAS PARA A ANÁLISE.....	55
TABELA 3: FREQUÊNCIA DE USO DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> QUANTO ÀS FUNÇÕES DISCURSIVAS	59
TABELA 4: DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> QUANTO AO COMPLEMENTIZADOR	63
TABELA 5: CRUZAMENTO ENTRE A FUNÇÃO DISCURSIVA DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> A E PRESENÇA/AUSÊNCIA DE COMPLEMENTIZADOR	65
TABELA 6: FREQUÊNCIA DE USO DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> QUANTO À POSIÇÃO	69

TABELA 7: CRUZAMENTO ENTRE A FUNÇÃO DISCURSIVA DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> E A POSIÇÃO NA FRASE.....	70
TABELA 8: CRUZAMENTO ENTRE A FUNÇÃO DISCURSIVA DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> E A PRESENÇA/AUSÊNCIA DE MATERIAL INTERVENIENTE.....	73
TABELA 9: CRUZAMENTO ENTRE A FUNÇÃO DISCURSIVA DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> E O TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA	77
TABELA 10: FUNÇÕES DISCURSIVAS DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> E A COMPLEXIDADE DO ASSUNTO DISCORRIDO	80
TABELA 11: CRUZAMENTO ENTRE A FUNÇÃO DISCURSIVA DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> E O TIPO DE ASSUNTO DISCORRIDO	81
TABELA 12: FUNÇÕES DISCURSIVAS DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> E O ENVOLVIMENTO DO FALANTE	83
TABELA 13: RECORRÊNCIA DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> QUANTO À FAIXA ETÁRIA DOS FALANTES	85
TABELA 14: FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> MARCADORES DE DÚVIDA QUANTO AO ENVOLVIMENTO	92
TABELA 15: FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> MARCADORES DE DÚVIDA QUANTO AO ASPECTO	94
TABELA 16: FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> MARCADORES DE DÚVIDA QUANTO AO COMPLEMENTIZADOR	95
TABELA 17: FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> MARCADORES DE DÚVIDA QUANTO À SEQUÊNCIA DISCURSIVA	96
TABELA 18: FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE <i>ACHO</i> E <i>PARECE</i> MARCADORES DE DÚVIDA QUANTO À COMPLEXIDADE DO ASSUNTO	97

APRESENTAÇÃO

A linha de pesquisa *Variação, mudança e ensino* do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina é respaldada, essencialmente, pelo Banco de Dados do Projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL), cujos objetivos são a organização de um banco de dados lingüísticos – nos moldes da sociolingüística quantitativa – do português falado na região sul do país, e o desenvolvimento de pesquisas centradas na descrição da fala urbana regional em sua variação; na comparação com outras variedades do português falado; e no teste de teorias lingüísticas¹.

A pesquisa sociolingüística, para além do plano da fonologia, costuma causar polêmica e está sujeita a questionamentos. Porém, o GT de Sociolingüística da Anpoll destaca a incorporação da dimensão discursiva, que vem apresentando maior vitalidade, especialmente dentre os sociolingüistas brasileiros (MOLLICA & SOUZA, 2000). Neste cenário, merece destaque o projeto integrado *Variação e mudança de itens de base verbal e adverbial: funções e formas concorrentes* (1999), coordenado pela Profa. Edair Görski, ao qual estão vinculadas pesquisas de graduação (Iniciação Científica), e pós-graduação (Mestrado e Doutorado) da Linha de Pesquisa *Variação, mudança e ensino*, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. São frutos deste projeto as

¹ O banco de dados foi oficialmente apresentado à comunidade acadêmica em 1996, no I Encontro de Variação Lingüística do Cone Sul, realizado em Porto Alegre, contando com 288 entrevistas gravadas, transcritas e armazenadas eletronicamente. Dezenas de trabalhos, incluindo teses, dissertações, monografias e artigos em diferentes áreas (fonologia, morfologia, sintaxe e discurso) já foram produzidos nos três estados, com análise da variação e mudança lingüística no sul do país.

dissertações *Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores*, e a tese *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*, de Maria Alice Tavares (1999 e 2003, respectivamente); *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*, de Diane Dal Mago (2001); *SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*, de Carla Regina Martins Valle (2001); *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*, de Cláudia Rost (2002); e *Bem e bom e suas multifunções na fala da região sul do Brasil*, de Ladigenia Teresa Martins (2003).

Esta dissertação é desdobramento de um projeto de Iniciação Científica², também vinculado ao projeto integrado, com o título *Eu acho que está se gramaticalizando, eu acho* (FREITAG, 2000), onde tratei da gramaticalização de *eu acho que* na fala de Florianópolis. Retomo meu antigo projeto de Iniciação Científica, englobando também a temática desenvolvida por Simone Constante (2001), que tratou da gramaticalização de *parece que* em seu projeto de Iniciação Científica.

Dividi a dissertação em cinco capítulos: no primeiro, *introdução*, exponho minha hipótese a respeito do surgimento de marcas evidenciais no português, e insiro neste contexto a variação de *eu acho que* e *parece que* como marcadores de dúvida e incerteza. No segundo capítulo, *a língua muda*, apresento os pressupostos teóricos norteadores da minha investigação (gramaticalização e variação e mudança lingüística) e também apresento os estudos já feitos a respeito do fenômeno em estudo. No terceiro capítulo, *como retratar a mudança?*, apresento os passos metodológicos tomados para a investigação do fenômeno. O capítulo quarto é destinado à exposição e discussão dos resultados quantitativos e qualitativos encontrados na análise, fornecendo a *fotografia de uma mudança*. E o quinto capítulo é destinado a comentários e sugestões para pesquisas futuras, pois *a mudança segue*.

² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

1 INTRODUÇÃO

A língua passa por mudanças desencadeadas por necessidades comunicativas. Com esse pressuposto, analisando os dados de fala, acredito que o português esteja desenvolvendo marcas de evidencialidade. Bybee, Perkins & Pagliuca (1994, p. 184) definem os *evidenciais* como *marcadores que indicam algo sobre a fonte de informação da proposição*.

Conforme aponta Floyd (1999), a codificação lingüística da origem da informação é feita pelo meio da categoria dos evidenciais. Os evidenciais têm um sentido prototípico que é primariamente relacionado em termos de noções de origem da informação (*op. cit.*, p. 1). Marcas evidenciais indicam não só noções de origem de informação, mas também indicam sobre atitudes do falante e crenças sobre seu conhecimento. As atitudes e crenças adentram no domínio da modalidade epistêmica e é difícil distinguir se as atitudes estão dentro do domínio da *evidencialidade* ou da *modalidade epistêmica* (*op. cit.*, p. 15, grifo meu).

Outra noção associada à evidencialidade é a de *validação*: especificação do grau com que o falante incorpora a proposição dentro da sua visão de verdade. A validação atua no plano de asserção da verdade ou factualidade da proposição, tradicionalmente dentro do domínio da modalidade (*op. cit.* p. 21).

Os estudos sobre evidencialidade são relativamente recentes, sem que haja consenso quanto às fronteiras desse domínio. Palmer (1986), assim como Bybee *et alii* (1995) coloca a evidencialidade junto aos julgamentos, no âmbito da modalidade

epistêmica. Galvão (2002) aponta que há autores que diferenciam modalidade e evidencialidade³, ao passo que outros reconhecem a evidencialidade como uma categoria modal que pode ou não estar se gramaticalizando⁴.

Outra questão que Galvão (2002, p. 3, grifo meu) coloca é quanto à origem dos marcadores evidenciais. *A língua pode ter um sistema evidencial original ou, dependendo da necessidade comunicativa, esse sistema pode vir a se desenvolver no decorrer do tempo.* Ela apresenta a hipótese do provável desenvolvimento do sistema evidencial gramaticalizado no português do Brasil. Vou ilustrar:

1. Vai chover
2. Acho que vai chover
3. Parece que vai chover
4. Diz que vai chover

Em cada uma das quatro frases anteriores, o conteúdo proposicional é “vai chover”. *Acho que*, *parece que* e *diz que* acrescentam ao conteúdo proposicional a origem da informação. *Acho que* é uma marca de informação direta/primeira pessoa; *parece que* é uma marca de informação indireta/comum a duas ou mais pessoas e *diz que* é uma marca de informação indireta/externa.

Para estudar a origem de marcadores evidenciais no português, assumo a perspectiva adotada por Galvão (2002). Galvão se apóia em De Haan (1997 *apud* Galvão 2002, grifo meu), que *reconhece a evidencialidade como uma categoria modal que pode ou não estar gramaticalizada nas línguas.* Segundo De Haan, os evidenciais têm as seguintes características: não são a parte principal da oração; não apresentam concordância com o falante; a evidencialidade é o seu significado primário; e não podem estar no escopo de elementos negativos.

Outro estudo que delinea a possibilidade de surgimento de marcas de origem de informação no português é o de Dall’Aglio-Hattner *et alii* (2001), para quem *diz que* e *parece que*, assim como *sei lá* e *não sei*, seriam *estratégias de descomprometimento* e passam por processo de mudança, de itens lexicais a evidenciais ou modais. Compare-se:

³ Nuyts (1992, *apud* Galvão 2002)

⁴ Anderson (1986 *apud* Galvão 2002) e De Haan (1997 *apud* Galvão 2002).

5. O deputado federal José Santana de Vasconcelos (PFL) prega uma grande aliança em torno do governo. *Ele diz que* o bom relacionamento entre o PFL, o PSDB e o PTB mineiros deve ser estendido ao plano federal.⁵
6. Pois é, no Cassino da Urca, olha que chique. Parece até que ela é uma jovem muito simpática, culta, prendada... E rica, é claro. *Diz que* a família dela tem muito dinheiro.⁶

São construções de verbo + complemento oracional, com a característica comum de o verbo estar cristalizado em um tempo, modo e pessoa específicos. O primeiro caso ilustra a forma lexical original, formada de sujeito + verbo + oração complemento; no segundo caso, a expressão *diz que* parece se comportar como um único item, autônomo, não mais verbo + oração complemento.

O mesmo se dá com *acho que* e *parece que*. Analisando a fala de Florianópolis⁷, é possível identificar usos de *acho que* e *parece que*, como os que seguem.

7. Eles são muito assim, berrão, eles fazem muito escândalo, muito matraca, eles vão lavar roupa suja na rua assim, sabe? a coisa mais ridícula. PARECE QUE eles nem tem casa, eles vivem na frente da casa dos outros. E os do lado assim, são muito quietos e eles ficam debochando dos outros assim, sabe? SC FLP
8. Eu tinha que explicar melhor, não era tão, assim, como agora a mãe já libera mais ele, tal. Não sei se é porque tem outros dois mais- mais velhos, tal, né? Mas ACHO QUE é mais liberado do que antes, né? nesse aspecto. Mas eu saía mais tranquilo do que ele. SC FLP

A informante faz uma comparação entre o comportamento dos vizinhos e a ausência de uma casa, o que é codificado por *parece que*. Ao expressar sua opinião sobre a relação com os pais na sua adolescência, no outro exemplo, o falante indica que “hoje ser mais liberado do que antes” é uma opinião sua. Nesse caso, é uma opinião do falante sobre coisas que acontecem no "mundo"; no caso de *parece*, é uma constatação que o falante faz a partir do que observa no "mundo" que se coloca ao falante.

⁵ Extraído de Dall’Aglio-Hattner *et alii* (2001, p. 1). Grifo dos autores.

⁶ Extraído de Dall’Aglio-Hattner *et alii* (2001, p. 1)

⁷ Os dados de *acho (que)* e *parece (que)* na fala de Florianópolis foram extraídos do *corpus* do Banco de Dados Varsul, que é detalhado no capítulo destinado à metodologia. As duas primeiras letras referem-se ao estado (Santa Catarina), as três letras seguintes referem-se à cidade (Florianópolis) e o número é o número do informante.

Quando essas formas são utilizadas para indicar *dúvida*, a diferença da origem da informação não desaparece totalmente, mas o sentido mais forte, que é o de *dúvida*, permanece.

9. Sempre pa- passei direto, nunca fiquei em recuperação. Já no segundo grau, eu fiquei em recuperação os três anos em Física, e, no terceiro ano, EU ACHO e também fiquei em Matemática. SC FLP

A forma *acho* marca incerteza quanto ao ano em que o informante ficou em exame de recuperação, sem enfatizar com tanto rigor como nos casos anteriores a origem da informação. Tanto que é possível intercambiar *acho* com *parece* sem que com isso ocorra desvio do sentido de *dúvida* pretendido:

10. Sempre pa- passei direto, nunca fiquei em recuperação. Já no segundo grau, eu fiquei em recuperação os três anos em Física, e, no terceiro ano, PARECE e também fiquei em Matemática.

Mas como esses verbos passaram a marcar origem de informação? Galvão (2002, p. 4) descreve *usos evidenciais no português do Brasil desenvolvidos a partir da gramaticalização da oração matriz que introduz uma oração encaixada construída com o predicado dizer, primeira pessoa do singular, presente, modo indicativo*.

Um parâmetro teórico para explicar essa mudança é o paradigma funcional da gramaticalização, conforme proposto por Hopper & Traugott (1993), Heine *et alii* (1991), Bybee *et alii* (1995), entre outros. Por meio do processo de gramaticalização, itens lexicais, ou menos gramaticais, vão ampliando seu contexto de uso, passam a assumir funções mais gramaticais, e tornam-se novos itens.

1.1 Objetivos, questões e hipóteses

Meu objetivo geral é contribuir para a descrição do português falado na região sul do Brasil, retratando o momento em que duas formas – *acho (que)* e *parece (que)* – desempenham a mesma função semântico-discursiva na fala de Florianópolis, que é a de marcar incerteza e *dúvida* do falante quanto ao conteúdo e origem da informação expressa na proposição. Parto do pressuposto de que a variação entre as duas formas é um estágio transitório da mudança pela qual elas passam, de verbos + complemento oracional a

marcadores de origem da informação (evidenciais). Também é objetivo geral contribuir com discussões teóricas que propõem uma abordagem conjunta da Teoria da Variação e da Gramaticalização para a análise de fenômenos de variação e mudança lingüística.

Especificamente, pretendo caracterizar, dentro de uma comunidade lingüística – Florianópolis – estratificada socialmente, os usos de *acho (que)* e *parece (que)*. A partir dos usos encontrados para *acho (que)* e *parece (que)*, pretendo traçar sincronicamente o contínuo que explicita a mudança conceitual e estrutural pelas quais passam as construções, com base nos pressupostos da gramaticalização.

Admitindo que *acho (que)* e *parece (que)* estão desempenhando a mesma função semântico-discursiva, procuro estabelecer os condicionamentos sociais e lingüísticos que regem o seu uso. Quanto aos fatores sociais, podem interferir a faixa etária e o tempo de escolarização, e, quanto aos fatores lingüísticos, é possível que o grau de envolvimento do falante com o conteúdo proposicional da oração em que ocorrem *acho (que)* e *parece (que)*, o tipo de seqüência discursiva, o tipo de assunto discorrido pelo falante, posição em que ocorrem na frase e a presença de complementizador influenciem na escolha de uma ou outra forma.

2 A LÍNGUA MUDA

Este capítulo é dedicado à exposição do quadro teórico que norteia a investigação, tratando da mudança nas visões funcionalista e variacionista. Também é apresentada a revisão bibliográfica a respeito do fenômeno e, a partir dos resultados de estudos anteriores, discuto a minha proposta de análise e de contínuo da gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)*.

2.1 Mudança sob a ótica funcionalista

A língua, como objeto social, está em uso. E, por estar em uso, está sujeita a constantes modificações. Para Hopper (1987), a gramática é emergente e por isso as estruturas lingüísticas não podem ser aprioristicamente definidas, nem fixas. A estrutura da língua é moldada pelo discurso: assim, quanto mais utilizada uma construção, mais ela tende a se tornar estruturada. Estudos recentes compilados por Bybee & Hopper (2000) ressaltam a importância do papel da *freqüência de uso* na formação daquilo que convencionalizamos chamar "gramática".

Se a gramática não é fixa, como novas construções surgem na língua? Uma explicação é dada pelo paradigma funcional da gramaticalização, já mencionada superficialmente no capítulo anterior.

Meillet (1965, p.130-131) aponta que há duas formas de surgirem novas palavras na língua: analogia ou gramaticalização, ou seja, *a atribuição de estatuto gramatical a palavras anteriormente autônomas* [tradução minha]⁸

Muitos estudos depois, ainda não há consenso na definição de gramaticalização, embora a todas perpassa a idéia meilletiana de *processo* e *unidirecionalidade*. A unidirecionalidade do processo é devida ao fato de a mudança partir de uma categoria ou conceito concreto para o abstrato, e não ao contrário: para Heine *et alii* (1991a) há gramaticalização quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical. Hopper & Traugott (1993, p. 15) consideram a gramaticalização como *o processo por meio do qual itens e construções lexicais em um certo contexto lingüístico desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais*[tradução minha]⁹.

A unidirecionalidade da gramaticalização não se restringe ao plano do significado; abrange também o plano categorial. O contínuo de mudança categorial que melhor ilustra o processo é *léxico > gramática*, ou ainda, de categorias menos gramaticais a categorias mais gramaticais. Hopper & Traugott (1993) definem *categorias maiores*, ou menos gramaticais, as formadas por nomes e verbos¹⁰, e *categorias menores*, ou mais gramaticais, as compreendidas por conjunções, verbos auxiliares, pronomes e demonstrativos (categorias relativamente fechadas). Adjetivos e advérbios compreenderiam um grau intermediário, e poderiam muitas vezes derivar de verbos e nomes.

A gramaticalização, conforme Givón (1991, p. 122), pode ser entendida como um processo que atua em dois planos: o *ajuste conceitual* (semântica e pragmática) e o *ajuste estrutural* - reanálise - (fonologia e morfossintaxe).

⁸ L'attribution du caractère grammaticale à un mot jadis autonome.

⁹ [...] grammaticalization as the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions.

¹⁰ Hopper & Traugott chamam os verbos das categorias maiores de mais abertos "lexicalmente", ou seja, verbos com significação própria (estão excluídos os auxiliares, por exemplo).

O plano conceitual da gramaticalização é enfatizado especialmente por Heine *et alii* (1991a; 1991b), que partem da configuração cognitiva da gramaticalização, com o princípio da exploração de velhos sentidos para novas funções (Heine *et alii*, 1991b, p. 150): conceitos concretos são utilizados para compreender, descrever ou explicar fenômenos menos concretos. O desenvolvimento de novas estruturas gramaticais é motivado pela necessidade comunicativa não-realizada ou pela presença de conteúdos cognitivos que não têm designação lingüística adequada. Gramaticalização nesse sentido é um processo de solução de problemas. O processo de gramaticalização é estruturado metaforicamente e pode ser descrito em termos de poucas categorias básicas: *pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade*¹¹ (*op. cit.*, p. 157).

No plano estrutural, a gramaticalização pode sofrer efeito de processos como a *reanálise*. A reanálise consiste na *mudança estrutural de uma expressão ou classe de expressão que não envolve modificação imediata e intrínseca na sua manifestação de superfície* (Langacker, 1977, p. 38) [tradução minha]¹². É a mudança de uma regra, porém sem reflexos na sua manifestação, pois essa mudança dá-se apenas no eixo sintagmático. Uma nova estrutura se desenvolve a partir de outra, com o rearranjo das fronteiras entre os constituintes: (a, b) c > a (b, c). Alguns estudos tratam reanálise como gramaticalização, pois ambos seriam processos de desenvolvimento de entidades lexicais a gramaticais. O que distingue um processo do outro, conforme Heine *et alii* (1991b), é a unidirecionalidade, que consideram uma propriedade inerente à reanálise, porém não necessariamente sempre presente, como na gramaticalização. Heine *et al.* apontam que há casos de reanálise sem gramaticalização (duas cláusulas coordenadas são reanalisadas como uma nova estrutura), e gramaticalização sem reanálise (*this man > the man*)¹³, por exemplo. (Heine *et alii.*, 1991b, p. 167-169).

A idéia de gramaticalização que mais vem ao encontro dos propósitos do meu estudo é a proposta por Bybee *et alii* (1994), revisada em Bybee (2001). A gramaticalização é caracterizada pelo aumento da freqüência de uso de uma palavra ou

¹¹ Categorias metafóricas: relações do tipo tempo é espaço; espaço é um objeto, onde a primeira categoria é tópico e a segunda veículo, dentro de uma equação metafórica.

¹² Change in the structure of an expression or class of expressions that does not involves any immediate or intrinsic modifications of its surface manifestation.

¹³ O exemplo não é muito esclarecedor, nem convincente, mas é o que Heine *et alii* (1991b) apontam para diferenciar reanálise de gramaticalização.

construção, que aumenta a possibilidade/probabilidade de expansão do seu sentido, com decorrências morfossintáticas e morfofonêmicas.

Bybee defende o papel fundamental da repetição no processo de gramaticalização, que é caracterizado como o processo pelo qual uma seqüência de morfemas ou palavras freqüentemente utilizada torna-se automatizada como uma única unidade no processamento. A freqüência de uso pode ser considerada como a desencadeadora de todo o processo, afetando a fonologia e a semântica por promover mudança, e também a morfossintaxe, por assegurar a preservação de uma forma anterior.

As mudanças fonológicas que ocorrem em construções que estão passando por gramaticalização, como a fusão e a redução, são impulsionadas pela sua alta freqüência de uso. Morfemas ou construções com alta freqüência de uso sofrem mudança de som a uma velocidade mais rápida do que palavras ou construções com baixa freqüência de uso. Uma possível explicação é que a segunda repetição é significativamente mais curta do que a primeira; é o que apontam Fowler & Housun (1987, *apud* Bybee, 2001).

A perda da clareza semântica das construções que estão passando por gramaticalização leva à ampliação do seu contexto de uso. Um dos mecanismos mais atuantes no processo de gramaticalização é o *esbranqueamento semântico* ou *generalização*, por meio do qual características específicas do sentido vão sendo perdidas.

A autonomia de uma expressão freqüente cristalizada na língua condiciona a preservação de características morfossintáticas obsoletas (é o caso de *tomara*, por exemplo, que tem fossilizada a marca temporal de pretérito mais que perfeito).

Hopper (1991, p. 22-23) propõe cinco princípios para a caracterização de um processo inicial de gramaticalização.

1. *Estratificação*: dentro de um domínio funcional, novas camadas emergem continuamente. Quando isso acontece, as camadas velhas não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as camadas novas.
2. *Divergência*: quando uma forma lexical se gramaticaliza em clítico ou afixo, a forma lexical original permanece autônoma e suscetível a sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns.
3. *Especialização*: dentro de um domínio funcional, em um estágio, é possível coexistir uma variedade de formas com diferentes nuances

semânticas. Com a gramaticalização, a possibilidade de escolha diminui e um número menor de formas assume sentidos gramaticais mais gerais.

4. *Persistência*: quando uma forma sofre gramaticalização passando de lexical a gramatical, alguns traços de seu sentido lexical original tendem a continuar, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical.

5. *Decategorização*: a gramaticalização sempre envolve a perda de categoria e prossegue na seguinte direção: nome e verbo > outra categoria, não o contrário. [tradução minha]¹⁴

Os princípios de Hopper sugerem que, com o surgimento de novas camadas dentro de um domínio funcional, as camadas (ou formas) velhas não são necessariamente descartadas, podem coexistir e interagir com as camadas novas, que retêm vestígios de um sentido lexical antigo. A forma lexical original permanece autônoma e sofre as mesmas mudanças que outros itens lexicais. E o morfema ou a construção que sofre gramaticalização migra de uma categoria menos gramatical para outra, mais gramatical. Hopper ressalta que esses princípios são gerais e aplicáveis a qualquer processo de mudança.

Ao analisarem línguas africanas, Heine & Reh, (1984) contribuem significativamente para o estudo da gramaticalização enfatizando mais o seu caráter processual do que o resultado final a que chegam as construções.

Segundo Heine & Reh, uma forma que passa por gramaticalização sofre processos *funcionais* (dessemantização, expansão, simplificação e união), *morfo sintáticos* (permutação, composição, cliticização, afixação e fossilização) e *fonéticos* (adaptação, erosão, fusão e perda). Quanto mais gramaticalizada uma forma ou construção:

¹⁴ Layering: Within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded but may remain to coexist with and interact with the newer layers.

Divergence: When a lexical form undergoes change to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items.

Specialization: Within a functional domain, at one stage a variety of forms with different semantic nuances may be possible. As grammaticalization occurs, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings.

Persistence: When a form undergoes grammaticalization from a lexical to a grammatical function, so long as it continues to have a grammatical role, some traces of its original lexical meanings tend to adhere to it, and details of its lexical history may be reflected in its grammatical distribution.

- a) menor sua complexidade semântica, sua significação funcional e/ou seu valor expressivo;
- b) menor seu valor pragmático e maior valor sintático;
- c) mais reduzido o número de elementos pertencentes ao seu paradigma sintático;
- d) menor sua mobilidade sintática;
- e) mais seu uso torna-se obrigatório em alguns contextos e agramatical e outros;
- f) maior sua coalescência semântica, morfossintática e fonética com outras unidades;
- g) maior perda da sua massa fônica.

As constatações de Heine e Reh se refletem nos parâmetros propostos por Lehmann (1982) para medir o grau de gramaticalização de uma forma e também processos pelos quais passa uma forma ou construção em gramaticalização. Os parâmetros e os processos atuantes na gramaticalização podem ser esquematizados como segue:

QUADRO 1: PARÂMETROS E PROCESSOS ATUANTES NA GRAMATICALIZAÇÃO DE ACORDO COM LEHMANN (1982)

Parâmetro	Processo	Gramaticalização fraca	Gramaticalização forte
<i>Integridade</i>	<i>Atrito</i>	Feixe de traços semânticos possivelmente polissilábicos	Poucos traços semânticos: oligo- ou monosegmentais
<i>Paradigmacidade</i>	<i>Paradigmacidade</i> tendência para as formas se arranjam em paradigmas	Item participa livremente no campo semântico	Paradigma pequeno e fortemente integrado
<i>Variabilidade paradigmática</i>	<i>Obrigatoriedade</i> Formas opcionais tornam-se obrigatórias	Escolha livre de acordo com as intenções comunicativas	Escolha sistematicamente restringida, uso largamente obrigatório
<i>Escopo</i>	<i>Condensação</i> Encurtamento das formas	Item relaciona-se com constituintes de complexidade arbitrária	Item modifica palavra ou raiz
<i>Vinculação</i>	<i>Coalescência</i> Colapsos das formas adjacentes	Item independentemente justaposto	Item é afixo ou traço fonológico
<i>Variabilidade sintagmática</i>	<i>Fixação</i> Ordem linear livre torna-se mais fixa	Item pode se mover livremente	Item ocupa espaço fixo

De-categorialization: Grammaticalization always involves a loss of categoriality and proceeds in the following direction: Noun and Verb → another category, never the reverse.

Os princípios estabelecidos por Hopper (1991) e os parâmetros propostos por Lehmann são muito úteis quando da caracterização da gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)* na fala de Florianópolis.

2.1.1 Gramaticalização: uma visão panorâmica

Nos estudos funcionalistas mais recentes, nota-se uma orientação cada vez mais acentuada para a investigação histórica dos fatos lingüísticos, aliada à descrição sincrônica.

Furtado da Cunha, Oliveira & Votre (1999) ressaltam que a interação e interdependência entre sincronia e diacronia é fundamental para compreensão do processo de gramaticalização já que, além do exame das formas gramaticais como um fenômeno discursivo-pragmático, primariamente sintático, cabe também investigar a origem dessas formas e os caminhos/trajetórias de mudança por que passam.

Estudar a mudança lingüística - intrínseca à gramaticalização - envolve a pesquisa e a comparação de estágios lingüísticos distintos, utilizando modelos ou teorias desenvolvidos nas pesquisas sincrônicas. Por outro lado, esses modelos podem ser testados a partir de dados históricos, e só podem ser considerados completos se permitirem a incorporação da mudança na gramática. A combinação de informação sincrônica e diacrônica, no que se caracteriza como uma abordagem panorâmica do estudo da língua, fornece uma descrição mais densa, com possibilidade de explicação mais completa do fenômeno sob investigação.

Segundo Furtado da Cunha *et alii*, o estudo lingüístico sincrônico está intrinsecamente associado ao diacrônico, e uma abordagem diacrônica é desejável porque aumenta o poder explanatório da teoria lingüística. Demonstrar que uma dada forma ou construção desempenha determinada função não justifica a existência dessa forma ou construção. É necessário, também, tentar mostrar como essa forma ou construção veio a ter essa função. Outro argumento favorável à abordagem panorâmica é que os fatores cognitivos e comunicativos que subjazem ao significado gramatical são mais claramente revelados à medida que a mudança ocorre, ou seja, em situações de dinamismo ao invés de situações de estabilidade. Também o fato de as generalizações serem mais efetivamente

formuladas como generalizações sobre rotas ou trajetórias de desenvolvimento do que como generalizações sobre estados sincrônicos; a diacronia fornece explicações mais reveladoras das correlações entre forma e significado ou função.

Uma vez que um elemento lingüístico é capaz de adquirir e reter novos sentidos e usos sem perder os antigos, seu estudo requer uma perspectiva pancrônica. Os autores postulam que a gramaticalização deve ser concebida como um processo pancrônico que apresenta uma perspectiva diacrônica, já que envolve mudança, e uma perspectiva sincrônica, já que implica variação que pode ser descrita como um sistema sem referência a tempo.

Furtado da Cunha *et alii* concluem que a lingüística funcional é essencialmente pancrônica, pois os princípios que a norteiam podem ser aplicados quer aos padrões fluidos do uso da língua que se observam num corte sincrônico, quer aos processos de mudança que se depreendem na trajetória diacrônica.

Embora seja desejável, não vou contemplar a dimensão diacrônica da gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)*. Vou me limitar a testar as constatações diacrônicas já feitas por Neves (1999), Galvão (2000) e Gonçalves (2003) nos dados sincrônicos do *corpus* de Florianópolis.

2.2 Mudança sob a ótica variacionista

A heterogeneidade e a variabilidade são características inerentes da língua. Assim postulam Weinreich, Labov & Herzog (1968) em *Empirical foundations of the language change*, estudo pioneiro na área da variação lingüística, que se coloca como uma reação ao caráter imutável e homogêneo da língua que era apregoadado pelo Estruturalismo. Weinreich *et alii* discutem problemas no estudo da variação. A grande questão norteadora do seu estudo é “por que as línguas mudam?”. Eles delineiam hipóteses para o estudo de que possíveis mudanças podem ocorrer em determinada estrutura lingüística e seus possíveis condicionamentos lingüísticos e sociais. Weinreich *et alii* postulam alguns princípios para subsidiar o estudo do processo da mudança lingüística a partir de três pontos: o falante aprende uma forma alternante para uma variável lingüística; o tempo

em que as duas formas coexistem; e o tempo em que uma das formas torna-se obsoleta. Para que haja a mudança, necessariamente duas ou mais formas concorreram durante um tempo; a mudança pressupõe a existência de um período de variação. A mudança não é caótica, pressupõe que haja variação, embora variação não implique mudança e, além disso, a extensão da mudança não é instantânea nem uniforme. Para os autores, o uso lingüístico está diretamente relacionado às pressões sociais.

A comprovação empírica dos princípios formulados por Weinreich *et alii* para o estudo da mudança lingüística é efetivada com os clássicos trabalhos de William Labov sobre a elevação dos ditongos /aw/ e /ey/ na ilha de Martha's Vineyard e da rotarização do /r/ em lojas de departamento em Nova York. Com o objetivo de demonstrar as motivações sociais para a mudança dos sons (os ditongos /aw/ e /ey/), Labov (1972a) procura abordar a origem, difusão e regularidade das mudanças lingüísticas, concluindo que pressões sociais estão continuamente operando sobre a linguagem. No estudo sobre a rotarização do /r/ em lojas de departamento em Nova York, Labov constata que a variável lingüística é um diferenciador social em todos os níveis de fala na cidade de Nova York.

Em estudo sobre a contração e o apagamento da cópula verbal do Inglês, Labov (1972b) desloca o foco da discussão, centrada na correlação entre usos lingüísticos e estrutura social, para a necessidade de uma análise estatística no tratamento da variação lingüística. Para tanto, usa o programa VARBRUL2S, desenvolvido por Cedergren & Sankoff (1972)¹⁵. Em estudo posterior, Labov & Weiner (1983) analisam a variação entre passivas sem agente e ativas com agente genérico em *Black English Vernacular* na fala espontânea, e constatam que os fatores sociais não são significativos na escolha de uma ou de outra forma, ou seja, passiva sem agente e ativa com sujeito genérico são formas equivalentes para o falante dizer a mesma coisa ou, ainda, ativa/passiva são semanticamente equivalentes e socialmente irrelevantes. Os resultados obtidos no caso da ativa/passiva levam à mudança dos pressupostos levantados por Weinreich *et alii* (1968): o estudo da variação pode detectar a mudança considerando também os fatores internos, relativos ao funcionamento da gramática.

O fato de fatores sociais não serem significativos no condicionamento da variação detona uma discussão a respeito do que é uma variável lingüística e o que é

Sociolingüística. A definição de Labov para variantes de uma mesma variável é duas ou mais formas que necessariamente têm o mesmo valor de verdade no mesmo contexto. No campo da fonologia essa distinção é clara. Ao ampliar o campo para a sintaxe, nem sempre há consenso quanto ao valor de verdade. Lavandera (1978) questiona não só a possibilidade de variação fora dos limites da fonologia como também a não influência dos fatores sociais na variação. Na sua argumentação, a Sociolingüística deve necessariamente estudar a influência dos fatores sociais sobre a língua, fato que é treplicado por Labov (1978), ao defender que o que está em jogo nos fenômenos de variação não são só fatores sociais – que podem, mas não necessariamente devem influenciar no condicionamento de fenômenos de variação. O objeto de estudo da Lingüística, segundo Labov, é a língua, e sendo assim, todo lingüista é sociolingüista porque a língua não existe se não estiver em uso, é inerentemente social. Se as coisas não forem deste modo, os *sociolingüistas seriam alguma coisa à parte da lingüística?* (Labov, 1972a, p. 183).

Labov (1982) revisita os fundamentos empíricos, agregando resultados de seus trabalhos anteriores. O caráter heterogêneo da comunidade de fala consiste no fato de que há muitas maneiras semanticamente equivalentes de se dizer “a mesma coisa”. Portanto, as variantes estão freqüentemente associadas a traços de natureza interna da língua e possivelmente também a características externas do falante e da situação (registro, classe social, etnia, sexo, idade). A mudança não é o resultado de um processo de substituição de elementos em sistemas homogêneos; é o próprio processo, que expõe o caráter heterogêneo dos sistemas lingüísticos.

Qual é o possível efeito da variação sobre a comunicação durante o processo de mudança sobre o uso real da língua? Uma hipótese é a funcional, em que a mudança é diretamente afetada pela necessidade de preservação do significado. A hipótese funcional, segundo Labov (1994), é invalidada pelo fato de que a necessidade de preservar a informação é relativamente fraca e que pode ser repelida por uma série de fatores. Com certas perdas, a língua se ajusta para preservar a sua capacidade de transmitir significado. A antifuncionalidade da mudança é rebatida por Naro (1998), que elenca resultados de estudos comprovando tanto a funcionalidade quanto a antifuncionalidade da mudança.

¹⁵ O pacote estatístico VARBRUL2S é detalhado na seção 3.1.3.2 do capítulo destinado à metodologia.

Naro aposta na natureza cíclica¹⁶ da mudança (*op. cit.*, p. 113) e os estudos de Labov que corroboram com a antifuncionalidade da mudança estariam em algum ponto final do ciclo¹⁷. A funcionalidade plena da mudança existiria em algum ponto medial do ciclo; no final do ciclo, com a erosão fonética, a situação é de pobreza, enquanto no início existiria um excesso de marca.

Labov (1994) afirma que o estado lingüístico sincrônico é resultado de um desenvolvimento passado que continua no presente. O princípio do *uniformitarismo* apregoadado por Labov prevê que tendências hoje em curso devem ter atuado em estágios anteriores e possivelmente continuarão a atuar. É o uso do presente para explicar o passado.

2.3 Abordagens prévias de *acho(que)* e *parece(que)*

O comportamento de *acho(que)* e *parece(que)* já foi objeto de diversos estudos, com diferentes enfoques. A seguir, são apresentados estudos sob a ótica da gramaticalização e abordagens discursivas, que os consideram marcadores discursivos, marcadores de atenuação, ou ainda, operadores argumentativos.

2.3.1 A gramaticalização de *acho(que)* e *parece(que)*

O verbo *achar* foi explorado por Galvão (1999). Ela identifica cinco diferentes tipos de *achar* no português contemporâneo do Brasil¹⁸, cujas características estão arranjadas no quadro que segue.

¹⁶ O ciclo funcional, cf. Givón, (1979): discurso > sintaxe > morfologia > zero.

¹⁷ Labov fundamenta a hipótese antifuncional com base em estudos de mudança no campo da fonologia e da morfologia.

¹⁸ Alguns poucos dados foram extraídos de *corpus* não-sistematizados e os demais, do banco de dados do Projeto NURC/SP.

QUADRO 2: CARACTERIZAÇÃO DE ACHAR SEGUNDO GALVÃO (1999).

PROPRIEDADES	ACHAR1	ACHAR2 APRECIÇÃO	ACHAR 2'	ACHAR3 PALPITE	ACHAR4
PARÁFRASE	Encontrar/ Procurar/ Descobrir	Considerar/ Pensar/ Afirmar	Considerar	Supor/ é possível	Talvez/ provavelmente
VARIABILIDADE TEMPORAL	Presente/ Perfeito/ Imperfeito	Presente/ Imperfeito	Presente/ Perfeito	Presente/ perfeito	Presente
VARIABILIDADE DE MODO	Indicativo/ Imperativo/ Subjuntivo	Indicativo/ Subjuntivo	Indicativo/ Subjuntivo	Indicativo	Indicativo
PRESENÇA E TIPO DE ARGUMENTO INTERNO	SN que pode vir ou não realizado foneticamente, com o traço [+ concreto]	Oracional	SN que pode vir ou não realizado foneticamente é predicado por um qualificador [+ abstrato]	Oracional	Perda de argumento interno
TIPO DE SENTENÇA EM QUE APARECE	Absoluta/ Hipotática/ Núcleo/ Encaixada	Principal	Absoluta/ Núcleo/ Principal	Principal	Depois de uma emissão completa de raciocínio e pausa (fora da oração)
CARACTERIZAÇÃO	Pressupõe o encontro entre duas entidades do mundo real [-controle], incerteza	Performativo- modalizador, avaliativo, dependente de fatores inerentes ao falante	Performativo- modalizador, avaliativo, maior grau de certeza	Modalizador, fatores externos ao falantes fazem com que a incerteza passe para o nível das possibilidades	Incerteza, dúvida, probabilidade

Ilustram cada uma das caracterizações de *achar* os exemplos que seguem¹⁹:

11. *Achar1*

Eles não *acham* um campo de trabalho aí fora... vai montar um escritório? (NURC, M,2)

12. *Achar2*

Era... eu *achava*... (era) uma vida farta eu sempre gostei de Rondon (RD, F, 3 (3a))

13. *Achar2' apreciação*

... ali perto da praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô, né? *achei* horrível. (NURC/SP, M, 26a)

14. *Achar3 palpite*

Não sei porque *acho* que aí quando se fala em desenvolvimento geralmente está se falando num plano material, né? (NURC, F, 1)

¹⁹ Os exemplos foram retirados de Galvão (1999).

15. *Achar*₄

(Em relação a você) até que eu compro bastante coisa, eu *acho*. (NURC/SP, F, 25a)

Segundo Galvão, o verbo

achar encontra-se em processo de gramaticalização, à medida que um item lexical, verbo pleno, com o significado de encontrar, influenciado por mecanismos metafóricos e metonímicos, dá origem a novos usos no domínio da modalidade – mais gramaticais –, e assume funções diferentes da de origem, comportando-se como ora (*sic*) um verbo modal epistêmico ora como (*sic*) uma espécie de advérbio modalizador epistêmico quase-asseverativo (*op. cit.* p. 145-146).

A escala de gramaticalização que ela propõe para *achar* é: ***achar*₁** > ***achar*₂** (***apreciação***) > ***achar*_{2'}** > ***achar*₃** (palpite) > ***achar*₄**

Gonçalves (2003) analisa o verbo *parecer* sincrônica e diacronicamente. Quanto à análise sincrônica, do ponto de vista sintático, o verbo, de organizador de uma predicação (*parecer*₁), passa completamente para fora dela (*parecer*₃). Do ponto de vista semântico, os significados baseados em uma situação externa (*parecer*_{2,3}) passam a significados numa situação interna (avaliativa, perceptual, cognitiva) (*parecer*₂), que, por sua vez passam a significados cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante (*parecer*_{3,4,5}).

Assim, a escala de gramaticalização de *parecer* no português contemporâneo é: *Parecer*₁ > *Parecer*₂ > *Parecer*₃ > *Parecer*₄, *Parecer*₅. Os exemplos que seguem ilustram cada uma das possibilidades de ocorrência²⁰.

16. *Parecer*₁

Fica uma delícia (est) fica uma delícia ... que (inint) Não fica aquele caramelo [o amendoim] fica *parecendo* um caramelo. (PEUL/CEN/39)

17. *Parecer*₂

São certas... liberdades... que hoje existem... que [há anos atrás podariam *parecer* excessivas] ,as que na realidade não são. (NURC/RJ/SET/71)

18. *Parecer*₃

D: Você conhece por acaso as ()... as () do hipódromo?

L: Do hipódromo? Há um negócio que se chama haras... agora [o haras me *parece* que não é no hipódromo]... é o local onde o cavalo é... cuidado... é tratado. (NURC/RJ/SET12)

²⁰ Os exemplos foram retirados de Gonçalves (2003).

19. *Parecer*₄

[o pedágio passou para parece que setenta cruzeiros a partir do dia prime- depois de amanhã] (PEUL/CEN/E32)

20. *Parecer*₅

Naquele tempo não se tomava uísque, tomava-se chope, então tinha uma barrilzinho de chope uns... uns sanduíches... [naquele tempo devia ser presunto e queijo... parece] eu não lembro bem, mas devia ser assim (NURC/RJ/SET71)

Diacronicamente, do século XIII ao século XX, a maior variação sintático-semântica do verbo *parecer* se dá no período entre os séculos XVI e XVIII. A partir do século XVI já se pode reconhecer todas as funções atualmente desempenhadas por *parecer*.

Comparando com outras duas formas verbais com comportamento semelhante – *achar* e *crer* – destaca-se o seguinte: como *parecer*, *achar* e *crer* também se desenvolvem a partir de formas lexicais, altamente freqüentes; em relação a *crer* e *parecer*, *achar* é mais resistente à mudança, já que sua forma como verbo pleno persiste por todos os séculos; além disso, *parecer*, *achar* e *crer* aparentemente estão na mesma trajetória de mudança desde muito cedo, já que permitem encaixamento de conteúdos proposicionais, o que assinala, ainda que não muito explicitamente, as atitudes subjetivas do falante (p. 187).

Como conclusões da análise diacrônica, Gonçalves resume: (p. 193)

1. A unidirecionalidade do processo de gramaticalização de *parecer* se confirma, do uso original latino ao português atual;
2. As três formas verbais analisadas – *achar*, *crer* e *parecer* – não estão gramaticalizadas no mesmo grau. A forma *parecer* sobressai das demais, possivelmente devido às suas propriedades sintático-semânticas.
3. A análise das formas *achar*, *crer* e *parecer* permite hipotetizar que verbos epistêmicos encaixadores de proposição (verbos de atitude proposicional) têm vocação para mudar de categoria gramatical, e passar a desempenhar a como parentéticos de natureza adverbial.

Já Casseb-Galvão & Gonçalves (2001) propõem uma escala de gramaticalização conjunta para os verbos *achar* e *parecer* a partir de dados de fala do português brasileiro²¹. *Achar* e *parecer* teriam quatro formas distintas e coexistentes²²:

QUADRO 3: CARACTERIZAÇÃO DE ACHAR E PARECER SEGUNDO CASSEB-GALVÃO E GONÇALVES (2001)

1.	[SN] V [SN]	“Eles não acham campo de trabalho” “O menino vai parecer com o pai”
2.	[SN] V [SA _{Adj} /Adj]	“Eu acho a Maria cansada” “A cidade parece bairro”
3.	[SN tópico] V [SN]	“Esse tipo acho que já se diluiu” “Parece que a mulher está tomando [...]”
4.	[V] S [V] [S]	“Até que eu compro bastante coisa, eu acho.” “Nesse tempo, meu genro era vereador, parece”

No quadro, 1 seria a forma-fonte, em 2 e 3 há uso ambíguo, até atingir a forma-alvo, em 4. A escala de gramaticalização proposta para *achar* e *parecer* é: 1 > 2 > 3 > 4. Casseb-Galvão & Gonçalves evidenciam a semelhança que há no processo de gramaticalização das construções *acho (que)* e *parece (que)*, tanto no que diz respeito às formas quanto às funções, o que licencia a possibilidade de pensá-las como duas variantes no desempenho da mesma função lingüística.

O estudo de Neves & Votre (1999, p. 1) tem por objetivos

identificar e analisar os sentidos que o verbo achar assume com maior frequência em cláusulas com complemento oracional, bem como analisar os graus de integração sintático-semântica desse tipo de cláusula, para verificar se ocorrem processos de gramaticalização entre os componentes dessas cláusulas.

Os sentidos de *achar* identificados por Neves & Votre são:

- a) proposicional de incerteza epistêmica, como em *acho que ele era nadador profissional*;
- b) proposicional de percepção, como em *acho que essa seleção não está boa apesar de ter sido classificada pra final*; e
- c) emotivo de sugestão, como em *eu acho que as pessoas deveriam contribuir*.

Neves & Votre também verificam se ocorre gramaticalização com a expressão epistêmica *eu acho* em posição final de cláusula, deixando de ser a cláusula principal e

²¹ Alguns poucos dados foram extraídos de *corpus* não-sistematizado e os demais, do banco de dados do Projeto NURC/SP.

²² Adaptado do quadro 1 do artigo de Casseb-Galvão & Gonçalves (2001):

passando a ser interpretada como parentético epistêmico, semelhantemente ao que acontece no inglês com *I think*, estudado por Thompson & Mulac (1991)²³: uma expressão epistêmica constituída de um sujeito e de um verbo que aparece na posição final de uma cláusula, como no exemplo: *Aí eu estava no colégio, era aula de ciências, eu acho*. A gramaticalização da expressão epistêmica *eu acho*, segundo Neves & Votre (1999), é asseverada teoricamente, pois há poucos dados no *corpus* – constituído por fala e escrita – para evidenciar a hipótese (2/241).

Assumo uma posição diferente de Galvão (1999) e de Casseb-Galvão & Gonçalves (2001) quanto à gramaticalização de *acho* e *parece*. Galvão e Casseb-Galvão & Gonçalves afirmam que os verbos *achar* e *parecer* encontrem-se em processo de gramaticalização. Acredito que não sejam os verbos *achar* e *parecer* que estão se gramaticalizando, mas sim uma construção muito específica, que é a construção *acho (que)*, cristalizada na primeira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo, e *parece (que)*, cristalizada na terceira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo. Minha discordância é suportada por Bybee (2001), que afirma que é uma construção com itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada e não um item lexical que se torna gramaticalizado. Bybee cita como exemplo *going to*, no inglês, como marcador de futuro: não é o verbo *go* que se torna marcador de futuro; é a expressão *going to*.

Outro ponto do qual assumo posição diferente é quanto ao contínuo de gramaticalização proposto por Galvão (1999). A gramaticalização é um processo unidirecional porque segue do plano mais concreto ao plano mais abstrato, tanto no plano conceitual como no plano estrutural. No estágio *achar 2'* de Galvão, considerando a unidirecionalidade do plano estrutural no processo de gramaticalização, há a quebra da continuidade das propriedades 'presença e tipo de argumento interno' e 'tipo de sentença em que aparece'. O excerto do quadro de Galvão ilustra a quebra a que estou me referindo.

²³ Mais detalhado no momento da discussão a respeito do papel da frequência de uso na gramaticalização.

QUADRO 4: QUEBRA DE CONTINUIDADE DAS PROPRIEDADES DO CONTÍNUO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE ACHAR PROPOSTO POR GALVÃO (1999)

PROPRIEDADES	ACHAR1	ACHAR2 APRECIÇÃO	ACHAR 2'	ACHAR3 PALPITE	ACHAR4
PRESENÇA E TIPO DE ARGUMENTO INTERNO	SN que pode vir ou não realizado foneticamente, com o traço [+ concreto]	Oracional	SN que pode vir ou não realizado foneticamente, é predicado por um qualificador [+ abstrato]	Oracional	Perda de argumento interno
TIPO DE SENTENÇA EM QUE APARECE	Absoluta/ Hipotática/ Núcleo/ Encaixada	Principal	Absoluta/ Núcleo/ Principal	Principal	Depois de uma emissão completa de raciocínio e pausa (fora da oração)

Observe-se que o estágio *achar2'* está inserido entre dois estágios (*achar2* *apreciação* e *achar3 palpíte*) caracterizados pela presença de argumento interno *oracional* e que ocorrem em sentenças *principais*; *achar2'*, segundo Galvão, ocorre em sentença absoluta, núcleo ou principal, além de poder ser predicado por um qualificador. Considero que é mais possível que o estágio *achar2'* constitua na verdade uma outra instância de gramaticalização, também originária do verbo pleno *achar1*, mas não necessariamente um estágio para *achar3* e *achar4*. Há ainda dois outros tipos de *achar* identificados por Galvão – *acharX* e marcador discursivo –, que não estão incluídos na sua escala de gramaticalização. *AcharX* corresponde à realização “E se eles acharem de não pagar o hotel?” e que estaria rumando a verbo-vetor, que é tipo de ‘quase-auxiliar’ (*op. cit.*, p. 147).

2.3.1.1 Um percurso histórico

Furtado da Cunha *et alii* (1999) apresentam uma trajetória pancrônica para o verbo *achar*, do latim ao português arcaico²⁴, até chegar aos usos atuais.

²⁴ A pesquisa foi realizada por Rosa Virgílio Neves, a mesma de Neves & Votre (1999).

Os autores apresentam evidências históricas do uso de *achar* em construção de infinitivo com acusativo, no português arcaico²⁵, uma estrutura incompreensível hoje, o que indica que houve reorganização sintática. Ilustram a estrutura:

21. "E mãdou vijnr cômigo hua muy honrada dona diaconyssa, per nome chamada Romana, a qual, quando ueo, achou iazer aos pees do sancto bispo Nono Pelagia com gran planto e doo." (Crestomatia arcaica - p. 96 *apud* Furtado da Cunha *et alii*,1999)
22. "E seja o vagar e a folga do solitário temperada e branda, e o apartamento do ermo seja assessegado e pacífico e nom cruel e fero, em tal guisa que aqueles que i veerem maravilhem-se da humanidade e da caridade que viirem e acharem morar em o ermo, a qual é vida esterrada das cidades;" (Boosco Deleitoso - p. 117, *apud* Furtado da Cunha *et alii*,1999)

Furtado da Cunha *et alii* argumentam que, no primeiro exemplo, ocorre a forma verbal *achou fazer* com o objeto direto *a qual* e, no segundo exemplo, a forma verbal *acharem morar* e o objeto direto *que*. As construções de infinitivo com acusativo foram pouco freqüentes no *corpus*, computando apenas 5,2% das ocorrências. O resultado demonstra que a construção estava sendo pouco utilizada no período arcaico, pelo menos com o verbo *achar*²⁶.

A mudança do verbo *achar* se dá conforme a escala de abstração proposta por Heine *et alii* (1991b): *corpo* > *objeto* > *processo* > *espaço* > *tempo* > *qualificação*, ressaltando-se que as mudanças processadas em cada item ou construção podem ocorrer ou não em todas as etapas da escala. Os autores constatam que, no latim, o verbo *achar* (*afflare*) significava primeiramente *soprar* e seus ajustes conceituais e estruturais já se iniciam nessa fase.²⁷ Explica-se a evolução semântica pelo fato de o vocábulo ter origem na linguagem dos caçadores: do sentido primitivo do latim *soprar* passou-se ao de *sentir a proximidade da caça pelo odor, farejar* e, então, *descobrir, encontrar* (a caça).²⁸ A trajetória de mudança do

²⁵ O *corpus* analisado constitui-se de textos do português arcaico, situado entre os séculos XIII e XV, onde foram encontradas 168 ocorrências de *achar*, das quais seis do verbo *achar* ocorrendo com o infinitivo de outro verbo mais o acusativo.

²⁶ Segundo os autores, essa forma representa um resíduo do latim no português arcaico que, com o tempo, desapareceu, pois não ocorre no português atual.

²⁷ A abordagem de Galvão (1999) também contempla o percurso do verbo *achar* já no latim.

²⁸ Furtado da Cunha *et alii* se reportam à Silva Neto: *a evolução semântica de afflare até achar mostra à evidência que o ato de achar pressupõe uma busca intencional, o resultado de quem, antes, procurou*. Quanto à evolução sintática, Silva Neto salienta que *no curso da história da latim muitos verbos intransitivos passaram a*

verbo *achar*, do latim ao português arcaico, contempla a escala de Heine *et alii* (1991b): *corpo* (*afflare* - *soprar*) > *espaço* (*achar algo no espaço físico*), sem passar pela etapa de *objeto* > *processo*.

Quanto ao uso sincrônico, Furtado da Cunha *et alii* (1999) se reportam especificamente ao estudo de Neves & Votre (1999), já apresentado, e concluem que o olhar para as duas perspectivas, sincrônica e diacrônica, permite identificar um uso mais integrado de *achar* no português arcaico, que não mais ocorre no português contemporâneo e também permite identificar um uso novo, como modalizador epistêmico parentético, aparentemente em início de gramaticalização no português contemporâneo, para o qual não há forma atestada no português arcaico²⁹.

A questão do escopo temporal recortado para retratar a gramaticalização merece ser discutida. Furtado da Cunha *et alii* (1999) destacam a importância da abordagem pancrônica no retrato da mudança via gramaticalização. A questão que se coloca é onde iniciar o contínuo temporal para retratar a gramaticalização. O estudo da gramaticalização do verbo *achar* apresentado por Furtado da Cunha *et alii* toma como ponto de partida o português arcaico. Português arcaico, dos séculos XIII a XV e português brasileiro são a mesma língua? Ainda dentro do português brasileiro, não existem diferenças regionais? Se o propósito dos estudos da gramaticalização é buscar as origens, seria melhor iniciar no latim, mas ainda seria pouco, pois há proto-indoeuropeu reconstituído pelos neogramáticos, e possivelmente havia outras línguas antes do proto-indoeuropeu, embora não se tenha registro ou reconstituição. A abordagem pancrônica, ou seja, aliando diacronia à sincronia é uma proposta de análise produtiva, desde que sejam estabelecidos claramente os critérios para delimitar o marco zero.

Já que o propósito desta pesquisa é retratar a gramaticalização e variação de *acho* (*que*) e *parece* (*que*) no português falado na região sul do Brasil, mais especificamente, em Florianópolis, acredito que o *corpus* diacrônico para a análise deva ser constituído também com dados locais, e não com dados do português arcaico. A análise diacrônica da gramaticalização de *acho* (*que*) e *parece* (*que*) no português falado em Florianópolis,

construir-se com acusativo, isto é, objeto direto". Assim, "onde se diria, sucessivamente Canis afflat (intransitivo) e Canis afflat venatum (transitivo). De o cão fareja a caça passava-se, naturalmente, a o cão acha a caça.

²⁹ Ou ainda, por não haver evidência de sua ocorrência naquela fase da língua.

portanto, é uma questão em aberto, dadas as dificuldades de constituição de *corpora* diacrônicos com dados locais.

2.3.1.2 O papel da frequência de uso no processo de gramaticalização

A frequência de uso vem sendo utilizada como um forte argumento empírico para confirmar processos de gramaticalização. Para ilustrar o papel da frequência de uso na gramaticalização, tome-se o caso de *I think* e *I guess* no inglês. Thompson & Mulac (1991) analisaram a gramaticalização de expressões epistêmicas em epistêmicas parentéticas. Observe-se:

23.

1. I think that we're definitely moving towards being more technological.
2. I think Ø exercises is really benefical, to anybody.
3. It's just your point of wiew you know what you like to do in tour spare time, I think.³⁰

Para Thompson & Mulac, os exemplos 2 e 3 são versões gramaticalizadas de 1. As evidências sugerem que as construções sujeito + verbo ocorrendo sem complementizador são reanalisadas pelos falantes como expressões epistêmicas, que têm liberdade sintática, funcionando semelhantemente a outras expressões epistêmicas, como *maybe*. A mudança de *I think* envolve a combinação perifrástica de sujeito + verbo, tornando-os um só elemento, o qual se comporta como um elemento da categoria advérbio. *I think* ilustra o processo de gramaticalização comparável ao exemplo discutido em Heine e Reh (1984): um núcleo ou elemento cabeça é reanalisado como um elemento dependente. Não há evidências históricas que permitam afirmar que essa alteração sincrônica sujeito + verbo tenha equivalente diacrônico. Segundo Hopper (1996), *I think* tem assumido, no inglês vernacular, estatuto mais gramatical como um evidencial³¹.

³⁰Quadro extraído de Thompson & Mulac, 1991, p. 313.

³¹ A questão quanto à terminologia do estatuto de *I think* é bastante complexa. Há artigos em que a construção figura como epistêmico parentético, em outros, como evidencial. E no mesmo artigo (Thompson & Hopper, 2000), é tratada como epistêmico parentético e/ou evidencial.

A hipótese inicial de Thompson & Mulac era de que haveria relação entre a frequência de uso e o aparecimento na gramática. Para justificar a mudança descrita, Thompson & Mulac recorrem aos dados quantitativos. Dos dezoito verbos que poderiam desempenhar a função de epistêmico parentético, com exceção de *guess*, nenhum ocorreu mais do que três vezes. Para justificar a predominância de *think* e *guess*, Thompson & Mulac evocam o princípio da especialização³²: a função de um elemento gramaticalizado se estreita, o que faz com que a variedade de formas para expressar a mesma função se estreite. *Think* e *guess* são também os verbos mais freqüentes a ocorrer sem complementizador. As condições de frequência para gramaticalização são favoráveis: os dois verbos mais freqüentes são também os mais freqüentes quando ocorrem sem complementizador. Os sujeitos freqüentes dos verbos ocorrendo com e sem complementizador também são os mesmos: *I* e *you*. O sujeito mais freqüente a ocorrer com verbos epistêmicos sem complementizador é *I*; o verbo mais freqüente a ocorrer sem complementizador é *think*; pode-se dizer então que *I think* é significativamente mais possível de ocorrer do que todas as outras combinações e que pode estar se gramaticalizando como um epistêmico parentético e, de acordo com Thompson & Mulac, pertencer a uma subcategoria gramatical adverbial. Thompson & Mulac concluem que epistêmicos parentéticos, no inglês, são formas gramaticalizadas de sujeito + verbo introduzindo cláusula complemento. As formas foram reanalisadas como semelhantes a advérbios parentéticos (semelhantes a *maybe*). A hipótese de frequência de uso no discurso e surgimento na gramática foi comprovada com dados quantitativos.

De acordo com Bybee (2001), existem dois tipos de frequência: *token* e *type*. A frequência *token* é a frequência de ocorrência de uma unidade, palavra ou morfema, em texto corrido. Já a frequência *type* é a frequência de dicionário de um padrão particular, tempo, afixo, etc. No caso ilustrado por Thompson & Mulac (1991), as ocorrências de *think* e *guess* com todos os seus sujeitos são frequência *token*; as ocorrências de *I think* e *I guess* são as ocorrências *type*. Bybee (2001) afirma que uma propriedade de construções em processo de gramaticalização é o aumento da frequência *type* co-ocorrendo com os itens lexicais que a originaram. O que se espera nos casos de gramaticalização das construções *acho (que)* e *parece (que)* é que haja um aumento da frequência dessas formas em relação às outras possibilidades de tempo e pessoa, como ‘eu achei que’, ‘parecia que’, ‘achava que’,

³² Reporte-se aos princípios de gramaticalização incipiente de Hopper (1991).

'ele achou que', 'pareceu que', entre outros, no desempenho da mesma função, ou seja, marcando dúvida e/ou incerteza. Vamos aos números.

Galvão (1999) apresenta os seguintes resultados em relação ao tempo, modo e pessoa de *achar*:

TABELA 1: RESULTADOS QUANTITATIVOS OBTIDOS POR GALVÃO (1999, P. 110)

	ACHAR1	ACHAR2 APRECIÇÃO	ACHAR 2'	ACHAR3 PALPITE	ACHAR4
Presente	2/33%	117/92%	40/72%	83/100%	31/100%
Passado	4/67%	9/8%	16/28%	-	-
Indicativo	5/83%	126/100%	56/100%	83/100%	31/100%
Subjuntivo	1/17%	-	-	-	-
1ª singular	4/66%	110/87,5%	54/96%	83/100%	31/100%
2ª singular	-	2/1,5%	-	-	-
3ª singular	-	9/7%	1/2%	-	-
3ª plural	2/34%	5/4%	1/2%	-	-
total	6	126	56	83	31

Segundo Galvão (*op. cit.; loc. cit.*), os valores obtidos quanto à frequência

mostram que no *achar1*, a variabilidade de tempo, modo e pessoa é plena. Os verbos *achar2* e *achar2'* ainda mantêm uma certa variabilidade embora sejam usados principalmente na primeira pessoa do presente do indicativo. É essa variabilidade que nos permite dizer que esses itens estão num grau intermediário de gramaticalização, cujos pontos de partida e de chegada são, respectivamente, o *achar1* (verbo pleno) e o *achar4* (mais modal).

Nos termos de frequência de Bybee (2001), os resultados de Galvão apontam que as formas *achar3* e *achar4* são categoricamente *type*, ou seja, de uma forma específica, que é '*acho (que)*', e por isso, já são gramaticalizadas. A forma *achar2* abarca ocorrências *token*, ainda que polarize as ocorrências *type*.

Em valores totais, o estudo de Galvão conta com 302 dados, dos quais, 31 são da forma que equivale ao epistêmico parentético de Thompson & Mulac (1991), frequência muito maior do que a encontrada por Neves & Votre (1999): das 241 ocorrências do verbo *achar*, apenas duas são do epistêmico parentético *eu acho*.

2.3.1.3 O papel dos fatores sociais no processo de gramaticalização

Estudos recentes sobre gramaticalização que adotam a metodologia variacionista têm constatado que os fatores sociais, especialmente a faixa etária, podem indicar a incipiência do processo ou a caracterização de mudança em andamento. Tavares (1999), ao estudar as estratégias de seqüenciação retroativo-propulsora na fala de Florianópolis, constatou que a forma *daí* é usada por indivíduos mais jovens, ao passo que as outras formas (*aí*, *então*, *e*) são usadas por indivíduos mais velhos. Essas preferências são um indicio de que há mudança: uma forma, por hipótese, mais recente (*daí*), sendo usada preferencialmente em detrimento de formas mais antigas (*aí*, *então*, *e*) (*op. cit.*, p. 161). Gorski *et alii* (2002) também constata a influência da faixa etária no processo de gramaticalização de *sabe?* e *entende?*, e *olha* e *veja*. E Androustopoulos (1999) também constata que a emergência de formativos nominais no alemão se dá predominantemente na fala do grupo etário mais jovem, enquanto a sua ocorrência é rara ou totalmente ausente na fala de grupos etários mais velhos.

2.3.1.4 Considerações sobre os estudos já feitos sobre a gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)*

Os estudos já feitos confirmam teórica e quantitativamente a incipiência do processo de gramaticalização da construção *acho (que)* e também de *parece (que)*. A possibilidade de tratá-las como variantes de uma mesma variável lingüística é levantada a partir do estudo de Casseb-Galvão & Gonçalves (2001), que mostram que o contínuo de gramaticalização das duas formas é muito semelhante. Os autores, porém, não lhes dão tratamento variacionista.

2.3.2 Abordagens discursivas

Os estudos da gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)* têm por objetivo traçar uma trajetória de mudança, pois partem do princípio que a gramaticalização é um

processo unidirecional de mudança lingüística. Porém, o comportamento *sui generis* de *acho (que)* e *parece (que)* é também objeto de estudo sob óticas discursivas, que consideram o momento sincrônico, sem se reportar a mudanças diacrônicas. Há quem os considere *operadores argumentativos*, *marcadores discursivos* ou, ainda, *marcadores de atenuação*. Nestas visões, pesam principalmente os aspectos conceituais, ou seja, se concentram no plano semântico-discursivo. Seguem estudos a respeito do comportamento de *acho (que)* e *parece (que)* realizados sob essas óticas.

2.3.2.1 Operadores argumentativos

Do ponto de vista semântico-discursivo, *acho (que)* e *parece (que)* podem desempenhar as funções: *marcadores de opinião* e *de percepção* e *marcadores de dúvida e incerteza*. Tomo a distinção dada por Espíndola (1998, p. 151-2) para *acho (que)*. Ela rotula a construção *(eu) acho (que)*, assim como ‘né?’ e ‘aí’, como operador argumentativo do texto falado, com funções de *marcador de incerteza* quando utilizado para introduzir uma posição e/ou fato sobre o qual o locutor tem dúvidas; e *marcador de opinião*, quando

- a) marca uma opinião pessoal do locutor em relação a uma assunto/fato/pessoa etc.;
- b) marca uma informação compartilhada – uma proposição acerca de um fato/pessoa/objeto julgada verdadeira pelo senso comum; ou seja, não pode ser contestada; e
- c) indica uma posição (princípio) – incorporada pelo locutor – que é comum, geral e gradual.

São exemplos de marcador de opinião³³:

24. E: Você acha que a atual situação do Brasil, essa situação tão difícil é culpa do governo ou o povo tem a sua parcela de culpa?
I: O povo tem a sua parcela de culpa. Porque cada povo tem o governo que merece, **eu acho que** aí, também está a educação. Porque se você é bem educada, você sabe votar bem.
25. E: Qual o programa do Silvio Santos que você assiste?
I: Topa tudo por dinheiro, **eu acho** muito legal aquele programa dele.
26. E: Depois de casada, em que a sua vida mudou?

³³ Os exemplos foram extraídos de Espíndola (1998). No original está a transcrição fonética. O grifo é meu. A letra E refere-se ao entrevistador e a letra I, ao informante.

I: Minha vida mudou em bocado de coisa, e **eu acho que** jamais vai voltar ao meu tempo que era antigamente, porque eu estou ficando mais velha, né?

Segundo Espíndola (1998, p. 152-3), há casos em que

acho (que) introduz uma opinião que não é pessoal, mas coletiva [...] algumas opiniões são subjetivas (relativas à marca lingüística “eu”), porém somente na aparência. Essas opiniões representam o senso comum, são princípios políticos, morais, religiosos que norteiam determinados grupos sociais. O locutor os incorpora fazendo-os parecerem seus. [...] em outras situações, o (eu) “acho”(que) marca a presença de uma informação compartilhada. É uma proposição geral, aceita pelo senso comum.

Dos exemplos citados, a primeira ocorrência

traduz uma posição em relação à situação do Brasil, a segunda, sobre um programa televisivo e a terceira, sobre um fenômeno natural. A diferença entre essas três posições (opiniões) é que, na primeira ocorrência, (eu) “acho”(que) atualiza um princípio que é consenso para uma grande parte dos brasileiros; na segunda a opinião está alicerçada em uma opinião coletiva cristalizada – cristalizada no sentido associado às palavras; e na terceira, tem-se a introdução de uma informação compartilhada, orientando a argumentação.

Os exemplos que seguem ilustram a função de *(eu) acho (que)* como *marcador de incerteza*.

27. F: Já passou por alguma situação de perigo de morte naquelas horas que você pensou assim: chegou a minha hora?
I: Rapaz... já, bicho. Já. **Acho que** foi no clube.
28. F: Fale de algum filme que você assistiu e que foi muito marcante.
I: A noviça rebelde.
F: Assistiu quantas vezes?
E: **Acho que** umas quatro ou cinco.

Por analogia, pode-se estabelecer duas funções também para *parece (que)*: a função de *marcador de incerteza*, do mesmo modo que para *acho (que)*; e a função de *marcador de percepção*, ilustrada pelo exemplo que segue.

29. E: tem mais algum vizinho que te dá problema?
F: Não. O ruim é o vizinho da esquerda o e vizinho da frente, a do lado assim, é uma senhora viúva, ela é legal. Eles são assim, berrão, eles fazem muito escândalo, muita matraca, eles vão lavar roupa suja na rua, assim, sabe? A coisa mais ridícula. PARECE QUE eles nem têm casa, eles vivem na casa dos outros. E os do lado assim, são muito quietos, e eles ficam debochando dos outros, assim sabe? SC FLP

Neste caso, *parece (que)* ilustra um estado de coisas que a falante percebe, sem emitir julgamento ou opinião. Ela não põe em dúvida o fato de os vizinhos terem ou não casa. Ela está dando como um fato perceptível, que difere muito deste outro exemplo:

30. Meu pai tinha uma árvore aqui, bem grande, aqui em casa. Não me lembro o nome, PARECE QUE era chorão, assim, uma árvore grande, o tronco não era alto assim, mas o meu pai tinha medo, e meu pai tirou porque ela já estava perigosa, assim. SC FLP

Esta ocorrência de *parece (que)* se assemelha à função de *marcador de dúvida* de *acho (que)*, como o que segue:

31. E: A senhora tem filhos?
F: Tenho, tenho cinco filhos.
E: É? E Qual a idade deles?
F: Olha, eu tenho uma filha com- ela vai fazer é eu ACHO QUE ela vai fazer trinta e oito anos. E tenho um filho com trinta e seis, outra filha com trinta e quatro, outro filho com trinta, eu já disse quatro, né? e o mais moço vai fazer vinte e nove anos. SC FLP

2.3.2.2 Marcadores de atenuação

As construções *acho (que)* e *parece (que)* são classificadas por Rosa (1992) como marcas da enunciação, do tipo *marcador de opinião formado por expressão verbal*. A autora diferencia, porém, estratégias de polidez positiva que não contêm procedimentos ou marcadores de atenuação, como em (a), de marcadores de atenuação propriamente ditos, como em (b) e (c).

32.
a)... e acho... integralmente válido isso que o R. falou.
b) Acho que a economia é mais forte do que a lei... ainda
c) Vai chover muito, eu acho, pois o céu está bem escuro

Esses meios de atenuação ((b) e (c)) são classificados, conforme Fraser (1980 *apud* Rosa, 1992), como verbos e advérbios parentéticos, que modificam a força ilocucionária do enunciado em que ocorrem, reduzindo o comprometimento. Os verbos e advérbios parentéticos estariam fora do desenvolvimento seqüencial da unidade discursiva, e, portanto, apenas circunstancialmente inseridos no seu núcleo. São parêntesis, já que não estabelecem relação de dependência sintático-semântica com o núcleo da unidade discursiva. Os 'verbos parentéticos' são encontrados com mais frequência à esquerda do

núcleo, porém, mesmo nessa posição inicial, parecem desempenhar a mesma função que os advérbios parentéticos.

2.3.2.3 Marcadores discursivos

Galvão (1999, p. 150) considera

como marcador discursivo o *achar* que é acompanhado por hesitação e/ou por outro seqüenciador discursivo, como ‘assim’, ‘entende’, ‘né’ e também o ‘achar que’ indicativo de titubeio por parte do falante, ou seja, quando o contexto deixa claro que esse elemento está “solto” no discurso, não está introduzindo a oração seguinte, como no exemplo a seguir: mas sabe acho que... aí não. (Grifo meu)

Dadas as suas funções como *marcador de dúvida e incerteza*, ou, segundo a denominação de Galvão, *uma espécie de advérbio modalizador epistêmico quase-asseverativo*, é bem possível que ‘*acho que*’ ocorra em contextos discursivos em que o falante precisa (re)formular suas idéias, ou seja, precisa de um tempo para processamento mental e (re)organização do seu discurso, e que, durante o processamento, ele abandone no meio do caminho alguma coisa. Acredito que essa “coisa abandonada” seja na verdade uma hesitação, que Marcuschi (1999) chama de falso início ou de corte oracional: *todos os inícios de unidades sintáticas oracionais, que são iniciadas com algum problema e refeitos ou retomados, o que distingue esse tipo dos cortes oracionais, que são construções abandonadas* (op. cit., p. 169). O lugar das hesitações, segundo Marcuschi, é, entre outros, na junção de orações subordinadas: ‘eu acho que tá, tá, tá em tempo de fazer’, ‘agora, eu acho que:... eu: espero... não ter problemas’. Não é ‘*acho que*’ que é marcador discursivo; por conta das pausas e/ou hesitações que o acompanham, ele ocorre neste lugar discursivo (assumo a hipótese de que existe uma posição para marcador discursivo, que pode ser preenchida ou não).³⁴

³⁴ ‘Marcador discursivo’ parece um rótulo aplicável a um grande número de elementos, com os quais não se sabe muito bem o que fazer. A categoria ‘marcador discursivo’ merece um refinamento na delimitação de suas características. Martelotta *et alii* (1996) propõem um processo semelhante à gramaticalização, denominado discursivização, que é a passagem de elementos da gramática ao discurso, com a decorrente perda de valores gramaticais e aquisição de valores pragmáticos; os elementos discursivizados tendem a se tornar marcadores discursivos. Traugott (1995) assume a posição de que não há discursivização; itens

Os estudos de *acho (que)* e *parece (que)* como marcadores discursivos são bastante recorrentes. Urbano (1997, p. 88) classifica as expressões *acho (que)* e *parece (que)* como um *marcador conversacional de base verbal e lexicalizado*. São expressões semanticamente válidas, porém a informação que possuem não integra nem colabora para o conteúdo referencial do texto enquanto estrutura de tópico. Servem para modalizar, ou seja, para indicar aspectos relacionados à enunciação. Para Urbano, *(Eu) acho (que)* é um marcador específico para sinalizar a atitude do falante em relação ao que vai dizer.

Para Marcuschi (1989, p. 304), os marcadores discursivos apresentam as seguintes características: operam como fatores de coesão textual, unindo as unidades discursivas; distribuem-se em posições bastante regulares; contribuem para hierarquizar e topicalizar argumentos; operam com características de dêiticos discursivos, remetendo a informações dadas ou antecipando-as; e mantêm relativa independência sintática no conjunto da interação. As expressões *eu acho que* e *parece que* e suas variações são *marcadores oracionais*, ocupando a posição inicial (*op. cit.*, p. 273). *Eu acho* não figura como marcador de posições medial e final; uma explicação para a não-ocorrência desse marcador em posições que não sejam a inicial é dada por Castilho (1989, p. 271): eles não integram o núcleo da unidade discursiva *porque não fazem avançar o processamento do assunto, limitando-se a predicar perisfrasticamente o núcleo*.

Ainda conforme Castilho, os marcadores discursivos podem ser subdivididos em dois grandes grupos: os *interpessoais*, orientados para o monitoramento da conversação (*e aí?*, *tudo bem?*, *não é?*, *sabe?*, *né?*, *entende?*, *tá?*, *certo?*) e os *ideacionais*, orientados para a organização textual, como os iniciadores, seqüenciadores, expansores e modalizadores (asseverativos *é claro*, *exato* e atenuantes *eu acho (que)*, *me parece que*). Macedo & Silva (1993, p. 12) definem marcadores discursivos ou conversacionais como partículas freqüentemente encontradas na fala e não tão freqüentemente na escrita. Segundo elas, *(eu) acho (que)* e *parece (que)* são *marcadores discursivos redutores*, os quais têm a função de evitar uma posição asseverativa ou autoritária do falante.

De um modo geral, marcadores discursivos apresentam as seguintes características: são sintaticamente independentes; são formados por um ou por mais de

que estão passando por discursivização estariam na verdade em fase inicial de gramaticalização, que tem como característica (segundo Traugott, *op. cit.*) o fortalecimento pragmático.

um item lexical, ou expressões não-lexicais; funcionam no monitoramento da conversação e organização do texto; estão distribuídos no início, meio ou final da unidade discursiva; e são freqüentemente vazios de conteúdo semântico. *Acho (que)* e *parece (que)*, em determinados contextos, apresentam essas características.

2.3.3 Proposta de abordagem

A gramaticalização é um processo que se dá no plano conceitual e no plano estrutural. Como é preciso adotar um critério para rotular e classificar as ocorrências de *acho (que)* e *parece (que)* no plano conceitual, escolho o critério semântico-discursivo de acordo com a função discursiva que as construções desempenham, com base no estudo de Espíndola (1998).

Por que não considerá-los marcadores discursivos? Para considerar *acho (que)* e *parece (que)* marcadores discursivos e estudar seu processo de mudança, a partir da sua origem como verbo + complemento oracional, seria preciso se reportar a outro processo de mudança, conhecido como discursivização. A discursivização (ou pós-gramaticalização, conforme Vincent, Laforest & Votre, 1993) é um processo pelo qual um elemento passa a um nível não-gramatical, obedecendo não mais às restrições gramaticais, mas às pragmáticas e interativas. Para Martelotta, Votre & Cezário. (1996) a discursivização é a passagem de elementos da gramática ao discurso, com a decorrente perda de valores gramaticais e aquisição de valores pragmáticos; os elementos discursivizados tendem a se tornar marcadores discursivos.

Não vou considerar *acho (que)* e *parece (que)* como marcadores discursivos por conta da posição de Traugott (1995), para quem as construções que estariam passando por discursivização estariam na verdade em fase inicial de gramaticalização, cuja característica, segundo Traugott, é o fortalecimento pragmático. Também seria necessário definir muito bem o que é um marcador discursivo, uma tarefa das mais árduas.

Assim, de acordo com o critério semântico-discursivo de acordo com a função discursiva que as construções desempenham, com base no estudo de Espíndola (1998), as construções podem ser classificados do seguinte modo:

QUADRO 5: SUBDIVISÃO DAS FUNÇÕES DE ACHO (QUE) E PARECE (QUE)

Acho (que)		Parece (que)	
Marcador de opinião	Marcador de dúvida	Marcador de percepção	Marcador de dúvida

Estabelecidas as funções que *acho (que)* e *parece (que)* desempenham, é necessário também estabelecer um contínuo para sua gramaticalização. No contínuo da gramaticalização, é provável que a função *marcador de opinião*, para *acho (que)*, e a função *marcador de percepção*, para *parece (que)*, por conta do aumento da frequência de uso e conseqüente expansão/generalização do sentido, tenham originado a função *marcador de dúvida*. Assim, no plano do sentido, para *acho (que)* e *parece (que)* o contínuo de gramaticalização é: *acho (que) marcador de opinião* > *acho (que) marcador de dúvida*; e *parece (que) marcador de percepção* > *parece (que) marcador de dúvida*. Esta é uma proposta especificamente sincrônica, sem considerar a diacronia. Estou considerando apenas as ocorrências encontradas no *corpus* selecionado para propor esse contínuo.

Quanto ao estatuto sintático, as possibilidades de ocorrência de *acho (que)* e *parece (que)* na fala de Florianópolis podem ser classificadas como segue:

QUADRO 6: POSSIBILIDADES DE OCORRÊNCIA DE ACHO (QUE) E PARECE (QUE)

	Acho	Parece
<i>V pleno</i>	“encontrar”	“assemelhar-se”
<i>V principal + complemento</i>	acho que: marcador de opinião	parece que: marcador de percepção
<i>VPrincipal + compl. integrados</i>	acho que : marcador de dúvida	parece que: marcador de dúvida
<i>Verbo + predicativo</i>	acho + adjetivo	parece + adjetivo

A seguir, são descritas as estruturas sintáticas correspondentes às funções.

2.3.3.1 Verbo pleno

Esta estrutura corresponde à que Galvão (1999) chama de ACHAR1. Ocorrências de *parece* verbo pleno são pouco freqüentes, e de *acho* sequer existem no *corpus*

analisado, independente do tempo verbal e pessoa do discurso. O exemplo ilustra uma ocorrência de *parece* verbo pleno.

33. Branco e grande, deixa eu ver, tem uma pata que PARECE uma pata de leão, os caninos bem grandes, deixa eu ver que mais, tipo assim, PARECE um pastor alemão, só que é branco, tá? SC FLP

Note-se que não há a menor possibilidade de intercâmbio das formas para expressar a mesma função, embora o contexto discursivo seja de incerteza, marcada pela expressão 'deixa eu ver'. Se trocarmos *parece* por *acho*, a frase ficaria muito estranha:

34. Branco e grande, deixa eu ver, tem uma pata que ACHO uma pata de leão, os caninos bem grandes, deixa eu ver que mais, tipo assim, ACHO um pastor alemão, só que é branco, tá?"

2.3.3.2 Verbo principal + complemento oracional: opinião

Esta estrutura corresponde ao que Galvão (1999) chama de ACHAR2. Bastante freqüentes, as ocorrências de *acho (que)* com a função de *marcador de opinião* são ilustradas pelos exemplos que seguem:

35. Quando não era corrida de bastão era pata cega, aquele negócio. É porque na época eu acredito que na época, os professores de educação física não eram formados realmente em educação física. Eu ACHO QUE eles eram improvisados. SC FLP
36. Hoje em dia, namorado já chega na porta da namorada, já ela sai com ele, ela sai por aí afora, já não ligam pra mais nada. A coisa hoje é mais vulgar. ACHO QUE a coisa é mais vulgar hoje em dia. SC FLP

Note-se que o falante tem consciência de que *acho (que)* pode significar outra coisa que não a sua opinião. Por isso, o falante reforça a sua posição com marcas do tipo 'não posso dizer com certeza, é o que eu acho'. O exemplo retomado ilustra essa consciência, um indício do processo de gramaticalização pelo qual passa a forma.

37. Quando não era corrida de bastão era pata cega, aquele negócio. É porque na época eu acredito que na época, os professores de educação física não eram formados realmente em educação física. Eu ACHO QUE eles eram improvisados. Não posso dizer com certeza. É O QUE EU ACHO. Que você vê hoje um professor de educação física muito diferente do anterior

Casos desse tipo são bastante recorrentes no *corpus* analisado.

2.3.3.3 Verbo principal + complemento oracional: percepção

A forma *parece (que)* verbo principal + complemento tem muita semelhança de sentido com a forma *parece* verbo pleno, pois em ambos os casos o sentido evocado é o de semelhança e percepção.

38. E: tem mais algum vizinho que te dá problema?

F: Não. O ruim é o vizinho da esquerda o e vizinho da frente, a do lado assim, é uma senhora viúva, ela é legal. Eles são assim, berrão, eles fazem muito escândalo, muita matraca, eles vão lavar roupa suja na rua, assim, sabe? A coisa mais ridícula. PARECE QUE eles nem têm casa, eles vivem na casa dos outros. E os do lado assim, são muito quietos, e eles ficam debochando dos outros, assim sabe?

Neste exemplo, *parece (que)* ilustra um estado de coisas que a falante percebe, sem emitir julgamento ou opinião. A falante não põe em dúvida o fato de os vizinhos terem ou não casa; está colocando como um fato perceptível a todos. É possível intercambiar *acho (que)* com *parece (que)* no exemplo anterior, mas o sentido evocado seria o de opinião pessoal da falante.

2.3.3.4 Verbo principal + complementizador integrados: dúvida

Esta estrutura corresponde a que Galvão (1999) chama de ACHAR3. Neste caso, tanto *acho (que)* como *parece (que)* evocam o mesmo significado de incerteza e de dúvida, e, por isso, podem ser intercambiados.

39. Quando ela faleceu, faz dois anos, eu fiquei triste também. Ela estava grávida, PARECE QUE ela estava grávida e o que foi? Ela estava com pedra na vesícula e não sabia, né? O médico devia ter falado. SC FLP

40. Quando ela faleceu, faz dois anos, eu fiquei triste também. Ela estava grávida, ACHO QUE ela estava grávida e o que foi? Ela estava com pedra na vesícula e não sabia, né? O médico devia ter falado.”

41. E: A senhora tem filhos?

F: Tenho, tenho cinco filhos.

E: É? E qual a idade deles?

F: Olha, eu tenho uma filha com- ela vai fazer é eu ACHO QUE ela vai fazer trinta e oito anos. E tenho um filho com trinta e seis, outra filha com trinta e quatro, outro filho com trinta, eu já disse quatro, né? e o mais moço vai fazer vinte e nove anos. SC FLP

42. E: A senhora tem filhos?
F: Tenho, tenho cinco filhos.
E: É? E qual a idade deles?
F: Olha, eu tenho uma filha com- ela vai fazer é PARECE QUE ela vai fazer trinta e oito anos. E tenho um filho com trinta e seis, outra filha com trinta e quatro, outro filho com trinta, eu já disse quatro, né? e o mais moço vai fazer vinte e nove anos.

O uso de uma ou da outra forma não altera o sentido de dúvida e incerteza evocado. A razão por quê denomino ‘verbo principal + complementizador integrados’ é porque acredito que e que essas construções não se comportam simplesmente como verbo + complementizador, mas sim como uma única palavra, movimentando-se juntos, e barrando material interveniente entre o ‘verbo’ e o ‘complementizador’³⁵. Uma justificativa/explicação para esse comportamento seria o fato de que *acho (que)* e *parece (que)* passaram por reanálise, um processo de mudança desencadeado pelo aumento da frequência de uso. A reanálise muda a fronteira de uma construção sem envolver modificação imediata e intrínseca na sua manifestação de superfície (Langacker, 1977). Assim, quanto mais utilizada uma construção, para facilitar o processamento, ela seria armazenada como um único pedaço de informação. No caso de *acho (que)* e *parece (que)*, a estrutura inicial seria *acho [que oração objeto]* e *parece [que oração sujeito]*, e por conta da reanálise [*acho que*] oração objeto e [*parece que*] oração complemento. As construções reanalisadas não são mais verbo + complementizador; e teriam de buscar o seu lugar na estrutura da língua. E o lugar mais apropriado, na falta de outra opção, é junto aos advérbios. Para essa colocação, respaldome no fato de que as construções adquirem a mobilidade que caracteriza os elementos da categoria advérbio, possivelmente devido ao processo de analogia, pelo qual uma regra é generalizada de acordo com a organização paradigmática da língua, alterando as manifestações de superfície (Langacker, 1977). Castilho & Castilho (1993) tratam especificamente dos advérbios modalizadores, aos quais as expressões reanalisadas [*acho (que)*] e [*parece (que)*] fazem companhia. Segundo Castilho & Castilho, os advérbios quase-asseverativos

indicam que o falante considera o conteúdo de P quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, e por isso mesmo ele se furta ‘a toda responsabilidade sobre a verdade ou falsidade [da proposição]’: Barranechea (1969:320). Através dos Quase-Asseverativos, avalia-se P como uma possibilidade epistêmica, decorrendo daqui uma baixa adesão do falante com respeito ao conteúdo do que está sendo verbalizado. Eles podem ser representados

³⁵ Coisas como: “acho até que”, “parece ainda que”.

pelos predicadores Quase- Assertivos 'eu acho', 'eu suponho', é provável que P'. (p. 222)

O exemplo ilustra o valor adverbial evocado por *acho (que)*:

43. Então, depois, no final da novela, ficou aquela disputa das duas pela criança e as duas ficaram cuidando da criança, né? Aí, a gente ACHO QUE nunca imagina que talvez venha a passar por isso. SC FLP

Há ainda as construções parentéticas, denominação de Rosa (1992), que equivalem ao que Galvão (1999) chama de ACHAR4.

44. F: Bateu assim! Calculei, vamos supor: cento e quarenta. A freada diminuiu quarenta quilômetros, pegou uns noventa, pegou uns noventa a cem quilômetros assim no ônibus. Foi uma porrada! Aí, arrombou com os caras todos.
E: Quantas pessoas tinha?
F: Duas. Dois caras. Dois assim dezenove anos, PARECE. Vinte, dezenove anos. SC FLP
45. Agora eu não lembro pra quem eu votei , aí teve depois a segunda vez, né? Aí eu votei pra Angela Amin. O Paulo Afonso, EU ACHO. Acho que o Paulo Afonso e a Angela Amin. SC FLP

Neste caso, *acho* e *parece* também são intercambiáveis, sem que com a substituição de uma forma pela outra haja também desvio de significado:

46. F: Bateu assim! Calculei, vamos supor: cento e quarenta. A freada diminuiu quarenta quilômetros, pegou uns noventa, pegou uns noventa a cem quilômetros assim no ônibus. Foi uma porrada! Aí, arrombou com os caras todos.
E: Quantas pessoas tinha?
F: Duas. Dois caras. Dois assim dezenove anos, ACHO. Vinte, dezenove anos.
47. Agora eu não lembro pra quem eu votei , aí teve depois a segunda vez, né? Aí eu votei pra Angela Amin. O Paulo Afonso, PARECE. Acho que o Paulo Afonso e a Angela Amin.

Segundo Galvão, o lugar das construções parentéticas seria depois de uma emissão completa de raciocínio e pausa, ou seja, estariam fora da oração, o que se confirma nos exemplos anteriores. Fica claro que o significado evocado por *acho (que)* e *acho*, e *parece (que)* e *parece*, seja também o de *marcador de dúvida e incerteza*.

2.3.3.5 Verbo + predicativo

As construções que chamo de verbo + predicativo são equivalentes ao que Galvão (1999) chama de ACHAR2'. Porém, discordo que estas construções estejam na mesma trajetória de gramaticalização que estão os *marcadores de dúvida*. No *corpus*, são predominantemente com *acho*. Não creio ser possível substituição de uma forma pela outra sem haver distorção no sentido evocado. Os exemplos que seguem ilustram a ocorrência de *acho* verbo + predicativo.

48. E: Tu já escolheste a tua profissão?
F: Eu tenho vontade de ser modelo. Modelo e artista, porque eu ACHO muito legal trabalhar em novelas, em ser modelo, essas coisas. SC FLP
49. E: Tem alguma área específica na veterinária que tu pretendes?
F: Tem. Estética eu nunca gostei porque eu ACHO um pecado fazer isso com um bicho. SC FLP

2.3.3.6 Recorte das variantes

O quadro de possibilidades de tratar *acho* (*que*) e *parece* (*que*) como variantes no desempenho da função *marcador de dúvida* pode ser assim definido:

QUADRO 7: RECORTE DAS VARIANTES

	<i>Acho (que)</i>	<i>Parece (que)</i>
<i>Verbo principal – percepção</i>		X
<i>V principal + compl. integrados</i>	X	X
<i>Verbo principal – opinião</i>	X	

Os contextos em que é possível haver variação na escolha entre as construções com *acho* (*que*) e *parece* (*que*) são as construções verbo principal + complemento integrados na função *marcador de dúvida*. Essas construções são as mesmas descritas por Galvão (1999) como ACHAR 3 e ACHAR 4 e as descritas como PARECER 3 e PARECER 4, conforme Gonçalves (2003).

3 COMO RETRATAR A MUDANÇA?

Este capítulo é dedicado a explicitar os procedimentos metodológicos adotados para a verificação da incipiência dos processos de gramaticalização e variação de *acho* e *parece*³⁶: delimitação e recorte das regras variáveis, coleta e seleção de dados a partir de um banco de dados sistematizado e procedimentos de análise estatística.

3.1 Delimitação da variável

Em princípio, todas as ocorrências de *acho (que)* e *parece (que)* poderiam ser consideradas variantes. Porém, seria considerar coisas muito distintas como tendo mesmo valor funcional. O critério adotado para a definição da variável dependente é o critério da regra variável de Sankoff (1988, p.984):

a escolha entre duas ou mais alternativas discretas durante o desempenho lingüístico, influenciada por fatores lingüísticos (traço do ambiente fonológico, contexto sintático, situação interacional, etc.) ou por características sociodemográficas ou pessoais do falante propicia a aplicação de métodos estatísticos conhecidos como “regras variáveis” [adaptação minha]³⁷

³⁶ Deste ponto em diante, vou me referir a *acho* e *parece*, simplesmente.

³⁷ Whenever a choice among two (or more) discrete alternatives can be perceived as having been made in the course of linguistic performance, and where this choice may have been influenced by factors such as features in the phonological environment, the syntactic context, discursive function of the utterance, topic, style, interactional situation or personal or sociodemographic characteristics of the speaker or the others participants, then it is appropriate to invoke the statistical notions and methods known to students of linguistic variation as variable rule.

A regra variável de Sankoff pressupõe 1) a existência de um tipo de escolha entre sons, palavras ou estruturas feita pelo falante durante o desempenho lingüístico; 2) que o resultado da escolha não deve ser previsível pelas informações contextuais; e 3) que a escolha deve ser recorrente.

3.1.1 Tipo da escolha

As ocorrências de *acho* e *parece* foram subdivididas conforme a função semântico-discursiva que desempenham.

QUADRO 8: SUBDIVISÃO DAS FUNÇÕES SEMÂNTICO-DISCURSIVAS DESEMPENHADAS POR ACHO (QUE) E PARECE (QUE)

Acho	acho	Parece	Parece
<i>Opinião</i>	' <i>marcador de dúvida</i> ' ↑ Contexto de variação		<i>Percepção</i>

Resumindo: está sob análise uma regra variável (*marcador de dúvida*), com duas variantes (*acho* e *parece*), e duas funções controladas paralelamente (*marcador de opinião* e *marcador de percepção*) para evidenciar a gramaticalização das variantes da variável dependente.

3.1.2 Previsão da escolha

O segundo critério estabelecido por Sankoff (1988) para a regra variável é que o resultado do processo de escolha de uma ou de outra variante não deve ser previsível pelas informações contextuais. Assim, do número total de ocorrências de *acho* e *parece* coletadas no *corpus* analisado – 980 (847 de *acho* e 133 de *parece*) – 34 (29 de *acho* e 5 de *parece*) foram descartadas porque eram de construções abandonadas³⁸, como exemplificado:

³⁸ As construções abandonadas equivalem ao que Marcuschi (1999, p. 169) denomina falsos inícios e cortes oracionais: *inícios de unidades sintáticas oracionais, que são iniciados com algum problema, e refeitos, retomados ou abandonados.*

50. F: Na época, eu comecei a abandonar novamente a minha família porque eles sempre se mudaram muito, o pai dele sempre viajou muito, o pai dele era do Besc, então ele montava agências em outros municípios assim, né? regiãozinhas, então estava sempre viajando, mal parava em casa. E eles foram criados mais pela mãe, então eu ACHO- eu acho que ele sentia assim muita falta de afeto. SC FLP

Também não foram computadas 50 ocorrências desencadeadas por gatilho, ou seja casos em que as informações contextuais podem desencadear o uso das formas. Essas ocorrências foram desconsideradas devido ao paralelismo formal e discursivo: a forma *acho* ocorria em seqüências discursivas de *opinião* desempenhando a função de *marcador de opinião*. Há apenas uma ocorrência da forma *parece* desencadeada por gatilho, em seqüência discursiva de *explanação* desempenhando a função de *marcador de percepção*. O exemplo que segue ilustra as ocorrências descartadas por gatilhos:

(sobre o edifício *Palace II* e o deputado *Sérgio Naia*)

51. E: E PARECE que ele vai ser cassado, né?
F: É, PARECE.
E: PARECE que ele não vai fazer o mandato dele, né?
F: PARECE que não.
E: Que que você ACHA? Você ACHA que isso é certo?
F: Eu só não ACHO isso é certo, não tem? Eu ACHO que isso é uma coisa errada porque as pessoas que perderam as suas coisas como é que vão fazer? sem moradia, vão ter que fazer a primeira coisa é comprar um terreno. SC FLP

Feitas as restrições, restaram 836 ocorrências válidas para a análise.

Também é possível que fatores lingüísticos e sociais influenciem na escolha de uma ou de outra forma de expressão da variável.

Os grupos de fatores lingüísticos que foram elencados como possíveis condicionantes da variação e também os que podem indiciar o processo de gramaticalização de *acho* e *parece* são:

- a) tipo de seqüência discursiva em que ocorre a variável: narrativa, descrição de vida, descrição, opinião, explanação;

- b) tipo de assunto (tópico temático) discorrido: família, política, escola, entretenimento;
- c) grau de envolvimento do falante com o tópico temático discorrido: envolvimento direto, indireto, mediano;
- d) aspecto verbal da oração sob o escopo da variável: acabado, inacabado;
- e) posição da variável na seqüência discursiva: inicial, final, medial;
- f) material interveniente entre verbo e complementizador: ausência, presença;

O fator social que pode estar influenciando na escolha de uma ou de outra forma da variável, e também podem indiciar o processo de gramaticalização é:

- a) idade: 15 a 24 anos, 25 a 49 anos, mais de 50 anos;

O rótulo 'grupo de fatores' recobre tanto aos indícios e pistas da gramaticalização das formas como aos condicionamentos da variação no uso das formas. Por exemplo, a posição de *acho* e *parece* na seqüência discursiva e a presença de material interveniente são indícios para a caracterização do processo de gramaticalização e não condicionamentos da variação do seu uso . Porém, por questões metodológicas, condicionamentos e indícios foram codificados conjuntamente e reunidos sob o rótulo de *grupo de fatores*, para facilitar o trabalho de análise estatística.

Os grupos de fatores listados anteriormente são detalhados na apresentação dos resultados.

3.1.3 Recorrência da escolha

Para verificar a recorrência da escolha entre uma e outra variante da variável foram utilizadas amostras de fala de 36 entrevistas do Banco de Dados Varsul, referentes à cidade de Florianópolis, estratificadas de acordo com o perfil social dos entrevistados, como segue na tabela:

TABELA 2: DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS SELECIONADAS PARA A ANÁLISE

Escolarização	Faixa etária					
	15–24 anos		25–49 anos		Mais de 50 anos	
Até 4 anos	2M	2F	2M	2F	2M	2F
5 a 8 anos	2M	2F	2M	2F	2M	2F
9 a 11 anos	2M	2F	2M	2F	2M	2F
Total	12		12		12	
			36			

3.1.3.1 O Banco de Dados Varsul

O Banco de Dados Varsul é resultado do projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil, cujos objetivos são o armazenamento e a disponibilização de amostras de fala de habitantes característicos de áreas urbanas representativas de cada um dos três estados da região sul do Brasil. As amostras são armazenadas sob a forma de entrevistas gravadas em fita cassete com aproximadamente 1h de duração, e posteriormente transcritas de acordo com um sistema de transcrição de três linhas. Na primeira linha é registrada a sintaxe real da fala do entrevistado; na segunda linha registram-se aspectos fonéticos variáveis e pausas; e na terceira linha é feita a classificação morfossintática dos itens lexicais. O perfil do entrevistado de cada cidade é: a) falante de português; b) morador da cidade há pelo menos 2/3 da sua vida; c) não ter morado fora da região por mais de um ano no período da aquisição da língua; d) não causar estranheza a outros falantes da região; e) os pais devem ter nascido na cidade.

As cidades que têm amostra de fala no Banco de Dados Varsul são Porto Alegre, Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (região de fronteira), no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Lages (colonização sulista), Blumenau (colonização alemã) e Chapecó (colonização italiana), em Santa Catarina; e Curitiba, Irati (colonização eslava), Londrina (cidade mais importante da região norte do estado) e Pato Branco (cidade mais importante da região sudoeste do estado), no Paraná. Cada cidade é representada por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis sociais (sexo masculino e feminino, três níveis de escolarização e duas faixas etárias) de duas entrevistas. Florianópolis é a única cidade do banco de dados que tem uma faixa etária a mais, totalizando 36 entrevistas correspondentes a 18 perfis sociais. Os

entrevistados estão estratificados em três níveis de escolarização: de 4 a 5 anos (ou o equivalente à 4ª e 5ª séries do ensino fundamental); 8 a 9 anos (ou o equivalente à 8ª série do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio); e 10 a 11 anos (ou 2º e 3º anos do ensino médio). Quanto às faixas etárias, as entrevistas subdividem-se em: faixa A (25 a 49 anos, preferencialmente 25 a 45 anos); faixa B (mais de 50 anos, preferencialmente 55 a 75 anos); e somente em Florianópolis, jovens (15 a 24 anos, preferencialmente 15 a 20 anos). (KNIES & COSTA, 1996; COELHO, FREITAG & TAVARES, 2002)

O acesso aos dados do Banco de Dados Varsul pode ser feito através dos módulos EditorVARSUL para leitura e impressão das entrevistas e InterpretadorVARSUL para a seleção de dados de interesse à pesquisa³⁹. As entrevistas do Banco de Dados Varsul estão armazenadas em disquete por meio do programa EditorVARSUL versão 2.0, que permite a edição das entrevistas incluindo as três linhas da transcrição. O resultado são arquivos em formato .TXT, .WTX e .TEX. A consulta às amostras de fala é feita por meio do programa InterpretadorVARSUL versão 2.0, que é destinado a encontrar seqüências de caracteres previamente definidos em textos editados pelo EditorVARSUL. Ele realiza a busca de palavras (ou seqüência de palavras) ou seqüência de caracteres (1ª linha) ou códigos (linhas 2 e 3) num arquivo determinado. Após a busca, fornece o número total de ocorrências e lista os números das superlinhas em que se encontram os registros e permite a impressão da listagem dos números das superlinhas e/ou das seqüências identificadas.

3.1.3.2 Análise estatística

Após codificadas, as ocorrências foram submetidos à análise estatística do programa computacional Pacote Estatístico VARBRUL2S, cujo manual foi compilado por Susan Pintzuk (1989). *Variable Rule Analysis*, identificado pela sigla VARBRUL, é um sistema logístico inicialmente proposto por David Sankoff para a análise da variação. O sistema é utilizado para medir efeitos de variáveis independentes sobre a variável dependente. A variável dependente pode ser enéaria. As variáveis independentes são os grupos de fatores que possivelmente condicionam a ocorrência do fenômeno. O fluxo

³⁹ Os programas foram desenvolvidos pela Engesis Engenharia.

completo de cálculo das probabilidades requer a rodada dos dados nos programas *checktok*, *readtok*, *makecell* e *ivarb*. Os dois primeiros preparam os dados de acordo com as especificações e condições; *makecell* realiza cálculos percentuais e *ivarb*, cálculos probabilísticos.

O programa *ivarb*, na opção *step up and step down* realiza, primeiramente, uma análise progressiva (*step up*), observando as probabilidades associadas a cada grupo de fatores, a cada par, a cada trio, até englobar todos os grupos de fatores; e uma análise regressiva (*step down*), descartando, a cada nível de análise, o grupo de fatores menos significativo.

A seqüência *step up* inicia do nível zero, que apresenta o *input* global da regra. No nível 1, são listadas as probabilidades associadas aos fatores de cada grupo, e é selecionado o primeiro grupo de fatores estatisticamente relevante (se for o caso). No nível 2, o grupo já selecionado é combinado com cada um dos demais, e após testar a relevância estatística de cada combinação, se for o caso, o programa seleciona o segundo grupo relevante.

O sistema vai ao próximo nível à procura de um novo grupo que possa ser selecionado até não encontrar mais grupos de fatores estatisticamente relevantes. Em seguida, inicia a seqüência *step down*, partindo do nível mais alto e descendo um nível de cada vez, excluindo os grupos de fatores irrelevantes estatisticamente. (SANKOFF, 1988; SCHERRE, 1993)

4 FOTOGRAFIA DE UMA MUDANÇA

A análise do uso de *acho* e *parece* na fala de Florianópolis está dividida em dois momentos: o da sua gramaticalização, de *marcadores de opinião* e *percepção*, respectivamente, em *marcadores de dúvida*, e o do seu uso variável na função de *marcador de dúvida*. Para tanto, faço uso do aparato metodológico da teoria da variação e mudança lingüística, considerando resultados de frequência e de probabilidade de uso. A frequência de uso é o fator explanatório considerado mais adequado para evidenciar a mudança via gramaticalização de *acho* e *parece*. O contínuo da mudança que é tratado é da função *marcadores de opinião* e *percepção* em *marcador de dúvida*. Já a probabilidade de uso é o fator explanatório considerado mais adequado para analisar as possibilidades e limites de variação no uso de *acho* e *parece* no desempenho da função *marcador de dúvida*.

4.1A gramaticalização

Para evidenciar a gramaticalização de *acho* e *parece* na fala de Florianópolis, foram elencados fatores que podem estar influenciando no processo, que foram submetidos à análise estatística, a fim de se averiguar o papel da frequência de uso. Os resultados são considerados com referência às funções discursivas que as construções desempenham, ou seja, as funções de *marcador de opinião*, *marcador de percepção* e *marcador de dúvida*. As ocorrências levantadas no *corpus* analisado foram quantificadas considerando a função discursiva que *acho* e *parece* desempenham, a qual foram correlacionadas a fatores lingüísticos e sociais que podem estar influenciando na sua gramaticalização, tais como a

posição, a presença de material interveniente, a presença/ausência do complementizador, o tipo de seqüência discursiva em que ocorrem, o grau de envolvimento do falante com o assunto discorrido na seqüência discursiva, o grau de complexidade atribuído ao assunto discorrido e a faixa etária e de escolarização do informante.

Foram consideradas na análise 836 ocorrências válidas após aplicadas as restrições definidas no capítulo 3, que estão distribuídas do seguinte modo:

TABELA 3: FREQUÊNCIA DE USO DE ACHO E PARECE QUANTO ÀS FUNÇÕES DISCURSIVAS

	Acho		Parece		Total	
Marcador de opinião	382	99%	2	1%	384	46%
Marcador de percepção	0	0%	22	100%	22	51%
Marcador de dúvida	330	77%	100	23%	430	3%
Total	712	85,2%	124	14,8%	836	100%

A primeira conclusão que se pode tirar dos números é que, no *corpus*, a forma *acho* é mais freqüente do que a forma *parece*. Das 836 ocorrências, 86% (712 ocorrências) correspondem à forma *acho* e 14% (124 ocorrências) à forma *parece*. É possível formular expectativas quanto à freqüência de uso e a gramaticalização: *acho* é muito mais recorrente do que *parece*, e por isso, possivelmente muito mais gramaticalizado, pois de acordo com a hipótese de freqüência de uso e gramaticalização de Bybee (2001), quanto mais freqüente uma construção, mais chances ela teria de se gramaticalizar. Para verificar a validade da hipótese, é preciso correlacionar as formas às funções discursivas que elas desempenham no discurso. Porém, há que se considerar os resultados diacrônicos encontrados por Gonçalves (2003, p. 193): dentre as três formas analisadas – *achar*, *parecer* e *crer* – a forma mais gramaticalizada é *parecer* e a mais resistente à mudança é *achar*.

Quanto às funções discursivas desempenhadas por *acho* e *parece*, ainda são necessários dois esclarecimentos. O primeiro esclarecimento é que as duas ocorrências de

parece desempenhando a função discursiva de *marcador de opinião* são caracterizadas, na verdade, não pela forma *parece*, mas pelo uso do pronome de primeira pessoa: *me parece = acho*, como ilustrado:

52. E: Eles servem na merenda dos colégios, sopa às dez da manhã, né?

F É, sopa às dez da manhã. Mas lá era no grupo era servido realmente ao meio dia. Então às vezes a gente ia almoçar no grupo, né? praticamente almoçava porque a gente dava pra repetir, né? pra repetir uma, duas vezes. E era tudo assim, em caneca de esmalte, a merenda era servida em caneca de esmalte. Era servida em caneco, em caneco plástico, ME PARECE essas coisas. Na época se ria caneco de esmalte. Então a gente já ia com caneco pra sala, na hora da merenda a gente saía da sala já com caneco, né? SC FLP

Das 384 ocorrências da função *marcador de opinião*, 99% são desempenhadas pela forma *acho*. O 1% restante, equivalente a 2 ocorrências, é desempenhado pela forma *parece + me*, como o exemplificado anteriormente. Já na função *marcador de percepção*, a forma *parece* é categórica: ocorre 22 vezes.

A função *marcador de dúvida* é tanto desempenhada pela forma *acho* como pela forma *parece*. Das 430 ocorrências, *acho* responde por 77%, ou seja, 330 ocorrências, e *parece*, 23%, ou 100 ocorrências. Essa é a função mais recorrente no *corpus* analisado: são 51% (430 ocorrências), contra 46% (384 ocorrências) da função *marcador de opinião* e apenas 3% (22 ocorrências) de *marcador de percepção*.

No contínuo de gramaticalização proposto, as funções *marcador de opinião* e *marcador de percepção* são as instâncias iniciais, mais concretas. Para essas formas, os dados apontam que existe uma relação entre função e forma: a função *marcador de opinião* é desempenhada pela forma *acho*, salvo as duas exceções em que ocorre *parece + me*. E a função *marcador de percepção* é desempenhada pela forma *parece*. Já a função *marcador de dúvida*, a instância mais abstrata no contínuo proposto, as duas formas podem desempenhar a mesma função.

O segundo esclarecimento é que com as funções em que existe relação com a forma, ou seja, nas funções de *marcador de opinião* e *marcador de percepção*, não é possível aplicar o teste da intercambialidade, diferentemente da função *marcador de dúvida*, em que a substituição de uma forma pela outra - de *acho* por *parece* - não traz problemas quanto à mudança de sentido. Observe-se:

53. E, dali na biblioteca, também, tinha uma chefe, A Laura, que ela era uma pessoa muito Eles dizem que a biblioteca é o pior lugar que tem pra trabalhar. Eu não ACHO. Gosto muito dali. Pelo menos no meu setor, né? Tem muita gente boa ali. SC FLP

O exemplo ilustra a função *marcador de opinião*. Substituir *acho* por *parece* altera o sentido pretendido pela falante. Mas no caso que segue, a intercambialidade é perfeitamente possível:

54. Eu sempre fumei muito cedo. E, na época eu com quinze anos, dezesseis anos, eu passei mal. Me deu uma doença, PARECE QUE sarampo. Naquela época, eu passei mal, quase morri. Eu já estava acostumado a fumar. SC FLP

Se substituirmos *parece* por *acho*, o sentido pretendido pelo falante não se altera:

55. Eu sempre fumei muito cedo. E, na época eu com quinze anos, dezesseis anos, eu passei mal. Me deu uma doença, ACHO QUE sarampo. Naquela época, eu passei mal, quase morri. Eu já estava acostumado a fumar.

A possibilidade de intercâmbio das formas pode ser atribuída à expansão do contexto de uso das funções *marcador de opinião* e *marcador de percepção*, até abarcar uma nova função, a de *marcador de dúvida*.

Retomando a frequência de uso, a função *marcador de opinião*, para *acho*, soma 382 dados contra 330 dados da função *marcador de dúvida*; para *parece*, há 22 dados da função *marcador de percepção* contra 100 de *marcador de dúvida*. A frequência de uso de *parece*, na função *marcador de dúvida*, é muito maior do que a de *acho* (para *parece*, a relação é de 5:1, ou seja, para cada 5 ocorrências de *parece marcador de dúvida* há uma ocorrência de *parece marcador de percepção*; para *acho*, a relação é aproximadamente de dum para um, ou seja, a cada ocorrência de *acho marcador de dúvida*, há uma ocorrência de *acho marcador de opinião*), que, em valores absolutos, é mais recorrente no *corpus*, pois para cada oito ocorrências de *acho* há uma ocorrência de *parece*. Por que *parece* tende mais a ser usado que *acho* na função *marcador de dúvida*? A resposta é diacrônica: conforme aponta o estudo de Gonçalves (2003), que constatou que a unidirecionalidade do processo de gramaticalização de *parecer* se confirma, do uso original latino ao português atual e que as três formas verbais analisadas – *achar*, *crer* e *parecer* – não estão gramaticalizadas no mesmo grau: a

forma *parecer* sobressai das demais, possivelmente devido às suas propriedades sintático-semânticas.

O princípio da *persistência* de Hopper (1991) confirma a explicação diacrônica: as formas em via de gramaticalização tenderiam a conservar reminiscências de seu sentido original. Ora, *parece* é marcado pela impessoalidade⁴⁰, ao contrário de *acho*. Por conta da expansão de sentido característica da gramaticalização, quanto mais impessoal, mais incerto, mais *marcador de dúvida*.

Ainda de acordo com a *persistência*, seria mais fácil para *parece* se gramaticalizar na função de *marcador de dúvida*. A forma *acho* carrega consigo a marca de pessoalidade, ao contrário da forma *parece*, que é muito mais próxima, em termos de impessoalidade, de *talvez*, o *marcador de dúvida* prototípico do português. Porém, é preciso ressaltar que em valores absolutos, *acho* é muito mais recorrente no *corpus* do que *parece*.

Apesar das suas diferenças, *acho* e *parece* andam lado a lado no processo de gramaticalização: a ocorrência de *acho* é mais freqüente e a de *parece* é mais provável. A forma *acho* é mais freqüente porque computa 85,2% das ocorrências nas funções *marcador de opinião* e *marcador de dúvida*; especificamente na função *marcador de dúvida*, sua freqüência é de 77%. Já a forma *parece* tem mais probabilidade de ocorrer na função *marcador de dúvida* do que na função *marcador de percepção*, pois para cada ocorrência de *parece marcador de percepção* há cinco ocorrências de *parece marcador de dúvida* (no total, 22 ocorrências contra 100).

O fator freqüência de uso indicia a gramaticalização de *acho* e *parece* como *marcadores de dúvida*: a função é a que mais computa ocorrências, o que pode indicar a expansão do seu contexto de uso, segundo as hipóteses quanto à freqüência de uso e a gramaticalização, postuladas por Bybee (2001).

⁴⁰ E quando é necessário marcar a pessoalidade de *parece*, há o recurso do pronome de primeira pessoa (*me parece*).

4.1.1 Com ou sem complementizador?

Qual será a forma da função discursiva *marcador de dúvida*: *acho* ou *acho que?* *parece* ou *parece que?* Mais especificamente, o que questiono é se o escopo da reanálise dos verbos + complementizador em marcadores de *opinião* e de *percepção*, e posteriormente em *marcadores de dúvida* abarca também o complementizador.

A freqüência de uso também é responsável, segundo Bybee (2001) pelas mudanças no plano morfofonêmico. Ainda segundo Bybee, palavras ou construções que são freqüentemente repetidas tendem mais a serem encurtadas do que palavras e construções de baixa freqüência. A gramaticalização envolve a fusão fonológica de morfemas ou palavras que anteriormente eram separados. Na fusão também atua a freqüência: as combinações de palavras que ocorrem juntas muito freqüentemente são armazenadas e processadas como um só bloco.

Qual é o escopo da reanálise de *acho* e *parece*: as formas que codificam a função *marcador de dúvida* são originadas de verbo ou de verbo + complementizador? Há muito mais ocorrências de *acho* e *parece* com complementizador do que sem, como pode ser observado na tabela seguinte:

TABELA 4: DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE ACHO E PARECE QUANTO AO COMPLEMENTIZADOR

	Acho		Parece		Total	
<i>Presença</i>	643	88%	87	12%	730	90%
<i>Ausência</i>	69	65%	37	35%	106	10%
<i>Total</i>	712	85,2%	124	14,8%	816	100%

De acordo com Bybee, se a combinação verbo + complementizador é a mais freqüente, então é possível que essa seja a forma que está se gramaticalizando. A teoria fonológica suporta essa possibilidade.

A hierarquia prosódica, segundo Bisol (1999, p. 230) é a seguinte: enunciado > frase entonacional > frase fonológica > grupo clítico > palavra fonológica > sílaba. Se a reanálise de *acho* e *parece* abarca o complementizador, o resultado é um grupo clítico, como fala-se e te espero. O grupo clítico, conforme Bisol, é a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo, definição que se ajusta às formas *acho que* e *parece que*. Mendes (1999) recorre ao mesmo argumento para explicar as transformações fonêmicas na gramaticalização de construções *estar* + gerúndio.

Relativamente, há muito mais ocorrências da forma *parece* sem complementizador do que da forma *acho*. A relação de ocorrências de *acho* sem complementizador é de aproximadamente 9:1, ou seja para cada ocorrência de *acho* com complementizador há uma ocorrência de *acho* sem complementizador (643 contra 69 ocorrências); já para *parece* essa relação é de aproximadamente 2:1, ou seja, a cada duas ocorrências de *parece* com complementizador há uma sem complementizador (87 contra 37 ocorrências). A base destas constatações é a soma de todas as ocorrências das formas em todas as funções discursivas: *marcador de opinião*, *marcador de percepção* e *marcador de dúvida*. Será que existe diferença entre as funções discursivas no que se refere à presença ou ausência do complementizador?

Assumindo o pressuposto de que as formas estão se gramaticalizando, é esperado que haja mais presença de complementizador nas funções *marcador de opinião* e *marcador de percepção*, que são as funções em instâncias iniciais, menos gramaticais no contínuo da gramaticalização e cujo comportamento sintático está mais próximo de verbo + complementizador. Quanto à função *marcador de dúvida*, não é possível especular nada, pois a reanálise dos *marcadores de opinião* e *percepção* tanto pode como não pode abarcar o complementizador. O cruzamento das ocorrências de *acho* e *parece* considerando a função discursiva e o complementizador pode ser uma tentativa para elucidar a questão do escopo da reanálise dos *marcadores de opinião* e de *percepção* em *marcadores de dúvida*.

TABELA 5: CRUZAMENTO ENTRE A FUNÇÃO DISCURSIVA DE ACHO E PARECE A E PRESENÇA/AUSÊNCIA DE COMPLEMENTIZADOR

	Marcador de <i>opinião</i>		Marcador de <i>percepção</i>		Marcador de <i>dúvida</i>		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
<i>Acho que</i>	356	55%	0	0%	287	45%	643	78 %
<i>Parece que</i>	2	2,5%	17	19,5%	68	78%	87	10%
<i>Acho</i>	26	37,5%	0	0%	43	62,5%	69	8%
<i>Parece</i>	0	0%	5	13,5%	32	86,5%	37	4%
<i>Total</i>	384	46%	22	2,5%	430	51,5%	816	100%

O resultado do cruzamento entre a presença/ausência de complementizador e a função discursiva desempenhada por *acho* e *parece* confirma a expectativa de que nas funções de *marcador de opinião* e *marcador de percepção* predominaria a presença de complementizador. Na função *marcador de percepção*, há 5 ocorrência de ausência de complementizador contra 17 de presença; na função *marcador de opinião* há 26 contra 356.

Já na função discursiva *marcador de dúvida*, a ausência de complementizador é sensivelmente maior na forma *parece*: são 43 ocorrências de *acho* sem complementizador de um total de 69, contra 32 de *parece* sem complementizador contra 37. Esse é mais um indício que vem a corroborar com a constatação de Gonçalves (2003), de que a forma *parece* está mais avançada no processo de gramaticalização do que a forma *acho*.

Em valores gerais, a maior parte das ocorrências de *acho* e *parece* na função *marcador de dúvida* é com complementizador, mas a ausência é significativa, se as outras funções forem tomadas por base na comparação.

A explicação para a perda do complementizador seria o parâmetro da *integridade*, proposto por Lehmann (1982). Por meio de atrito, as formas vão se desgastando: *acho que* > *ach'que* > *achø*; *parece que* > *parec'que* > *parece*. Quanto menos massa fônica e menos traços semânticos (o que era um verbo e um complementizador tornam-se um único elemento), mais gramaticalizada uma construção. Na seção destinada ao estudo da variação no uso de *acho* e *parece*, a questão do complementizador é retomada.

4.1.2 Uma questão de ordem?

Uma abordagem formalista resumiria toda a diversidade de comportamentos de *acho* e *parece* a uma simples questão de ordenação de constituintes na sentença. Porém, esta se trata de uma abordagem funcional do fenômeno. Os verbos *achar* e *parecer* + complementizador ocupam preferencialmente a posição inicial da frase, assim como *acho* e *parece* nas funções *marcador de opinião* e *percepção*, que são as funções em instâncias iniciais de gramaticalização. Quando as formas são reanalisadas e passam a desempenhar a função *marcador de dúvida*, é de se esperar que elas se comportem do mesmo modo que outros itens prototípicos da função (assim como os advérbios de dúvida, como *talvez*), adquiram maior liberdade sintática e ocupem outras posições dentro da frase, por conta do parâmetro da *variabilidade sintagmática*, o que segundo Lehmann (1982), caracterizaria gramaticalização fraca, para, na seqüência do processo, fixarem-se em uma nova posição específica, o que caracterizaria gramaticalização fraca, ainda de acordo com os parâmetros de Lehmann.

As possibilidades de posicionamento de *acho* e *parece* dentro da frase são ilustradas nos exemplos que seguem:

posição inicial

56. E: E qual a diferença do Avaí para o Fluminense?

F: Figueirense.

E: Figueirense.

F: Ah, não sei. Ah! Eu ACHO QUE é a realidade que tem nos dois, né?

E: Rivalidade? Mas não tem que não é time de elite outro é time de morro, não é? Isso não, né?

F: Não é que um - Não, não tem nada disso. Tem um que é mais velho, tem outro que é mais novo, só isso. SC FLP

após adjunto adverbial deslocado

57. E: O que que mais tu sabes sobre os teus primos, sobre a escola deles?

F: Depende o primo, tem primos que são burros pra caramba, pô! Um tem dezesseis anos, está no primário, outro ainda dá pra levar, tem quinze anos está na sétima. Eu acho que o único que não rodou fui eu ainda. Na família toda eu ACHO QUE o único que não rodou fui eu, não fui eu. SC FLP

entre sujeito e verbo

58. F: Quando eles iam se casar, ele morreu.
E: O filho desse senhor?
F: É, o marido dela, né? Ai ela ficou com três filhos. Pelo que eu sei ela tinha três filhos, né? se são dele, se não são, não sei. Só sei que ela tinha três filhos. Mas dizem que a família dele PARECE QUE não gostavam dela. Parece que era um negócio assim. SC FLP

entre verbo e objeto

59. E: O que você acha que deve fazer para essas crianças que estão cheirando cola no centro, sabe? Ficam ali ao léu.
F: Olha, inclusive Jô, eu estou até com um problema que eu até não conversei nada com ninguém. Porque eu sou uma pessoa que soffro calada. A gente está tentando ajudar uma família, eles têm, PARECE QUE seis filhos. Não vou dizer o total porque o total eu não sei.

final

60. F: É uma curva sem perigo, mas também se um erro houvesse ali, era sem proteção, porque a distância entre a pista e uma parede era pequena, devia ter alguma proteção, alguma caixa de brita ou então pneu ali pra proteger. É culpa do presidente da equipe, né? do dono da equipe, o Frank Williams, eu ACHO. E de quem fizeram a organização do GP, eu ACHO.
E: Concordo. SC FLP

Observe-se que é possível, em todos os casos apresentados, com exceção do posicionamento inicial, reordenar a frase, colocando-a na dita ordem direta:

- a) eu acho que o único que não rodou na família toda fui eu.
- b) mas parece que dizem que a família dele x não gostava dela.
- c) parece que eles têm x seis filhos.
- d) eu acho que é culpa do presidente da equipe x.

Já nesse caso, a reordenação é um pouco mais complicada:

61. F: Aparece propaganda, tudo, todavida, incentivando o uso, incentivando a escolha do parceiro, parece, não sei. É, mas tem gente que ainda insiste em não praticar esses ensinamentos que passa, não sei porquê. Não tem consciência, né? do perigo. Pensam que com eles eu ACHO QUE não acontece.
E: é comigo não vai acontecer e tal. Mas tu não achas também que um pouco por falta de esclarecimento assim?
F: É, pode ser também, pode ser mais esclarecido esse assunto. SC FLP

Controlar a posição que *acho* e *parece* ocupam na frase pode ajudar a definir em que instância de gramaticalização se encontram as formas. Também pode dar pistas quanto ao escopo da reanálise dos *marcadores de percepção* e *de opinião* em *marcadores de dúvida*: deve haver correlação entre a posição e a presença/ausência de complementizador.

Quanto mais avançam no processo de gramaticalização, mais mobilidade sintática *acho* e *parece* devem adquirir para posteriormente fixarem-se, o que caracterizaria gramaticalização forte, conforme o parâmetro da variabilidade pragmática, proposto por Lehmann (1982). Assim, da posição mais à direita (*inicial*) que ocupam quando desempenham as funções de *marcador de opinião* e *marcador de percepção* (e em que o complementizador está presente), devem passar para posições intermediárias (*entre sujeito e verbo, entre verbo e objeto, após adjunto adverbial deslocado*) quando as formas desempenham a função de *marcador de dúvida*. A *posição final* deve ser o ambiente mais propício para que *acho* e *parece* ocorram sem complementizador e desempenha a função de *marcador de dúvida*. As constatações de Galvão (1999), de Neves & Votre (1999) e de Gonçalves (2003), por sua vez fundamentadas em Thompson & Mulac (1991) dão suporte para essa hipótese. A posição final é a posição onde ocorre *I think* com a função de epistêmico parentético. Galvão (1999) encontrou 31 ocorrências de *acho* ocupando essa posição, dentro de 302 ocorrências do verbo *achar*. Embora Neves & Votre tenham encontrado apenas 2 ocorrências de *acho* epistêmico parentético em 272 dados de *acho*, eles afirmam que essa é a forma mais gramaticalizada da construção.

As ocorrências de *acho* e *parece* quanto à posição se distribuem conforme apresentado na tabela que segue.

TABELA 6: FREQUÊNCIA DE USO DE ACHO E PARECE QUANTO À POSIÇÃO

	Acho		Parece		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
<i>Inicial</i>	571	89%	70	11%	641	75%
<i>Entre sujeito e verbo</i>	38	76%	12	24%	50	6%
<i>Entre verbo e objeto</i>	47	72%	18	28%	65	8%
<i>Adjunto adverbial deslocado</i>	40	89%	5	11%	45	5%
<i>Final</i>	37	69%	18	31%	55	6%
<i>Total</i>	733	85%	123	15%	856	100%

É na posição inicial que se concentra a maior parte das ocorrências de *acho* (571 ocorrências, o equivalente a 89% das ocorrências de *acho* e *parece* na posição inicial) e também de *parece* (70 ocorrências, o equivalente a 11% das ocorrências de *acho* e *parece* na posição inicial), perfazendo 75% do total geral. Para as demais posições, a distribuição das ocorrências é equilibrada, oscilando entre 5% e 8% do total. Considerando o parâmetro da *variabilidade sintagmática* de Lehmann (1982), os resultados indicam uma instância inicial de gramaticalização fraca, pois cerca de 25% das ocorrências de *acho* e *parece* estão em posições que não seriam esperadas para a combinação verbo + oração complemento, ou seja, não estão na posição inicial.

A correlação entre posição e função discursiva também pode indicar a incipiência de gramaticalização fraca, segundo o parâmetro de Lehmann. Deve haver correlação entre a *posição inicial*, a esperada para a combinação de verbo + complemento oracional, e as funções de *marcador de opinião* e *marcador de percepção*. Já quanto à função *marcador de dúvida*, a mobilidade sintática seria o meio de aproximar *acho* e *parece* de *talvez*, o marcador de dúvida prototípico.

TABELA 7: CRUZAMENTO ENTRE A FUNÇÃO DISCURSIVA DE ACHO E PARECE E A POSIÇÃO NA FRASE

	Marcador de opinião				Marcador de percepção				Marcador de dúvida				Total			
	Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
<i>Inicial</i>	349	92%	2	100%	0	0%	16	76%	202	61%	52	52%	551	89%	70	11%
<i>Entre sujeito e verbo</i>	9	2%	0	0%	0	0%	2	9%	30	9%	10	10%	38	76%	12	24%
<i>Entre verbo e objeto</i>	9	2%	0	0%	0	0%	2	5%	38	12%	17	17%	47	71%	19	29%
<i>Adjunto adver. Deslocado</i>	13	3%	0	0%	0	0%	1	5%	26	8%	4	4%	39	89%	5	11%
<i>Final</i>	2	1%	0	0%	0	0%	1	5%	34	10%	17	17%	37	67%	18	33%
<i>Total</i>	382	100%	2	100%	0	0%	21	100%	330	100%	100	100%	712	85%	124	15%

A correlação dos resultados da *função discursiva e posição* confirma a hipótese de que a *posição inicial* é a preferida para a ocorrência de *acho* desempenhando a função discursiva de *marcador de opinião*, com 92% do total (ou seja, 349 ocorrências). Já para a forma *parece* a hipótese não pode ser confirmada se tomarmos como referência os valores absolutos, pois é na função *marcador de dúvida* que se concentra a maioria das ocorrências da forma. Em valores absolutos, *parece* contabiliza 16 ocorrências, de um total de 21, na posição inicial quando desempenha a função *marcador de percepção*. Quando desempenha a função *marcador de dúvida*, *parece* contabiliza 52 ocorrências, de um total de 100, na posição inicial. Porém, em termos de percentuais, há 76% de ocorrências de *parece* na posição inicial desempenhando a função de *marcador de percepção* contra 52% na posição inicial desempenhando a função de *marcador de dúvida*.

Em valores percentuais, a forma *parece* apresenta mais um indício de que está mais gramaticalizada do que *acho*: apresenta 17% das suas ocorrências na posição final, enquanto *acho* totaliza 10%.

Também é comprovada a hipótese de que *acho* e *parece* adquirem maior mobilidade sintática quando desempenham a função discursiva de *marcador de dúvida*. Quando as formas desempenham as funções de *marcadores de opinião* e de *percepção*, o percentual de ocorrência em outras posições que não a inicial oscila entre 0 e 9% para *parece* e 0% e 3% para *acho*. Já quando as formas desempenham a função *marcador de dúvida*, o percentual de ocorrência em outras posições sobe para 4% a 17% para *parece* e 8% a 12 % para *acho*.

De acordo com Lehmann (1982), a gramaticalização de *acho* e *parece* está sofrendo os efeitos do processo de *fixação*, que, segundo o parâmetro da *variabilidade sintagmática*, tende a fixar a ordem linear livre das construções. Em instâncias de gramaticalização fraca, as construções passam a gozar de relativa mobilidade sintática; é o que acontece com *acho* e *parece* no momento retratado na fala de Florianópolis. Porém, com o avanço do processo, as construções tendem a se fixar em uma posição específica, o que, de acordo com o mesmo parâmetro de Lehmann, caracterizaria gramaticalização forte. Na fala de Florianópolis, as evidências numéricas sugerem que as formas *acho* e *parece* estão em instância de gramaticalização fraca. Com o avanço do processo, é provável que *acho* e *parece* fixem-se na posição final conforme as evidências já constatadas por Galvão (1999), Neves & Votre (1999), Gonçalves (2003), e pelos próprios dados encontrados em Florianópolis.

É preciso salientar que esse é mais um traço, que vai se somando a outros, para caracterizar de fato a gramaticalização das construções.

4.1.3 O entorno

Considerar o ambiente lingüístico em torno de *acho* e *parece* pode fornecer indícios da sua gramaticalização. A presença de material interveniente entre *acho* e *parece* e o complementizador é um fator a ser controlado.

Para ter evidências empíricas da reanálise de verbo + complementizador como uma única estrutura seria necessário realizar uma análise acústica, caso a caso. Como isso inviabiliza a pesquisa, resta testar procedimentos que possam "dar pistas" da reanálise. Uma dessas pistas pode ser o controle da presença de material interveniente entre os dois elementos que sofrem reanálise, o verbo e o complementizador.

A ausência de *material interveniente* pode ser um indicativo da integração da estrutura sintática da função discursiva *marcador de opinião* e *percepção*, em que verbo + complementizador são reanalisados como uma única estrutura, que passa a desempenhar a função *marcador de dúvida*. Quanto menos ocorrência de material interveniente, mais evidências da reanálise e gramaticalização de *acho* e *parece*. E, se há ocorrência de material

interveniente, é esperado que seja em contextos em que as formas desempenham as outras funções que não a de *marcador de dúvida*, ou seja, *marcador de opinião* e *marcador de percepção*, em instâncias mais iniciais do contínuo de gramaticalização. Há três possibilidades para a ocorrência de material interveniente: *ausência de material interveniente*, *material interveniente leve* e *material interveniente pesado*. Rotulei de *material interveniente pesado*: “assim”, “também”, “pra mim”, “ainda”; e *material interveniente leve*: “até”, “só”. Os exemplos que seguem ilustram as ocorrências de material interveniente leve e pesado.

Material leve

62. E Pra APUFSC.

F Pra APUFSC, né? e agora a gente pegou firme mesmo, antes era até um pouco pausado, assim, demorava até chegar fitas e tal, agora a gente pegou firme, né? Então eu estou pegando duro assim, estou fazendo rápido. O meu irmão também está se esforçando bastante, né? Então PARECE até QUE tem trabalho pra mais um ano ali, ou até mais. Então depois de terminar essa fase, né? de eu ter que fazer a transcrição de texto, talvez eu vá pra ADN pra trabalhar com a criação0 de artes, né? alguma criação de alguma empresa que queira criar um logo, é um logotipo. SC FLP

63. E E tu preferes, achaste que é melhor?

F É, né? escreve menos, está ali as perguntas, é só escrever a resposta, mais fácil.

E Tem textos e exercícios?

F Texto e exercícios.

E E são todas as disciplinas que usam?

F Não, filosofia eu ACHO só QUE não usa, o resto usa.

E É? E filosofia quais são os textos assim, que vocês usam?

F Sabes que eu não sei? O professor passou o texto eu não escrevo, eu tiro xerox depois.

Ah! não sei. Ah! muito chato, porra! "Depois eu tiro xerox professor." "Ah, está bom," então. SC FLP

Material pesado

64. E E no português, como é tu eras ?

F Português? Português foi e teve sempre. Sempre teve português. Português, matemática sempre acompanharam no curso profissionalizante, né? mas eu ACHO também QUE não estavam bem preparados. Até o último ano, o terceiro ano que eu concluí no Aderbal, a professora, ela era uma estudante também.

E A professora de Português?

F A professora de Português.

As ocorrências de *acho* e *parece*, quanto à presença/ausência de material interveniente e à função discursiva, distribuem-se como ilustrado na tabela.

TABELA 8: CRUZAMENTO ENTRE A FUNÇÃO DISCURSIVA DE ACHO E PARECE E A PRESENÇA/AUSÊNCIA DE MATERIAL INTERVENIENTE

	Marcador de opinião				Marcador de percepção				Marcador de dúvida				Total			
	Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
<i>Ausência</i>	365	100%	0	0%	0	0%	18	100%	326	77%	100	23%	691	85%	118	15%
<i>Material leve</i>	10	91%	1	9%	0	0%	1	100%	3	100%	0	0%	13	87%	2	13%
<i>Material pesado</i>	7	88%	1	13%	0	0%	3	100%	1	100%	0	0%	8	67%	4	33%
<i>Total</i>	382	100%	2	100%	0	0%	21	100%	330	100%	100	100%	712	85%	124	15%

A leitura horizontal da tabela aponta que a ausência de material interveniente predomina: são 809 ocorrências sem material interveniente contra 27 ocorrências com material interveniente. Em termos de percentuais, são 96% de ocorrências sem material interveniente contra apenas 4% de presença de material interveniente. Esse resultado já é um indicio da reanálise e integração do verbo + complementizador. Para clarear ainda mais esse indicio, passe-se à análise dos contextos de ocorrência e não-ocorrência de material interveniente, especificamente no que se refere às funções. Na função *marcador de opinião*, há 365 ocorrências sem material interveniente, contra 19 ocorrências com material interveniente. Em termos de percentuais, são 95% de ausência contra 5% de presença. A função *marcador de percepção* conta com uma diferença percentual maior: são 81% de ausência de material interveniente contra 19% de presença (há que se ressaltar o pequeno número de ocorrências: são 18 ocorrências de ausência de material interveniente contra 4 ocorrências de presença). Já na função *marcador de dúvida* a diferença de percentual é a menor encontrada: são 99% (o equivalente a 426 ocorrências) de ocorrências sem material interveniente contra apenas 1% (o equivalente a 3 ocorrências). Esses resultados clareiam ainda mais o indicio da reanálise de verbo + complementizador levantado a partir das freqüências absolutas. A função mais gramatical, que é a de *marcador de dúvida*, é a que apresenta menos ocorrências de material interveniente, confirmando a hipótese levantada.

Quanto ao 'peso' do material interveniente, dada a baixa recorrência no *corpus* analisado (apenas 27 ocorrências), não é possível postular nenhuma hipótese. São 15 ocorrências de material interveniente 'leve' contra 12 de material interveniente 'pesado'. Apenas constata-se que, das 4 ocorrências de material interveniente na função *marcador de*

dúvida, 3 são de material interveniente 'leve' e apenas uma de material interveniente pesado. Se a frequência de material interveniente fosse maior, a hipótese confirmada poderia ser modificada para "a função mais gramatical, que é a de *marcador de dúvida*, é a que apresenta menos ocorrências de material interveniente, e as ocorrências de material interveniente são possivelmente de material interveniente 'leve'".

4.1.4 Onde são usados?

Uma das características da gramaticalização, conforme aponta Givón (1991), é o ajuste conceitual por que passam as construções que estão sofrendo o processo. Segundo Heine *et alii* (1991b), o ajuste se dá com base no princípio da exploração de velhos sentidos para novas funções: conceitos concretos são utilizados para compreender, descrever ou explicar fenômenos menos concretos. Já Bybee (2001) salienta o papel fundamental da repetição no processo de gramaticalização, para quem a frequência de uso pode ser considerada como a desencadeadora de todo o processo, especialmente no plano semântico. A possível perda de clareza semântica das construções que estão passando por gramaticalização, por conta da alta frequência, leva à ampliação do seu contexto de uso.

Partindo dessas considerações, é possível hipotetizar a respeito da gramaticalização de *acho* e *parece* e a ampliação do seu contexto discursivo de uso. As funções em instâncias menos gramaticais de *acho* e *parece* são, respectivamente, *marcador de opinião* e *marcador de percepção*, e a função em instância mais gramatical no contínuo delimitado é a de *marcador de dúvida*. Será que existe alguma correlação entre função discursiva e tipo de seqüência discursiva? Será que para determinados assuntos uma forma é mais adequada do que outra? Para responder a essas questões, é preciso delimitar o contexto discursivo de uso das funções das formas sob análise. Codifiquei as ocorrências de *acho* e *parece* considerando o tipo de seqüência discursiva em que as ocorrem, o tipo de assunto discorrido nessas seqüências discursivas e também o grau de envolvimento do falante com o assunto discorrido.

Dentro da entrevista, é possível selecionar seqüências discursivas que podem ser caracterizadas como *narrativa de experiência de vida*, *opinião*, *explicação*⁴¹ e *descrição*. As seqüências de *narrativa de experiência de vida* são os trechos em que o informante fala sobre fatos passados ou presentes, freqüentes ou específicos. Em seqüências de *opinião* o informante expõe seu ponto de vista sobre determinado assunto ou acontecimento, e em seqüências de *explicação*, o informante expõe o motivo, a razão de determinados assuntos. Em *descrições*, o informante detalha como se faz algo. Os excertos que seguem ilustram os tipos de seqüência discursiva:

Narrativa

65. Aí depois veio a notícia que caiu uma árvore. E PARECE QUE a árvore caiu em cima deles é, caiu uma árvore em cima dum pai e filho, e pegou mais uma moça assim de raspão. SC FLP

Descrição

66. Aí também tem que pegar um- um queijo ACHO QUE é queijo mussarela, EU ACHO. Não sei, um queijo assim- Aí eu pico- piquei, eu fiz hoje tudo direitinho. SC FLP

Opinião

67. E agora está ruim de arrumar emprego pra nós, né? pra eles está fácil, né? e ACHO QUE estão- ainda estão mais ou menos, assim, na- não tem? na- fazendo o serviço deles, estão fazendo poucas coisas mas- não é? não precisa fazer muito e não precisa fazer menos, mas fazer média, assim, mas está bom. SC FLP

Explicação

68. Mas eu ACHO QUE não seria o serviço ideal pra ele não. Meu pai não tem um dom de, né? de repente a gente se engana, mas eu acho que não. SC FLP

As hipóteses para a gramaticalização de *acho* e *parece* se reportam ao *princípio da persistência*, estabelecido por Hopper (1991). De acordo com esse princípio, uma construção que sofre gramaticalização guarda traços de seu sentido lexical original, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua ocorrência.

Considerando a persistência, é possível que as seqüências discursivas mais argumentativas - explicação e opinião - sejam o terreno mais fértil para a ocorrência da

⁴¹ As seqüências discursivas de *explicação* e *opinião* são definidas conforme Guy *et alii*, 1986.

função discursiva de *marcador de opinião* que, definida de acordo com Espíndola (1998), pode marcar uma opinião pessoal do locutor em relação a uma assunto/fato/pessoa etc.; marcar uma informação compartilhada – uma proposição acerca de um fato/pessoa/objeto julgada verdadeira pelo senso comum; e pode indicar uma posição incorporada pelo locutor que é comum, geral e gradual. Logo, é esperado que a ocorrência de *marcadores de opinião* esteja diretamente relacionada aos tipos de seqüências discursivas mais argumentativas, no caso, seqüências de *opinião* e de *explicação*. É preciso considerar ainda que na função *marcador de opinião*, a forma que predomina quase que categoricamente (a exceção de duas ocorrências) é *acho*. Logo, a relação esperada é: *acho* > *marcador de opinião* > seqüências de *opinião* e de *explicação*.

Ainda considerando a persistência, é possível que as narrativas e as descrições sejam o contexto discursivo mais fértil para a ocorrência de *marcadores de percepção*, que ilustram um estado de coisas que o falante percebe, sem emitir julgamento ou opinião. Como a forma prototípica e categórica para a função *marcador de percepção* é *parece*, a relação esperada é *parece* > *marcador de percepção* > seqüências de *narrativa* e de *descrição*.

Quanto à função *marcador de dúvida*, utilizada para introduzir uma posição e/ou fato sobre o qual o falante tem dúvidas, é possível que seu contexto de uso seja bastante ampliado, o que caracterizaria a sua gramaticalização. Para essa função, não é esperado que haja relação direta entre forma, função e tipo de seqüência discursiva. Durante a progressão temática, são freqüentes lapsos de memória ou dúvida quanto a um fato, nome, data, etc. A função de *marcador de dúvida* é muito mais complexa e ampla, e por isso deve recobrir todos os tipos de seqüência discursivas.

A freqüência de uso de *acho* e *parece* quanto à função discursiva e ao tipo de seqüência discursiva é ilustrada na tabela:

TABELA 9: CRUZAMENTO ENTRE A FUNÇÃO DISCURSIVA DE ACHO E PARECE E O TIPO DE SEQÜÊNCIA DISCURSIVA

Descrição	Marcador de opinião		Marcador de percepção				Marcador de dúvida				Total					
	Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece					
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.				
<i>Descrição</i>	0	0%	0	0%	0	0%	2	100%	5	55%	4	45%	5	45%	6	55%
<i>Narrativa</i>	32	100%	0	0%	0	0%	7	100%	157	75%	67	25%	189	72%	74	28%
<i>Explicação</i>	169	99%	1	1%	0	0%	10	100%	127	81%	29	19%	296	88%	40	12%
<i>Opinião</i>	181	99%	1	1%	0	0%	3	100%	41	100%	0	0%	222	98%	4	2%
<i>Total</i>	382	99%	2	1%	0	0%	22	100%	330	77%	100	23%	712	85%	124	15%

A leitura horizontal da tabela informa que, em valores absolutos, há 11 ocorrências, 5 de *acho* e 6 de *parece*, em seqüências discursivas de *descrição*, 261 ocorrências, 189 de *acho* e 72 de *parece*, em seqüências de *narrativa*, 336 ocorrências, 296 de *acho* e 40 de *parece*, em seqüências de *explicação*, e 226 ocorrências, 222 de *acho* e 4 de *parece*, em seqüências de *opinião*. Em percentuais, 40% das ocorrências de *acho* e *parece* são em seqüências de *explicação*, 31% em seqüências de *narrativa*, 27% em seqüências de *opinião* e 2% em seqüências de *descrição*⁴².

Quanto às funções discursivas, a função *marcador de opinião* corresponde à expectativa de que haveria correlação entre forma, função e tipo de seqüência discursiva: das 382 ocorrências, 350, o equivalente a 91%, são em seqüências argumentativas (169 em explicações e 181 em opiniões). Os 9% restantes são em seqüências narrativas. A função *marcador de percepção* apresenta uma distribuição bastante diversificada quanto ao tipo de seqüência discursiva (há que se considerar que são apenas 22 ocorrências), ocorrendo tanto em seqüências *narrativas* e *descriptivas* (7 e 2 ocorrências) como em seqüências *argumentativas* (10 em explicações e 3 em opiniões). O princípio da *persistência* de Hopper (1991) evocado para as hipóteses quanto ao tipo de seqüência discursiva se

⁴² Para entender os resultados, deve-se considerar a metodologia de realização das entrevistas, que privilegia determinadas temáticas e vale-se de determinadas estratégias para obtê-las. (cf. Costa e Knies, 1996)

confirma, portanto, para a forma *acho*. Para a forma *parece*, dada sua baixa frequência no *corpus* analisado, a hipótese de correlação levantada não pode ser asseverada.

A função *marcador de dúvida*, a mais frequente no *corpus* sob análise, é a que mais ocorre em seqüências de narrativa: são 224 ocorrências (157 de *acho* e 67 de *parece*), o equivalente a 52% do total. A seqüência de explanação computa 156 ocorrências (127 de *acho* e 29 de *parece*), o que equivale a 36%. A seqüência de *opinião* conta com 41 ocorrências, categoricamente da forma *acho*, o que equivale a 10% do total e a seqüência descritiva, 9 ocorrências (5 de *acho* e 4 de *parece*), ou seja, 2% do total.

Os resultados da frequência de *acho* e *parece* considerando a função discursiva e o tipo de seqüência discursiva confirmam a ampliação do contexto de uso das formas, especialmente de *acho*. A forma *acho*, inicialmente associada à função *marcador de opinião* e restrita às seqüências discursivas argumentativas, passa a ser utilizada em outros tipos de seqüência discursiva - narrativa e descritiva - desempenhando a função *marcador de dúvida*. Para a forma *parece*, não é possível tecer considerações, dada a sua baixa recorrência. Aparentemente, a relação esperada *parece* > *marcador de percepção* > seqüências de *narrativa* e de *descrição* não se verifica, pois há uma grande concentração de ocorrências de *parece* na seqüência de explanação. A ampliação do *corpus*, com o conseqüente aumento de ocorrências, possivelmente forneceria indícios mais seguros para asseverar a ampliação do contexto de uso discursivo de *parece*.

O tipo de assunto discorrido nas seqüências discursivas foi controlado a fim de se verificar se há correlação entre forma, função e tipo de assunto. A gramaticalização das formas prevê a possibilidade de ampliação do contexto discursivo do seu uso. Assim, se determinada função tende a ocorrer em determinado tipo de assunto, o fato dessa função ocorrer em outros tipos de assunto seria uma evidência da expansão do seu contexto de uso e possivelmente, da sua gramaticalização.

Durante a entrevista, o falante discorre a respeito de assuntos diversificados. Dez grandes grupos de assunto podem ser identificados: *saúde e drogas, relações familiares, lazer e entretenimento, Florianópolis*⁴³, *trabalho, política e economia, religião, infância e juventude,*

⁴³ O falante fala a respeito da sua cidade.

*acontecimento*⁴⁴, *turismo e ecologia* e *educação*. Não é fácil formular expectativas quanto à ocorrência de quais funções em quais tipos de assunto, pois influi nessa questão o grau de complexidade que cada falante atribui para cada assunto. Ou seja, para um vereador (informante SC FLP 21), política possivelmente deve ser um assunto menos complexo; já para uma dona de casa (informante SC FLP 15) possivelmente deve ser um assunto mais complexo. De modo geral, é possível que determinados assuntos sejam genericamente mais complexos, como *política e economia*, *religião*, *saúde e drogas*, *educação*, *turismo e ecologia*. Já outros assuntos é possível que sejam genericamente menos complexos, como *lazer e entretenimento*, *infância e juventude*, *acontecimento*, *trabalho*, *relações familiares*, *Florianópolis*. Estou considerando para essa distinção o fato de o falante ter experienciado ou não o tipo de assunto. Assuntos experienciados ou presumidamente experienciados devem ser menos complexos para o falante discorrer do que assuntos não-experienciados.

Assumindo a distinção entre assuntos mais complexos e assuntos menos complexos, pode-se formular expectativas quanto à ocorrência de *acho* e *parece* e suas funções discursivas. Para assuntos menos complexos, é provável que a função discursiva mais utilizada seja a de *marcador de percepção*, que ilustra um estado de coisas que o falante percebe, sem emitir julgamento ou opinião. A função *marcador de opinião*, tomando a definição dada por Espíndola (1999), pode marcar uma opinião pessoal do locutor em relação a uma assunto/fato/pessoa etc.; marcar uma informação compartilhada – uma proposição acerca de um fato/pessoa/objeto julgada verdadeira pelo senso comum; e pode também indicar uma posição incorporada pelo locutor que é comum, geral e gradual. Por isso, é possível que a função *marcador de opinião* predomine quando são discorridos assuntos mais complexos. Considerando as formas, as funções e a complexidade do assunto, é esperado que haja a relação *parece* > *marcador de percepção* > *assuntos menos complexos* e *acho* > *marcador de opinião* > *assuntos mais complexos*.

Para a função *marcador de dúvida*, a expectativa é que a complexidade do assunto não influa na sua frequência, pois lapsos de memória ou dúvida quanto a um fato, nome, data, etc. são prováveis tanto em assuntos de menor complexidade como em assuntos de maior complexidade. Assim, a relação esperada para essa função é *acho/parece*

⁴⁴ O falante fala a respeito de um fato pontual ocorrido.

> *marcador de dúvida* > *assuntos mais/menos complexos*. Especificamente quanto à complexidade e a função discursiva, a frequência das ocorrências é ilustrada na tabela:

TABELA 10: FUNÇÕES DISCURSIVAS DE ACHO E PARECE E A COMPLEXIDADE DO ASSUNTO DISCORRIDO

	Marcador de opinião				Marcador de percepção				Marcador de dúvida				Total			
	Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
<i>Menos complexo</i>	148	99%	1	1%	0	0%	15	100%	245	78%	70	22%	393	82%	86	18%
<i>Mais complexo</i>	234	99%	1	1%	0	0%	7	100%	85	74%	30	24%	319	89%	38	11%
<i>Total</i>	382	99%	2	1%	0	0%	22	100%	330	77%	100	23%	712	85%	124	15%

Do total, 57%, ou 479 ocorrências de *acho* e *parece* se dão em assuntos considerados menos complexos, e 43%, ou 357 ocorrências se dão em assuntos considerados mais complexos. A função *marcador de opinião* tem maior frequência em assuntos considerados mais complexos, confirmando a relação esperada: *acho* > *marcador de opinião* > *assuntos mais complexos*. A função *marcador de percepção*, ainda ressaltando a baixa recorrência, também confirma a expectativa de relação *parece* > *marcador de percepção* > *assuntos menos complexos*, pois das 22 ocorrências, 15 delas, ou seja, 68%, são em assuntos menos complexos.

A função *marcador de dúvida* é a que computa o maior número de ocorrências quanto à menor complexidade do assunto, com 73%, o equivalente a 315 do total de 479 ocorrências. Mas quanto à maior complexidade do assunto, sua frequência também é significativa, pois soma 115 das 357 ocorrências, o que equivale a 32% do total. Esses resultados asseveram a relação esperada: *acho/parece* > *marcador de dúvida* > *assuntos mais/menos complexos*. Os assuntos mais recorrentes são *relações familiares* e *política e economia*, respectivamente assuntos considerados *menos complexo* e *mais complexo*. A título de ilustração, a frequência de uso de *acho* e *parece* quanto às funções discursivas e tipo de assunto discorrido na seqüência discursiva é apresentada na tabela:

TABELA 11: CRUZAMENTO ENTRE A FUNÇÃO DISCURSIVA DE *ACHO* E *PERECE* E O TIPO DE ASSUNTO DISCORRIDO

	Marcador de opinião				Marcador de percepção				Marcador de dúvida			
	<i>Acho</i>		<i>Parece</i>		<i>Acho</i>		<i>Parece</i>		<i>Acho</i>		<i>Parece</i>	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
<i>Saúde e drogas</i>	31	100%	0	0%	0	0%	0	0%	14	78%	4	22%
<i>Relações familiares</i>	66	99%	1	1%	0	0%	7	100%	97	79%	26	21%
<i>Lazer e entretenimento</i>	35	100%	0	0%	0	0%	3	100%	64	83%	13	17%
<i>Florianópolis</i>	16	100%	0	0%	0	0%	0	0%	20	80%	5	20%
<i>Trabalho</i>	16	100%	0	0%	0	0%	1	100%	16	70%	7	30%
<i>Política e economia</i>	135	100%	0	0%	0	0%	4	100%	29	71%	12	29%
<i>Religião</i>	12	100%	0	0%	0	0%	1	100%	8	89%	1	11%
<i>Infância e juventude</i>	13	100%	0	0%	0	0%	1	100%	18	86%	3	14%
<i>Acontecimento</i>	2	100%	0	0%	0	0%	3	100%	30	65%	16	35%
<i>Educação</i>	47	98%	1	2%	0	0%	0	0%	27	69%	12	31%
<i>Turismo e ecologia</i>	9	100%	0	0%	0	0%	2	100%	7	88%	1	13%
<i>Total</i>	382	99%	2	1%	0	0%	22	100%	330	77%	100	23%

O envolvimento do falante com o assunto discorrido é a última das variáveis que escolhi para tentar caracterizar a expansão do contexto discursivo onde são usados *acho* e *parece*. Novamente o princípio da persistência de Hopper (1991) é evocado para dar suporte às hipóteses de expansão do contexto de uso de *acho* e *parece*. Relembrando o princípio da persistência: uma construção que sofre gramaticalização guarda traços de seu sentido lexical original, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua ocorrência. A história lexical, nesse caso, tem origem nas flexões cristalizadas dos verbos *achar* e *parecer*, respectivamente a primeira pessoa e a terceira pessoa do singular. Se existe uma relação entre *parece* > *marcador de percepção* e *acho* > *marcador de opinião*, é possível que essa relação seja condicionada pelas marcas de personalidade da flexão dos verbos originais, *achar* e *parecer*. Assim, a função *marcador de opinião*, dadas as características originais de marca de primeira pessoa do singular de *acho* provavelmente deve ter maior uso em assuntos cujo grau de envolvimento do falante é maior; ao contrário, a função *marcador de percepção* provavelmente deve predominar em assuntos cujo grau de envolvimento do falante é menor, dadas as características impessoais de *parece*, cristalizado na terceira pessoa do singular.

A expansão do contexto de uso seria verificada se a função *marcador de dúvida* fosse usada tanto para assuntos cujo envolvimento do falante é maior quanto para assuntos cujo envolvimento do falante é menor. Assim, teriam-se as relações *parece* > *marcador de percepção* > *menos envolvimento*, *acho* > *marcador de opinião* > *mais envolvimento* e *acho/parece* > *marcador de dúvida* > *mais/menos envolvimento*. O grau de envolvimento do falante está relacionado à evidencialidade e à origem da informação. *Acho* é uma marca de informação direta/primeira pessoa, uma opinião do falante sobre coisas que acontecem no "mundo"; *parece* é uma marca de informação indireta/comum a duas ou mais pessoas, uma constatação que o falante faz a partir do que observa no "mundo" que se coloca ao falante. Quando *acho* e *parece* desempenham a função de *marcadores de dúvida*, a diferença da origem da informação não desaparece totalmente, mas o sentido mais forte, que é o de dúvida, permanece.

Trechos em que são abordados assuntos com os quais o falante se envolve(u) diretamente, medianamente ou não se envolve(u) foram diferenciados nas entrevistas. No envolvimento direto, o falante deve ter vivido/experenciado a situação. No envolvimento mediano, o falante se envolveu/vivenciou medianamente a situação, por intermédio de pessoas muito próximas, amigos, familiares. Já no envolvimento indireto, o falante soube da vivência/experiência da situação por outras fontes. Os exemplos que seguem ilustram cada um dos graus de envolvimento.

envolvimento direto

69. E: Mas tu sentes mais algum outro sintoma?

F: Não, não. Ah! Eu não sei se é porque sou muito distraído, né? E eles falam as coisas pra mim e depois passa um tempo que eu estou conversando com outra pessoa, que eles vêm perguntar pra mim de novo, aí eu fico meio esquecido, né? eu ACHO QUE até eu ia me lembrar, né? mas que eles vêm perguntar na hora assim, pra mim: "ahh, eu não me lembro, pode até falar de novo porque eu não sei de nada." SC FLP

envolvimento mediano

70. E: Às vezes tem grávida que corre a gravidez e tudo bem, mas na hora de ganhar, dizem que sofre.

F: É mesmo, é? Tem gente que ganha legal, sabia? A minha irmã, ACHO QUE ganhou legal, ACHO QUE nenhuma parente minha, assim, lá irmão meu, assim, as mulheres, ganharam tudo legal. ACHO QUE até uma cunhada minha está grávida de novo. Aí vai ser ela e eu. SC FLP

envolvimento indireto

71. E: Sessão da tarde?

F: É, sessão da tarde, tipo matinê. Então assistia sessão das moças às duas e às cinco horas. Eram os dois horários que a gente podia ir. O nome era sessão das moças, mas podia ir homem e tudo. E só passava filme brasileiro. Aquelas pornochanchadas, assim, brasileiras, aqueles filmes assim, do, como é que se diz?

E: Comédias, assim?

É, comédia, né? PARECE QUE é uma comédia do Mazaroppi. Então a gente ia. SC FLP

A recorrência de *acho* e *parece* quanto à função discursiva e ao envolvimento do falante com o assunto discorrido está ilustrado na tabela:

TABELA 12: FUNÇÕES DISCURSIVAS DE ACHO E PARECE E O ENVOLVIMENTO DO FALANTE

	Marcador de opinião				Marcador de percepção				Marcador de dúvida				Total			
	Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
<i>Direto</i>	78	100%	0	0%	0	0%	9	100%	110	94%	7	6%	188	92%	16	8%
<i>Mediano</i>	15	94%	1	6%	0	0%	3	100%	47	72%	18	28%	62	70%	22	30%
<i>Indireto</i>	289	100%	1	0%	0	0%	10	100%	173	70%	75	30%	462	84%	86	16%
<i>Total</i>	382	99%	2	1%	0	0%	22	100%	330	77%	100	23%	712	85%	124	15%

Ao contrário do que era esperado, no *corpus* sob análise, é a função *marcador de opinião*, e não *marcador de percepção*, a função que mais ocorre em contextos de *envolvimento indireto*, computando 65% do total geral (todas as ocorrências de envolvimento indireto), o equivalente a 548 ocorrências. De modo geral, em todas as funções predomina o *envolvimento indireto*, seja *marcador de opinião*, *marcador de percepção* ou *marcador de dúvida*. Especificamente na função *marcador de dúvida*, as ocorrências de *acho* e *parece* distribuem-se proporcionalmente à diminuição do envolvimento: das 430 ocorrências, 11% estão em contextos cujo envolvimento do falante é direto, 22% em contextos cujo envolvimento do falante é mediano e 67% em contextos cujo envolvimento do falante é indireto.

Concluindo, o grau do envolvimento do falante com o assunto discorrido não contribui para caracterizar a expansão do contexto de uso de *acho* e *parece*, pelo menos no *corpus* analisado⁴⁵.

4.1.5 O contexto social

Não é usual ao aparato teórico-metodológico do paradigma funcional da gramaticalização considerar a influência de fatores sociais sobre o processo de gramaticalização. Porém, considerá-los pode dar pistas de como a mudança se deu na língua, ou seja, podemos descobrir o perfil de quem começou a utilizar "velhas formas com novas funções".

A faixa etária pode trazer indícios da mudança via gramaticalização, conforme apontam os resultados de estudos já realizados, inclusive na fala de Florianópolis. Tavares (1999), ao estudar as estratégias de seqüenciação retroativo-propulsora, constatou que a forma *daí* é usada por indivíduos mais jovens, ao passo que as outras formas (*aí*, *então*, *e*) são usadas por indivíduos mais velhos. Essas preferências seriam um indício de que há mudança: uma forma, por hipótese, mais recentes (*daí*), sendo usada preferencialmente em detrimento de formas mais antigas (*aí*, *então*, *e*) (*op. cit.*, p. 161). Gorski *et alii* (2002) também constatam a influência da faixa etária no processo de gramaticalização de *sabe?* e *entende?*, e *olha* e *veja*. Também Androutsopoulos (1999) constata que a emergência de formativos nominais no alemão se dá predominantemente na fala do grupo etário mais jovem, enquanto a sua ocorrência é rara ou totalmente ausente na fala de grupos etários mais velhos.

Assumindo a hipótese de que a faixa etária pode indiciar a gramaticalização, dando pistas do início de instâncias do processo, passe-se às formulações específicas para *acho* e *parece*, de *marcadores de opinião* e *percepção* a *marcadores de dúvida*.

No contínuo de gramaticalização, as funções de *marcador de opinião* e de *marcador de percepção* estão em instâncias mais iniciais do que a função de *marcador de*

⁴⁵ Porém, esse fator é bastante significativo para caracterizar o condicionamento do uso de *acho* e *parece* na função *marcador de dúvida*, e será explanado na seção destinada à variação.

dúvida. Se há correlação entre as instâncias de gramaticalização e a sua entrada na língua, é provável que as funções de *marcador de opinião* e de *marcador de percepção* tenham entrado na língua primeiro do que a função de *marcador de dúvida*. Um indício da ordem de entrada das funções na língua seria a estratificação das funções de acordo com as faixas etárias dos falantes. Se isso for verdade, as funções em instâncias mais iniciais do processo de gramaticalização - *marcador de opinião* e *marcador de percepção* - apareceriam em todos os grupos etários de falantes, ao passo que a função de *marcador de dúvida*, em instância mais avançada no processo de gramaticalização, apareceria predominantemente na fala de grupos etários mais jovens. Assim, as relações esperadas seriam *parece* > *marcador de percepção* > todos os grupos etários, *acho* > *marcador de opinião* > todos os grupos etários e *acho/parece* > *marcador de dúvida* > grupos etários mais jovens.

Os informantes utilizados para caracterizar a gramaticalização de *acho* e *parece* na fala de Florianópolis estão divididos em três grupos etários: de 15 a 24 anos, de 25 a 49 anos e com mais de 50 anos. A recorrência de *acho* e *parece* quanto à faixa etária e à função discursiva está disposta na tabela:

TABELA 13: RECORRÊNCIA DE ACHO E PARECE QUANTO À FAIXA ETÁRIA DOS FALANTES

	Marcador de opinião				Marcador de percepção				Marcador de dúvida				Total			
	Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece		Acho		Parece	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
<i>15 a 24 anos</i>	102	100%	0	0%	0	0%	11	100%	203	84%	40	16%	305	86%	51	14%
<i>25 a 49 anos</i>	101	98%	2	2%	0	0%	10	100%	58	61%	37	39%	159	76%	49	24%
<i>Mais de 50 anos</i>	179	100%	0	0%	0	0%	1	100%	69	75%	23	25%	248	91%	24	9%
<i>Total</i>	382	99%	2	1%	0	0%	22	100%	330	77%	100	23%	712	85%	124	15%

Para a função de *marcador de dúvida*, a expectativa de que seu uso predominasse nas faixas etárias mais jovens se confirma. Do total de 430, 56% (o equivalente a 203 ocorrências de *acho* e 40 de *parece*) são na faixa etária mais jovem, de 15 a 24 anos. O restante das ocorrências se divide equilibradamente entre as outras duas faixas etárias: 22% (o equivalente a 58 ocorrências de *acho* e 37 de *parece*) são na faixa etária intermediária, de 25 a 49 anos, e também 22% (o equivalente a 69 ocorrências de

acho e 23 de *parece*) são na faixa etária mais velha, formada por falantes com mais de 50 anos.

Também se confirma a expectativa para a função de *marcador de opinião*, de que seu uso estaria distribuído por todas as faixas etárias. Das 384 ocorrências, 46% (o equivalente a 179 ocorrências) são na faixa etária mais velha, constituída por falantes com mais de 50 anos. O restante das ocorrências também está distribuída equilibradamente, desta vez entre as faixas etárias mais jovens, com 27% (o equivalente a 103 ocorrências) na faixa etária intermediária, constituída por falantes entre 25 a 49 anos, e também 27% (o equivalente a 102 ocorrências) na faixa etária mais jovem, constituída por falantes entre 15 a 24 anos.

Já o comportamento da função de *marcador de percepção* não corresponde às expectativas. Há que se ressaltar, novamente, o reduzido número de ocorrências, apenas 22 dentre 836, o que não dá margem a especulações. Das 22 ocorrências de *marcador de percepção*, 11 são na faixa etária mais jovem, de 15 a 24 anos, 10 na faixa etária intermediária, de 25 a 49 anos, e apenas 1 na faixa etária mais velha, formada por falantes com mais de 50 anos.

4.1.6 Considerações sobre a gramaticalização de *acho* e *parece*

O contínuo estabelecido para a gramaticalização de *acho* e *parece* como *marcadores de dúvida*, por hipótese, é:

QUADRO 9: CONTÍNUO PROPOSTO PARA A GRAMATICALIZAÇÃO DE ACHO E PARECE

<i>parece</i>	→ →	<i>marcador de percepção</i> ₁	→ →	
				<i>marcador de dúvida</i> ₂
				→ → ? ₃
<i>acho</i>	→ →	<i>marcador de opinião</i> ₁	→ →	

No contínuo proposto estão assinaladas quatro instâncias de gramaticalização, a serem discutidas a seguir.

1. As funções *marcador de opinião* e *marcador de percepção* compreendem esta instância. Existe correlação entre função e forma: *acho* > *marcador de opinião* e *parece* > *marcador de percepção*. As características prototípicas dessa instância são o posicionamento inicial e a presença de complementizador⁴⁶, tanto para *marcador de opinião* como para *marcador de percepção*. *Marcadores de opinião* prototípicos ocorrem em seqüências discursivas argumentativas, quando são discorridos assuntos de maior complexidade. A baixa recorrência de *marcadores de percepção* não permite traçar o tipo de seqüência discursiva prototípica de ocorrência, mas quanto à complexidade do assunto discorrido, os resultados apontam que assuntos de menor complexidade são o ambiente mais propício para a sua ocorrência. O uso de *marcadores de opinião* se dá por falantes de todas as faixas etárias, e o aumento do tempo de escolarização é proporcional à sua recorrência. Não é possível traçar o perfil prototípico dos *marcadores de percepção* dada a sua baixa recorrência no *corpus* analisado, mas é provável que a tendência seja a mesma do que para *marcadores de opinião*.
2. *Marcadores de dúvida* possivelmente são resultado da expansão do contexto de uso dos *marcadores de opinião* e *de percepção*, já que as formas que codificam essa função são tanto *acho* quanto *parece*, formas prototípicas das funções da instância anterior. Ou seja, as duas formas estão disputando o estatuto de protótipo da função⁴⁷. É a função mais recorrente no *corpus* analisado. A reanálise do verbo + complementizador está mais automatizada do que nas outras funções, dada a baixíssima recorrência de material interveniente entre os dois. *Marcadores de dúvida* têm maior liberdade sintática, passam a ocupar outras posições dentro da frase. A recorrência de complementizador é menor do que nas funções *marcador de opinião* e *marcador de percepção*, o que pode ser um indicio da automatização da reanálise do verbo + complementizador em uma única estrutura. *Marcadores de dúvida* ocorrem tanto quando a complexidade e o

⁴⁶ Nesses funções não é possível definir com clareza se houve ou não a reanálise do verbo + complementizador como uma única estrutura. O fato de haver material interveniente entre o verbo e o complementizador com mais recorrência do que na função *marcador de dúvida* permite especular que a reanálise ainda não está automatizada.

⁴⁷ Essa disputa é mais detalhada na seção destinada justamente à análise da variação de *acho* e *parece* no desempenho da função *marcador de dúvida*.

envolvimento do falante com assunto discorrido são maiores ou menores, e em todos os tipos de seqüências discursivas controladas: descritiva, narrativa, opinativa e explanativa.

3. Qual é a próxima instância do contínuo de gramaticalização? O que acontece depois da instância em *acho* e *parece* disputam o estatuto de protótipo da função *marcador de dúvida*? Existem duas possibilidades: a *especialização* ou a *sobreposição* das formas. No caso de *especialização*, após a instância de variação, cada uma das formas tenderia a seguir um caminho, ou seja, *acho* se especializaria em uma função, utilizada em determinado contexto discursivo, e *parece* se especializaria em outra, utilizada em contexto discursivo distinto. Já no caso de *sobreposição*, a forma mais recorrente - *acho* - tenderia a predominar sobre a outra forma na função de *marcador de dúvida*, possivelmente ampliando ainda mais seu contexto discursivo de uso, de modo a recobrir possíveis especificidades do uso de *parece*. Como já especifiquei na introdução, acredito que *acho* e *parece* estão em um contínuo de gramaticalização cujo alvo é a evidencialidade e modalidade epistêmica de incerteza e dúvida. Assim, *acho* e *parece*, na próxima instância, passariam a desempenhar a função de *marcadores dúvida quanto à origem da informação*. Acredito que a variação entre as duas formas no desempenho da função de *marcador de dúvida* é um estágio transitório da mudança pela qual *acho* e *parece* passam, de verbos + complemento oracional a marcadores de origem da informação (evidenciais). Mas essa é outra história.

Será mesmo que *acho* e *parece* estão se gramaticalizando? Para ter certeza de que *acho* e *parece* estão realmente passando por gramaticalização, além dos dados de frequência, não custa testar os princípios estabelecidos por Hopper (1991) e também verificar se as formas se adequam aos parâmetros de Lehmann (1982).

Hopper (1991) propõe cinco princípios para caracterizar a gramaticalização incipiente:

✓ *Estratificação*: Se a gramática é emergente, novas formas emergem continuamente para desempenhar uma função sem que isso signifique que as formas já existentes tenham que desaparecer. Pelo contrário, é possível que as formas coexistam e concorram por um período de tempo, pequeno ou grande. Especificamente no caso de *acho*

e *parece*, o item prototípico para *marcador de dúvida* é o advérbio *talvez*. Analisando apenas duas faixas etárias (25 a 49 anos e mais de 50 anos) do *corpus* em questão, constatei que havia 75 ocorrências de *talvez* (Freitag, 2001). Retomando os números: nessas faixas etárias, há 265 ocorrências de *marcadores de dúvida*, distribuídas da seguinte maneira: 75 ocorrências, ou 28% de *talvez*, 60 ocorrências, ou 23% de *parece* e 127 ocorrências, ou 49% de *acho*. Isso significa que a forma *talvez* não está morta; está concorrendo com *acho* e *parece* no desempenho da função marcador de dúvida. A estratificação de Hopper então se confirma.

✓ *Divergência*: Quando uma forma se gramaticaliza, a forma lexical original permanece autônoma e pode sofrer mudanças como itens lexicais comuns. As construções predicativas (verbo + adjetivo ou oração adjetiva reduzida) ilustram o princípio da divergência: as construções predicativas, que são equivalentes ao que Galvão (1999) chama de ACHAR2'. Discordo que estas construções estejam na mesma trajetória de gramaticalização que estão os *marcadores de dúvida*. Acredito que as construções predicativas estejam sim passando por gramaticalização, mas em outro contínuo, diferente do contínuo dos *marcadores de dúvida*. Há ainda outro tipo de *achar* identificado por Galvão – *acharX* –, que não está incluído no contínuo de gramaticalização que ela propõe. *AcharX* corresponde à realização “E se eles acharem de não pagar o hotel?” e que, segundo Galvão, estaria rumando a verbo-vetor, que é tipo de ‘quase-auxiliar’ (*op. cit.*, p. 147). A *divergência* é mais um princípio que se verifica.

✓ ou ✗ *Especialização*: A gramaticalização reduz a possibilidade de escolha e um número reduzido de formas assume sentidos gramaticais mais gerais. Para verificar o princípio de especialização, é preciso resolver o problema da instância 4, ou seja, se as formas vão se especializar em funções diferentes ou se uma delas vai predominar sobre a outra. A abordagem variacionista pode dar pistas da possibilidade de especialização das formas.

✓ ou ✗ *Persistência*: Quando uma forma sofre gramaticalização alguns traços de seu sentido lexical original tendem a continuar, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical. Para averiguar a validade desse princípio, é preciso detalhar o contexto de variação das formas, na seção destinada à variação de *acho* e *parece* quando desempenham a função de *marcador de dúvida*.

✓ *Decategorização*: a gramaticalização sempre mudança categorial e segue na seguinte direção: nome e verbo > outra categoria, não o contrário. Assumindo as definições de Hopper & Traugott (1993) para categorias, *categorias maiores*, ou menos gramaticais, são as formadas por nomes e verbos, e *categorias menores*, ou mais gramaticais, são as compreendidas por conjunções, verbos auxiliares, pronomes e demonstrativos. Adjetivos e advérbios compreenderiam um grau intermediário, e poderiam muitas vezes derivar de verbos e nomes. O comportamento de *acho* e *parece* quando desempenham a função de *marcadores de dúvida* está muito próximo de itens da categoria advérbio, dada a relativa mobilidade sintática que passam a dispor. Assim, a mudança é de verbo + complementizador a advérbio, assegurando a unidirecionalidade do processo, que caracteriza o princípio da decategorização.

Os parâmetros propostos por Lehmann (1982) para medir o grau de gramaticalização de uma forma podem ser aplicados a *acho* e *parece*. As suas características indicam gramaticalização fraca. Os parâmetros e os processos atuantes na gramaticalização de *acho* e *parece* podem ser esquematizados como segue:

QUADRO 10: PARÂMETROS E PROCESSOS ATUANTES NA GRAMATICALIZAÇÃO DE ACHO E PARECE DE ACORDO COM LEHMANN (1982)

Parâmetro	Processo	Gramaticalização fraca	Comentário
✓ <i>Integridade</i>	<i>Atrito</i>	Feixe de traços semânticos possivelmente polissilábicos	<i>A tendência para a perda do complementizador sinaliza o encurtamento das formas acho e parece</i>
✓ <i>Paradigmacidade</i>	<i>Paradigmacidade</i> tendência para as formas se arranjam em paradigmas	Item participa livremente no campo semântico	<i>Acho e parece concorrem com talvez na disputa pela função marcador de dúvida.</i>
✓ <i>Variabilidade paradigmática</i>	<i>Obrigatoriedade</i> Formas opcionais tornam-se obrigatórias	Escolha livre de acordo com as intenções comunicativas	<i>Acho e parece ocorrem em todos os tipos de seqüência discursiva controladas, assuntos de maior ou menor complexidade.</i>
? <i>Escopo</i>	<i>Condensação</i> Encurtamento das formas	Item relaciona-se com constituintes de complexidade arbitrária	<i>Ainda não é possível verificar.</i>
? <i>Vinculação</i>	<i>Coalescência</i> Colapsos das formas adjacentes	Item independentemente justaposto	<i>Ainda não é possível verificar.</i>
✓ <i>Variabilidade sintagmática</i>	<i>Fixação</i> Ordem linear livre torna-se mais fixa	Item pode se mover livremente	<i>Acho e parece quando marcadores de dúvida têm relativa mobilidade sintática.</i>

Dos seis parâmetros de Lehmann, quatro se verificam na gramaticalização de *acho* e *parece* na fala de Florianópolis, caracterizando gramaticalização fraca. Acredito que, além das constatações acerca da gramaticalização de *acho* e *parece* feitas por Galvão (1999), Neves & Votre (1999), Casseb-Galvão & Gonçalves (2001) e Gonçalves (2003), a verificação dos princípios de Hopper (1991) e dos parâmetros de Lehmann (1982) seja argumento definitivo para fechar a questão: sim, *acho* e *parece* realmente estão se gramaticalizando.

4.2 A variação

Até então, apresentei os pontos de convergência do processo de mudança pelo qual passam *acho* e *parece*, que compartilham bastantes características quando desempenham a função de *marcador de dúvida*. Seriam variantes de uma mesma variável lingüística? A análise estatística do programa computacional VARBRUL 2 S aponta que sim. Dos condicionadores aos quais as formas *acho* e *parece* quando desempenham a função de *marcadores de dúvida* foram correlacionadas, o *envolvimento* do falante com o assunto discorrido, o *aspecto* da ação sob o escopo das formas, a *presença/ausência do complementizador*, o *tipo de seqüência discursiva*, a *faixa etária* e a *complexidade do assunto* discorrido se mostraram atuantes na escolha de uma ou de outra forma para desempenhar a função. É importante salientar que somente as ocorrências de *acho* e *parece* desempenhando a função *marcador de dúvida* foram submetidas à análise estatística do programa IVARB, do VARBRUL2S.

A ordem de relevância apontada pelo programa IVARB para o condicionamento da escolha é a seguinte: 1º *envolvimento* do falante com o assunto discorrido; 2º *aspecto* da ação; 3º *presença/ausência de complementizador*; 4º *tipo de seqüência discursiva*; e 5º *complexidade* atribuída ao assunto discorrido.

4.2.1 Envolvimento

O primeiro fator selecionado pelo programa IVARB é o *envolvimento* do falante com o assunto discorrido. O *envolvimento* já foi caracterizado na seção destinada a

averiguar a sua influência no processo de gramaticalização de *acho* e *parece*. Retomando a distinção feita para o envolvimento, o *envolvimento direto* é caracterizado como aquele em que o falante deve ter vivido/experimentado a situação; o *envolvimento mediano* é caracterizado como aquele em que o falante se envolveu/vivenciou medianamente a situação, por intermédio de pessoas muito próximas, amigos, familiares; e já no *envolvimento indireto*, o falante soube da vivência/experiência da situação por outras fontes.

A distribuição das ocorrências de *acho* e *parece* como *marcador de dúvida* é retomada e comparada aos resultados probabilísticos.

TABELA 14: FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE ACHO E PARECE MARCADORES DE DÚVIDA QUANTO AO ENVOLVIMENTO

	Acho			Parece		
	Frequência	Percentual	Peso Relativo	Frequência	Percentual	Peso Relativo
<i>Envolvimento direto</i>	110	94%	0,83	7	6%	0,17
<i>Envolvimento mediano</i>	47	72%	0,43	18	28%	0,57
<i>Envolvimento indireto</i>	173	70%	0,33	75	30%	0,67
<i>Total</i>	330	77%	-	100	23%	-

A frequência de uso, tanto de *acho* como de *parece marcadores de dúvida*, relativamente ao envolvimento do falante com o assunto discorrido na seqüência discursiva, é maior em contextos cujo envolvimento é *indireto*, com 173 ocorrências de *acho* (o equivalente a 52% das 330 ocorrências da forma) e 75 de *parece* (o equivalente a 75% das 100 ocorrências da forma). O peso relativo de recorrência, porém, aponta para a tendência de polarização da forma quanto ao envolvimento. Quanto mais envolvimento do falante com o assunto discorrido, mais provável é o uso da forma *acho*, conforme pode ser observado na progressão proporcional do envolvimento, paralela à progressão do peso relativo: para *envolvimento direto*, o peso relativo é de 0,83, para *envolvimento mediano*, o peso relativo é de 0,43, e para *envolvimento indireto*, o peso relativo é de 0,33. O contrário

ocorre com a forma *parece*, que tem aumento da probabilidade de uso de acordo com o decréscimo do envolvimento do falante com o assunto discorrido: para *envolvimento direto*, o peso relativo é de 0,17, para *envolvimento mediano*, é de 0,57, e para *envolvimento indireto*, o peso relativo é de 0,67.

Os dados probabilísticos permitem que se hipotetize a tendência de uso *parece* *marcador de dúvida* > *envolvimento indireto* e *acho* *marcador de dúvida* > *envolvimento direto*.

4.2.2 Aspecto

O aspecto foi o segundo fator apontado pelo programa IVARB como significativo no condicionamento da escolha entre *acho* e *parece* para o desempenho da função de *marcador de dúvida*. Por aspecto foi considerada a propriedade de a ação/evento expressa na oração estar *acabada* (perfectivo) ou *inacabada* (imperfectivo). O tempo verbal e o item lexical (o verbo propriamente dito) podem expressar o aspecto da frase em que *acho* e *parece* desempenham a função de *marcador de dúvida*. Os exemplos que seguem ilustram a variável:

aspecto acabado

72. O meu irmão também se formou em edificações, o Vidomar, ele formou-se em Letras mas antes disso ele fazia elétrica, né? Então foi assim. Só que eu comecei a pegar mais gosto depois assim pela área da saúde, eu não posso lhe dizer o período certo assim, mas eu ACHO que foi dentro já da Escola Técnica, porque eu queria sair de lá, que não era aquilo ali, que eu queria ir pra área da saúde. Aí eu tentei várias vezes a área da saúde, não consegui. SC FLP

aspecto inacabado

73. E É maior a preocupação pela gravidez do que pela Aids?
F Do que pela Aids. É. Pelo menos nessas pessoas, né? que eu conheço. Agora os solteiros, os solteiros eu ACHO que não. Os solteiros eu ACHO que se preocupam bem mais é com a Aids mesmo. SC FLP

A recorrência de *acho* e *parece* está delineada na tabela:

TABELA 15: FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE *ACHO* E *PRECE* MARCADORES DE DÚVIDA QUANTO AO ASPECTO

	Acho			Parece		
	Frequência	Percentual	Peso Relativo	Frequência	Percentual	Peso Relativo
<i>Aspecto acabado</i>	119	66%	0,36	60	34%	0,64
<i>Aspecto inacabado</i>	211	84%	0,60	40	16%	0,40
<i>Total</i>	330	77%	-	100	23%	-

Os resultados relativos à frequência de uso apontam que a forma *acho* é muito mais recorrente em contextos cujo aspecto é imperfectivo (inacabado), contabilizando 211 das 330 ocorrências, o que equivale a 64% do total; já a forma *parece* é muito mais recorrente em contextos cujo aspecto é perfectivo (acabado), com 60 das 100 ocorrências. Os pesos relativos confirmam a tendência delineada pela frequência de uso: a forma *parece* é mais provável de ser utilizada em contextos de *aspecto acabado*, com peso relativo de 0,64, e a forma *acho* é mais provável de ser utilizada em contextos de *aspecto inacabado*, com peso relativo de 0,60.

Novamente, pode-se estabelecer uma relação entre as formas e seu contexto mais provável de uso: *parece marcador de dúvida* > *aspecto acabado* e *acho marcador de dúvida* > *aspecto inacabado*.

4.2.3 Complementizador

A presença do complementizador foi o terceiro fator mais significativo apontado pelo programa IVARB para o condicionamento do uso de *acho* e *parece* na função de *marcador de dúvida*. Tanto a forma *acho*, quanto a forma *parece*, em termos de frequência, são mais recorrentes com a presença do complementizador, computando 287 das 330 ocorrências de *acho* (o que equivale a 87%) e 68 das 100 ocorrências de *parece* (o que equivale a 68%).

TABELA 16: FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE ACHO E PARECE MARCADORES DE DÚVIDA QUANTO AO COMPLEMENTIZADOR

	Acho			Parece		
	Frequência	Percentual	Peso Relativo	Frequência	Percentual	Peso Relativo
<i>Presença de complementizador</i>	287	81%	0,55	68	29%	0,45
<i>Ausência de complementizador</i>	43	57%	0,28	32	43%	0,72
<i>Total</i>	330	77%	-	100	23%	-

Em termos probabilísticos, a presença do complementizador é levemente favorecida para a forma *acho*, com peso relativo de 0,55, e levemente desfavorecida para a forma *parece*, com peso relativo de 0,45.

Quando se trata da ausência do complementizador, os resultados são distintos. Das 75 ocorrências de marcadores de dúvida sem complementizador, 43 delas (ou seja, 57%) são da forma *acho*, e 32 de *parece* (43%). Os resultados probabilísticos, porém, indicam que é muito mais provável que *parece marcador de dúvida* ocorra sem complementizador do que *acho*. A forma *acho* apresenta peso relativo de apenas 0,28, contra 0,72 de *parece*.

Outra relação que pode ser feita então é *parece marcador de dúvida* > *ausência de complementizador* e *acho marcador de dúvida* > *presença de complementizador*.

4.2.4 Seqüência discursiva

O tipo de seqüência discursiva em que *acho* e *parece* ocorrem foi o quarto fator apontado pelo programa IVARB como condicionador da escolha entre as formas *acho* e *parece* no desempenho da função de *marcador de dúvida*. Retomando as distinções dos tipos de seqüência discursiva, as seqüências de *narrativa de experiência de vida* são os trechos em que o informante fala sobre fatos passados ou presentes, freqüentes ou específicos; em

seqüências de *opinião* o informante expõe seu ponto de vista sobre determinado assunto ou acontecimento, e em seqüências de *explicação*, o informante expõe o motivo, a razão de determinados assuntos. Os resultados relativos a esse fator estão na tabela:

TABELA 17: FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE ACHO E PARECE MARCADORES DE DÚVIDA QUANTO À SEQÜÊNCIA DISCURSIVA

	Acho			Parece		
	Frequência	Percentual	Peso Relativo	Frequência	Percentual	Peso Relativo
<i>Narrativa</i> ⁴⁸	162	70%	0,46	71	30%	0,54
<i>Explicação</i>	127	81%	0,56	29	19%	0,44
<i>Opinião</i>	32	100%	1	0	0%	0
<i>Total</i>	330	77%	-	100	23%	-

As formas *acho* e *parece* marcadores de dúvida são mais recorrentes em seqüências *narrativas*, em que há 233 ocorrências, das quais 162 são de *acho* (o equivalente a 70%) e 71 de *parece* (o equivalente a 30%). Em seqüências *explicativas*, das 156 ocorrências, 127 são de *acho* e 29 de *parece*, respectivamente 81% e 19% do total. Nas seqüências de *opinião*, o uso de *acho* como *marcador de dúvida* é categórico.

Em termos probabilísticos, a ocorrência de *acho* é levemente favorecida em explicações, com peso relativo de 0,56, e a ocorrência de *parece* é levemente desfavorecida, com 0,44 de peso relativo. Já nas *narrativas*, a forma *parece* é levemente favorecida, com peso relativo de 0,54, enquanto *acho* é levemente desfavorecida, com peso relativo de 0,46. Como em contextos de *opinião*, o uso de *acho* é categórico, a relação delineada pode ser resumida como *parece* *marcador de dúvida* > *seqüências narrativas* e *acho* *marcador de dúvida* > *seqüências argumentativas (opinião e explicação)*.

⁴⁸ À narrativa foram amalgamadas 11 ocorrências (5 de *parece* e 6 de *acho*) em seqüências descritivas.

4.2.5 Complexidade do assunto

A complexidade do assunto foi o quinto e último fator apontado pelo programa IVARB como significativo no condicionamento da escolha entre *acho* e *parece* para desempenhar a função de *marcador de dúvida*. Atribuir complexidade a um assunto é uma questão bastante delicada, já exposta quando foi tratada a gramaticalização. A mesma distinção feita anteriormente foi aplicada: o fato de o falante ter experienciado ou não o assunto que está sendo discorrido. Assuntos experienciados ou presumidamente experienciados devem ser menos complexos para o falante discorrer do que assuntos não-experienciados.

TABELA 18: FREQUÊNCIA E PROBABILIDADE DE ACHO E PARECE MARCADORES DE DÚVIDA QUANTO À COMPLEXIDADE DO ASSUNTO

	Acho			Parece		
	Frequência	Percentual	Peso Relativo	Frequência	Percentual	Peso Relativo
<i>Assuntos mais complexos</i>	85	74%	0,39	30	26%	0,61
<i>Assuntos menos complexos</i>	245	78%	0,54	70	22%	0,46
<i>Total</i>	330	77%	-	100	23%	-

O uso de *marcadores de dúvida* é muito mais freqüente em assuntos considerados *menos complexos*, tanto a forma *acho*, com 74% das 330 ocorrências, como a forma *parece*, com 70% das 100 ocorrências. Em termos de probabilidade, a ocorrência da forma *acho* para o desempenho da função de *marcador de dúvida* é levemente favorecida, com peso relativo de 0,54, enquanto a forma *parece* conta com peso relativo de 0,46, sendo levemente desfavorecida.

Quando a complexidade do assunto é considerada maior, embora a recorrência seja menor do que em assuntos de complexidade menor, a forma *parece* tende a

ser mais utilizada do que *acho*. O peso relativo de *parece* é de 0,61 enquanto a de *acho* é de 0,39.

A relação entre a complexidade do assunto e o uso de *acho* e *parece* pode ser esquematizada como *parece* marcador de dúvida > assuntos considerados mais complexos e *acho* marcador de dúvida > assuntos considerados menos complexos.

4.3 Considerações sobre a variação

Apesar da possibilidade de intercâmbio das formas, *acho* e *parece* tendem a ser utilizados em contextos específicos, condicionados por traços semântico-discursivos.

Na função *marcador de dúvida*, quanto mais envolvimento do falante com o assunto discorrido, mais provável o uso de *acho*, e quanto menos envolvimento do falante com o assunto discorrido, mais provável o uso de *parece*. Em contextos marcados por ações/situações imperfectivas, a forma *acho* tem ocorrência mais provável, ao contrário, em contextos marcados por ações/situações perfectivas, a ocorrência de *parece* é mais provável. Para seqüências discursivas narrativas, a probabilidade de ocorrência de *parece* é maior do que a de *acho* e, ao contrário, em seqüências discursivas argumentativas, a probabilidade de ocorrência de *acho* é maior do que a de *parece*. Em assuntos cuja complexidade foi considerada menor, a forma que tem mais probabilidade de ocorrer é *acho*, enquanto que em assuntos cuja complexidade foi considerada maior, a forma que tem mais probabilidade de ocorrer é *parece*.

A presença do complementizador, na função *marcador de dúvida*, é predominante, tanto para *acho* como para *parece*, mas ele tende mais a não ocorrer com a forma *parece* do que com a forma *acho*.

QUADRO 11: TENDÊNCIAS DE USO DE ACHO E PARECE NA FUNÇÃO MARCADOR DE DÚVIDA.

	Acho	Parece
<i>Envolvimento</i>	Direto	Não-direto
<i>Aspecto</i>	Inacabado	Acabado
<i>Complementizador</i>	Presença	Ausência
<i>Seqüência discursiva</i>	Argumentativa	Narrativa
<i>Complexidade</i>	Assuntos menos complexos	Assuntos mais complexos

4.4 Gramaticalização e variação

A possibilidade de tratar um fenômeno de mudança tanto da perspectiva da gramaticalização como da variação, em princípio, parece ser complicada, pois são abordagens que tomam a mudança sob pontos de vista diferentes.

O princípio de Hopper (1991) da *estratificação*, que prevê a possibilidade de emergência e coexistência de novas formas para o desempenho de uma função sem que isso signifique o desaparecimento imediato das formas preexistentes, aponta para a possibilidade de tratar fenômenos de gramaticalização também como fenômenos de variação lingüística.

Já os postulados de Wenreich *et alii* (1968) para o estudo do processo da mudança lingüística são fundamentados em três momentos: o falante aprende uma forma alternante para uma variável lingüística; o tempo em que as duas formas coexistem; e o tempo em que uma das formas torna-se obsoleta. Para que haja a mudança, necessariamente duas ou mais formas concorreram durante um tempo; a mudança pressupõe a existência de um período de variação.

O problema da união das abordagens não está no objeto de estudo, mas no enfoque dado ao processo: é *variação e mudança* ou *mudança e variação*? Na variacionista, a variação precede a mudança; na visão da gramaticalização, a mudança precede a

gramaticalização. É possível que nenhuma das duas abordagens esteja incorreta, e que todo mal-entendido seja por conta do recorte do objeto. Assim como a gramaticalização, a variação também é cíclica. Logo, períodos de variação seguem períodos de mudança, e assim sucessivamente: > *mudança* > *variação* > *mudança* > *variação* > *mudança* > As abordagens variacionistas recortam, no contínuo maior, um dado período de variação entre duas ou mais formas até momento em que a disputa se resolve, ou seja, há a mudança. As abordagens segundo o paradigma funcional da gramaticalização recortam, no contínuo maior, uma dada mudança, que abre possibilidade para variação. Ou seja, a mudança lingüística pode ser resolvida por meio de variação, que pode ser resolvida por uma mudança por gramaticalização e assim por diante, sucessivamente. Unir as duas abordagens é vantajoso porque permite uma visão mais ampla do fenômeno em questão, já que um olhar complementa o outro. No caso específico de *acho* e *parece* *marcadores de opinião* e *percepção* a *marcadores de dúvida* - que é um recorte de um contínuo maior - a abordagem variacionista vem trazer mais evidências à gramaticalização, especialmente no que se refere aos princípios estabelecidos por Hopper (1991), mais especificamente, ao princípio da *persistência* e da *especialização*.

Segundo o princípio da *persistência*, traços de sentido lexical original da forma que está passando por gramaticalização tendem a continuar, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical. Quando foi realizada a análise das possibilidades de variação de *acho* e *parece* quando desempenham a função de *marcador de dúvida*, os resultados probabilísticos indicaram cinco fatores que podem estar condicionando o uso das formas em contextos semântico-discursivos específicos.

As reminiscências do sentido dos verbos que originam as formas - *achar* e *parecer* - condicionam o contexto de uso de uma e de outra forma no desempenho da mesma função discursiva. A explicação para o fato de em contextos de envolvimento direto ser a forma *acho* a de maior probabilidade de ocorrência e *parece* em contextos de envolvimento indireto está na própria história das formas: *acho* é a forma cristalizada do verbo *achar* na primeira pessoa do singular do presente, e por isso, a mais provável de ocorrer em contextos cujo envolvimento do falante com o assunto discorrido é maior. Já a forma *parece* é a cristalização do verbo *parecer* na terceira pessoa do singular do tempo

presente, o que justifica o fato de ser a mais provável para ocorrer em contextos cujo envolvimento do falante é menor.

Quanto ao aspecto, é possível que o traço semântico dos verbos originários dos *marcadores de dúvida* seja uma explicação: *achar* é um verbo de cognição, do "mundo das idéias"; *parecer* é um verbo de percepção, do "mundo das coisas". *Achar, imaginar, pensar*, são verbos cujo sentido lexical remete ao futuro, a possibilidades, a coisas inacabadas. Já *parecer, perceber, ser* são verbos cujo sentido lexical remete ao concreto, à coisas palpáveis e às ações/situações acabadas.

As seqüências argumentativas são o ambiente discursivo mais propício para a ocorrência de *acho*. O sentido lexical do verbo + complementizador que deu origem ao *marcador de opinião* e ao *marcador de dúvida* pode ser o motivo do condicionamento da forma para uso em contextos argumentativos: *achar* é um verbo de cognição, do mundo das idéias. O sentido lexical do verbo que deu origem a *parece marcador de percepção* e ao *marcador de dúvida* também é a explicação para o fato da forma ocorrer em seqüências discursivas narrativas. *Parecer* é um verbo de percepção, remete ao mundo das coisas palpáveis, ao mundo das coisas que podem ser contadas. Também o fato de *parece* ser mais provavelmente utilizado em assuntos cuja complexidade presumida é maior e *acho*, em assuntos cuja complexidade presumida é menor, também pode ter motivação na origem discursiva das formas.

O verbo *achar* subcategoriza uma oração complemento; o verbo *parecer* subcategoriza uma oração sujeito, respectivamente ilustradas como *acho que vai chover* e *que vai chover parece*. Para as orações subjetivas em geral é mais fácil a ocorrência sem o complementizador, ou então a oração subordinada antecedendo a principal, coisa que para orações objetivas não é tão simples. Não é recorrente ouvir algo como *que vai chover acho*, já a ocorrência de *que vai chover parece* é intuitivamente mais provável. Dada a possibilidade das orações subjetivas antecederem ou sucederem a orações principal, possibilidade não permitida às orações objetivas, é mais fácil para *parece* ocorrer sem complementizador do que para *acho*.

Os fatores apontados na análise estatística como possíveis condicionadores do uso de uma e de outra forma em contextos semântico-discursivos diferenciados são

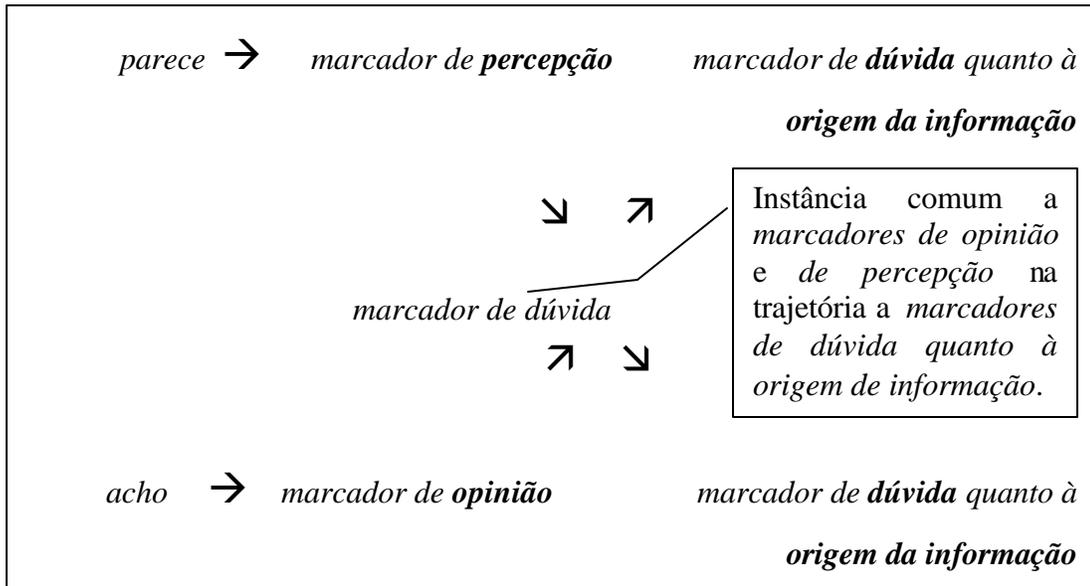
tributários do princípio da *persistência*. A abordagem variacionista vem a complementar a abordagem dada pelo paradigma funcional da gramaticalização.

O princípio de Hopper (1991) da *especialização* diz respeito à redução da possibilidade de escolha e um número reduzido de formas assume sentidos gramaticais mais gerais. Essa questão ficou pendente quando foi tratada na verificação da gramaticalização de *acho* e *parece* como marcadores de dúvida. Para verificar o princípio de especialização, era preciso resolver o seguinte problema: se as formas iriam se especializar em funções diferentes ou se uma delas iria predominar sobre a outra. A abordagem variacionista poderia dar pistas da possibilidade de especialização ou sobreposição das formas.

Os resultados probabilísticos da abordagem variacionista indicam que é possível que as formas estejam se especializando em funções distintas: na função *marcador de dúvida*, a forma *acho* tende a ocorrer em contextos semântico discursivos de maior envolvimento do falante com o assunto discorrido, quando está sob o escopo de ações/situações imperfectivas, em seqüências discursivas argumentativas, e em assuntos cuja complexidade foi considerada menor; para a forma *parece*, o ambiente semântico discursivo mais propício para a sua ocorrência no desempenho da função *marcador de dúvida* é caracterizado pelo menor envolvimento do falante com o assunto discorrido, sob o escopo de ações/situações perfectivas, em seqüências discursivas narrativas e em assuntos cuja complexidade foi considerada maior.

Essas especificidades contextuais vão ao encontro da hipótese mais geral, de que as formas *acho* e *parece* estão se gramaticalizando como *marcadores de origem da informação* e entrando em um paradigma de evidencialidade, como exposto na introdução e respaldado por proposta de estudos, como o de Galvão (2002) e o de Dall'Aglio-Hattner *et alii* (2001).

QUADRO 12: REVISÃO DO CONTÍNUO PROPOSTO PARA A GRAMATICALIZAÇÃO DE ACHO E PARECE



A hipótese de que *acho* e *parece* estão em um contínuo de gramaticalização cujo alvo é o paradigma da evidencialidade tem fundamentação nos resultados probabilísticos. Assumindo como verdade, *acho* e *parece*, na próxima instância, possivelmente passarão a desempenhar a função de *marcadores de dúvida quanto à origem da informação*. A variação entre as duas formas no desempenho da função de *marcador de dúvida* é, pois, um estágio transitório da mudança pela qual *acho* e *parece* passam, de verbos + complemento oracional a *marcadores de dúvida quanto à origem da informação*, passando por instâncias intermediárias de *marcadores de opinião* e *percepção* e *marcadores de dúvida*.

5 E A MUDANÇA SEGUE

Inicialmente, expus a hipótese do surgimento de um sistema de marcas evidenciais no português e, dentro deste contexto, delimito como instância do processo a variação do uso de *acho* e *parece* como *marcadores de dúvida*⁴⁹. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos variacionista e do paradigma funcional da gramaticalização, delimito as possibilidades de análise do fenômeno, além de apresentar e discutir os estudos já feitos. Feito o recorte do contínuo, o tratamento estatístico da recorrência de uso das formas permitiu delinear a trajetória da mudança e da variação de *acho* e *parece* na fala de Florianópolis.

A solução do problema da variação entre *acho* e *parece* no desempenho da função de *marcador de dúvida* poderia ser a *especialização*, em que após a instância de variação, cada uma das formas tenderia a seguir um caminho, ou a *sobreposição*, em que a forma mais recorrente tenderia a predominar sobre a outra forma na função e possivelmente ampliando ainda mais seu contexto discursivo de uso. Os resultados probabilísticos apontam especificidades contextuais para o uso de *acho* e *parece*, indicando o rumo da *especialização*, o que vai ao encontro da hipótese geral de que as formas *acho* e *parece* estão se gramaticalizando como *marcadores de origem da informação* e entrando em um paradigma de evidencialidade, hipótese respaldada por propostas de estudos, como o de Galvão (2002) e o de Dall'Aglio-Hattner *et alii* (2001).

⁴⁹ Falta discutir mais tecnicamente o que é evidencialidade e qual a sua relação com a modalidade. É um campo em aberto para muitas reflexões.

Dentro da teoria da variação, Wenreich *et alii* (1968) postulam que as mudanças estão encaixadas dentro da estrutura lingüística. Nesse sentido, este estudo, os estudos já feitos e estudos em andamento, como o de Galvão (2002, 1999), Dall’Aglío-Hattner *et alii* (2001), Casseb-Galvão & Gonçalves (2001), Gonçalves (2000), Casseb-Galvão (2000) e Neves & Votre (1999) vêm a descrever e discutir uma mudança em andamento no português falado no Brasil: o surgimento de marcas evidenciais. Estudos para evidenciar a hipótese de gramaticalização de *acho* e *parece* como *marcadores de origem da informação*, e também complementar as evidências da instância anterior, marcadores de dúvida, serão de grande valia. Seguem alguns comentários e sugestões para análises posteriores.

5.1 Gramaticalização e expansão do contexto de uso

O percurso de gramaticalização de *acho* e *parece* tem muitas semelhanças. Ambas as formas têm origem verbal, cuja estrutura sintática é de verbo que subcategoriza oração complemento. Também a forma-alvo apresenta semelhanças: ambos tendem a se encaixar no sistema evidencial que pode estar se desenvolvendo no português, atuando como marcadores de origem de informação. Dadas as similaridade de origem, é bastante previsível que, durante o processo de gramaticalização, as formas *acho* e *parece* superponham funções. A justificativa para a superposição das funções pode ser a expansão do sentido, apontada por Bybee (2001) como consequência do aumento da frequência de uso, e consensualmente apontada como característica da gramaticalização⁵⁰.

Porém, a questão da expansão do contexto de uso deve ser retomada para esclarecer uma questão que abandonei nesta pesquisa que são as construções verbo + predicativo⁵¹, que são equivalentes ao que Galvão (1999) chama de ACHAR2’. Discordo

⁵⁰ Segundo Bybee, o aumento da frequência condiciona um aumento da autonomia da construção, ou seja, os elementos que a compõem enfraquecem semanticamente ou perdem a sua associação com outros exemplos do mesmo item. A perda da transparência semântica de construções em processo de gramaticalização leva à ampliação do seu contexto de uso, ampliando a possibilidade de novas associações pragmáticas: novas funções são originadas nos contextos em que a palavra ou construção que passa por gramaticalização são usadas com mais frequência.

⁵¹ Ilustram as construções verbo + predicativo: "Modelo e artista, porque eu ACHO muito legal trabalhar em novelas, em ser modelo, essas coisas"; "Estética eu nunca gostei porque eu ACHO um pecado fazer isso com um bicho."

que estas construções estejam na mesma trajetória de gramaticalização que estão os *marcadores de dúvida* pois elas estão em outro plano de modalidade diferente da dúvida e da incerteza; ao contrário, codificam certeza e convicção.

Se a gramaticalização é um processo unidirecional porque segue do plano mais concreto ao plano mais abstrato, tanto no plano conceitual como no plano estrutural. No estágio *achar 2'* de Galvão, considerando a unidirecionalidade do plano estrutural no processo de gramaticalização, há a quebra da continuidade das propriedades 'presença e tipo de argumento interno' e 'tipo de sentença em que aparece'. Retome-se novamente o excerto do quadro de Galvão, que ilustra a quebra a que estou me referindo.

QUADRO 13: QUEBRA DE CONTINUIDADE DAS PROPRIEDADES DO CONTÍNUO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE ACHAR PROPOSTO POR GALVÃO (1999)

PROPRIEDADES	ACHAR1	ACHAR2 APRECIAÇÃO	ACHAR 2'	ACHAR3 PALPITE	ACHAR4
PRESENÇA E TIPO DE ARGUMENTO INTERNO	SN que pode vir ou não realizado foneticamente, com o traço [+ concreto]	Oracional	SN que pode vir ou não realizado foneticamente, é predicado por um qualificador [+ abstrato]	Oracional	Perda de argumento interno
TIPO DE SENTENÇA EM QUE APARECE	Absoluta/ Hipotática/ Núcleo/ Encaixada	Principal	Absoluta/ Núcleo/ Principal	Principal	Depois de uma emissão completa de raciocínio e pausa (fora da oração)

O estágio *achar2'* está entre dois estágios (*achar2 apreciação* e *achar3 palpite*) caracterizados pela presença de argumento interno *oracional* e que ocorrem em sentenças *principais*; *achar2'*, segundo Galvão, ocorre em sentença absoluta, oracional ou principal, além de poder ser predicado por um qualificador. Acredito que seja mais possível que o estágio *achar2'* constitua na verdade uma outra instância de gramaticalização, também originária do verbo pleno *achar1*, mas não necessariamente um estágio para *achar3* e *achar4*. É uma possibilidade que merece ser estudada com mais detalhes.

5.2 Análise diacrônica

Furtado da Cunha *et alii* (1999) destacam a importância da abordagem pancrônica no retrato da mudança via gramaticalização. Onde iniciar o contínuo temporal para retratar a gramaticalização. O estudo da gramaticalização do verbo *achar* apresentado por Furtado da Cunha *et alii* toma como ponto de partida o português arcaico. Português arcaico, dos séculos XIII a XV e português brasileiro são a mesma língua? Ainda dentro do português brasileiro, não existem diferenças regionais? Se o propósito da gramaticalização é buscar as origens, seria melhor iniciar no latim, mas ainda seria pouco, pois há proto-indoeuropeu reconstituído pelos neogramáticos, e possivelmente haveria outras línguas antes do proto-indoeuropeu, embora não se tenha registro ou reconstituição. A abordagem pancrônica, ou seja, aliando diacronia à sincronia é uma proposta de análise produtiva, desde que sejam estabelecidos claramente os critérios para delimitar o marco zero.

5.3 Frequência de uso: aspectos morfofonêmicos

A frequência de uso também é responsável, segundo Bybee (2000), pelas mudanças no plano morfofonêmico da gramaticalização. Palavras ou construções que são frequentemente repetidas tendem mais a ser encurtadas do que palavras e construções de baixa frequência. A gramaticalização envolve a fusão fonológica de morfemas ou palavras que anteriormente eram separados. Na fusão também atua a frequência: as combinações de palavras que ocorrem juntas muito frequentemente são armazenadas e processadas como um só bloco.

A questão que cabe aqui diz respeito ao escopo da reanálise de *acho* e *parece*: as formas de *marcador de dúvida* seriam originadas de verbo ou de verbo + complementizador? De acordo com Bybee, se a combinação verbo + complementizador é a mais frequente, então é possível que essa seja a forma que está se gramaticalizando. A teoria fonológica suporta essa possibilidade⁵². Mendes (1999) recorre à teoria fonológica

⁵² A hierarquia prosódica, segundo Bisol (1999, p. 230), é a seguinte: enunciado > frase entonacional > frase fonológica > grupo clítico > palavra fonológica > sílaba. Se a reanálise de *acho* e *parece* abarca o

para explicar as transformações fonêmicas na gramaticalização de construções *estar + gerúndio*. Porém, acredito que uma análise acústica seja necessária para um veredicto final quanto ao escopo da reanálise de *acho* e *parece*.

5.4 Influência de fatores externos

Estudos sob a ótica do paradigma funcional da gramaticalização não costumam considerar a influência dos fatores sociais na evolução do fenômeno. O resultado obtido no estudo da gramaticalização de *acho* e *parece* confirma a influência da faixa etária no processo, assim, como o estudo de Tavares (1999) e também o de Gorski *et alii* (2002). Nesse sentido, a abordagem sociolingüística é uma excelente aliada para uma delimitação mais precisa da instância de gramaticalização, uma vez que ajuda a elucidar, em termos de grupo social, por onde a forma começou a entrar na língua. Seria interessante verificar o comportamento do processo com a ampliação do contexto social, com a inclusão de novas faixas etárias e de escolarização, mais um ponto em aberto na pesquisa.

complementizador, o resultado é um grupo clítico, como fala-se e te espero. O grupo clítico é a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo, definição que se ajusta às formas *acho que* e *parece que*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMON, U., DITTMAR, N., MATTEIR, K. (eds.) **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter, 1988.
- ANDROUTSOPOULOS, J. **Grammaticalization in young people's language: the case of gemain**. Disponível em http://www.rzuer.uni_heidelberg.de/~iandrout/papers/gramm.html. Acessado em 12/06/2000.
- BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.
- BYBEE, J., PERKINGS, R., PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- _____. **Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency**. Disponível em <http://www.unm.edu/~jbybee/mechofchng.htm>, acessado em 18/07/2001.
- _____, HOPPER, P. (eds.) **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.
- CASSEB-GALVÃO, V., GONÇALVES. **Modalidade e gramaticalização: os casos de achar e parecer**. In: Revista Estudos Lingüísticos: São Paulo, 2001. n. 30. [cd-rom]
- CASTILHO, A., CASTILHO C. **Advérbios modalizadores**. In: R. Ilari (org.), 1993. p. 211-260.
- _____. **Para o estudo das unidades discursivas no português falado**. In: A. Castilho (org.), 1989. p. 249-279
- _____, (org.) **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989.
- CEDEGREN & SANKOFF. 1972
- COELHO, I. FREITAG, R. TAVARES, A. (orgs.). **Projeto Varsul**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002. [pôster apresentado na Sessão de Pôsteres Banco de Dados, no XVII Encontro Nacional da Anpoll, em Gramado, RS].
- CONSTANTE, S. **O parece que está se gramaticalizando, parece**. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas, 2000. [relatório de Iniciação Científica]
- DAL MAGO, D. **Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização**. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2001. [dissertação de mestrado].

DALL'AGLIO-HATTNER, M., GASPARINI-BASTOS, S., GONÇALVES, S., CASSEB-GALVÃO, V. **Modalidade e evidencialidade: estratégias de descomprometimento**. Marília, 2001. [hand-out de comunicação coordenada do 49º GEL]

ESPÍNDOLA, L. **Né?, (eu) acho (que) e aí: operadores argumentativos do texto falado**. Florianópolis, UFSC: 1998. [tese de doutorado]

FLOYD, R. **The structure of evidential categories in Wanka Quechua** Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1999. p. 1-39

FREITAG, R. **Eu acho que está se gramaticalizando, eu acho**. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas, 2000. [relatório de Iniciação Científica]

_____. **Estratégias de modalização epistêmica na fala dos florianopolitanos: talvez vs. (eu) acho (que)**. In: Anais do IV Encontro do CELSUL, 2001. [cd-rom].

FURTADO DA CUNHA, M., OLIVEIRA, M., VOTRE, S. **A Interação Sincronia/Diacronia no Estudo da Sintaxe**. DELTA vol.15 n.1 São Paulo Feb./July 1999. Pp????

GALVÃO, V. **O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. Campinas: Unicamp, 1999. [dissertação de mestrado]

_____. **Gramaticalização no português do Brasil: o caso do *diz que***. Campinas: Unicamp, 2000. [projeto de doutorado].

_____. **Aspectos de um estudo funcionalista da modalidade evidencial**. Disponível em http://sw.npd.ufc.br/abralin/anias_con2int-cc53.pdf. Acessado em 17/12/2002.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York, San Francisco, London: Academic Press, 1979.

_____. **Serial verbs and the mental reality of 'event': grammatical vs. cognitive packaging**. In: E. Traugott, D. Heine (eds.), 1991. p. 81-127

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GONÇALVES, S. **Gramaticalização de *parece que***. Campinas: Unicamp, 1999. [projeto de doutorado].

_____. Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil. Campinas: Unicamp, 2003. [tese de doutorado]

GORSKI, E. *et alii*. **Variação e mudança de itens de base verbal e adverbial: funções e formas concorrentes**. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas, 1999. [Projeto integrado de pesquisa]

GUY, G., HORVATH, B., VONWILLER, J., DAISLEY, E., ROGERS, I. **An intonational change in progress in Australian English**. In: Language, n. 15, 1986. p. 23-52

HEINE, B., REH, M. **Grammaticalization and reanalysis in African languages**. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

_____, CLAUDI, U., HÜNNEMEYER, F. **From cognition to grammar – evidences from african languages**. In: In: E. Traugott, D. Heine (eds.), 1991a. v. 2. p. 149-187

_____, _____, _____. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991b.

HOPPER, P. **Emergent grammar**. In: Berkeley Linguistics Society, n. 13. 1987. p. 139-157.

_____. **On some principles in the grammaticalization**. In: E. Traugott, B. Heine (eds.), 1991. p. 17-35

_____, TRAUOGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, R. (org.) **Gramática do português falado**. Campinas: ed. da Unicamp/FAPESP, 1993. v. 2.

KNIES, C., COSTA, I. (orgs.) **Manual do usuário banco de dados lingüísticos Varsul**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Paraná, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.

LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972 a.

_____. **Language in the inner city**. Philadelphia, University of Philadelphia Press 1972 b

_____. **Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera**. In: Sociolinguistics Working Paper, Austin: Southwest Educational development laboratory, 1978. n. 44. p. 43-88

_____. **Building on empirical foundations**. In: W. Lehmann e Y. Malkiel (eds.), 1982. p. 17-41

_____. **Principles of linguistic change - internal factors**. : Blackwell, 1994.

LANGACKER, R. **Syntatic reanalysis**. In: C. Li, 1977. p. 57-139.

LAVANDERA, B. **Where does the sociolinguistic variable stop?**. In: Language Society, 1978, n. 7. p. 171-182

LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

LI, C. **Mechanisms of syntatic changes**. Austin: University of Texas Press, 1977.

MACEDO, A., SILVA, G. **Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais**. In: A. Macedo, C. Roncarati, M. Mollica (orgs.), 1996. p. 11-49

_____. , RONCARATI, C., MOLLICA, C. (orgs.) **Varição e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARCUSCHI, L. **Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições**. In: A. Castilho (org.) 1989. 281-321

_____. **A hesitação**. In: M. Neves (org.), 1999. p. 157-241

MARTELOTTA, M., VOTRE, S., CEZARIO, M (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTINS, L. Bem e bom e suas multifunções na fala da região sul do Brasil. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2003. [dissertação de mestrado].

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. 6^a ed. Paris: Librairie Honoré Champion Éditeur. 1965.

MENDES, R. **A gramaticalização de estar + gerúndio no português falado**. Campinas: Unicamp, 1999. [dissertação de mestrado].

MOLLICA, M., SOUZA, C. **Questões teórico-descritivas em Sociolingüística e em Sociolingüística Aplicada e uma proposta de agenda de trabalho**. Universidade Federal Fluminense, 2000. [GT de Sociolingüística da Anpoll]

NARO, J. **Varição e funcionalidade**. In: Revista Estudos Lingüísticos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. v. 7, n. 2. (p. ???)

NEVES, M. (org.) **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

NEVES, R., VOTRE, S. **Gramaticalização do verbo achar**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999. [Projeto Discurso e Gramática]

PALMER, F. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. [reimpressão de 1995]

PINTZUK, S. **Varbrul programs**. 1988. [mimeo]

- PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais (NURC/USP)**. 3. Ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFCH/USP, 1997.
- ROSA, M. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992. [coleção Repensando a língua portuguesa]
- ROST, C. **Olha e veja: multifuncionalidade e variação**. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2002. [dissertação de mestrado].
- SANKOFF, D. **Variable rules**. In: U. Ammon, N. Dittmar e K. Matthei (eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.
- SCHERRE, M. **Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores**. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.
- TAVARES, M. **Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores**. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 1999. [dissertação de mestrado].
- _____, A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2003. [tese de doutorado].
- THOMPSON, S. MULAC. A. **A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English**. In: E. Traugott, D. Heine (eds.), 1991. p. 313-329
- _____, HOPPER, P. **Transitivity, clause, and argument structure: evidences from conversation**. In: J. Bybee & P. Hopper (eds.) 2000. p. 27-60.
- TRAUGOTT, E. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Manchester: Stanford University, 1995. p. 1-29
- _____, HEINE, D. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1 e 2.
- URBANO, H. **Marcadores conversacionais**. In: D. Preti (org.), 1997. p. 81-103
- VALLE, C. **SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos**. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2001. [dissertação de mestrado].
- VINCENT, D., VOTRE, S. LAFOREST, M. **Grammaticalisation et post-grammaticalisation**. In: *Langues et Linguistique*, n. 19, 1993. p. 71-103
- WEINER, J., LABOV, W. **Constraints on the agentless passive**. In: *Journal of Linguistics*, 1983. n. 19. p. 29-58
- WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. **Empirical foundations for a theory of language change**. Austin: University of Texas Press, 1968. [reimpressão]